Diário de Lisboa

Fundador **Joaquim Manso** Director **A. Ruella Ramos** Director-adjunto **Fernando Piteira Santos**

Ano 63.° N.° 21 282
Outubro 1983
Segunda-feira

17 20$00

Portugal e a Europa

A Europa, na opinião de Jaime Gama, não parece interessada em receber como conviva, no festim da sua prosperidade aparente e da sua crise real, este nosso Portugal pelo PS e pelo PSD governado. Não assume este Governo, com outros pecados seus, este que é mais um pecado europeu: o da ingratidão. Quisemos integrar-nos na Europa, considerámos essa integração, no Mercado Comum e nas estruturas comunitárias, a prioridade das prioridades e a nossa adesão é relegada no tempo e, praticamente, adiada para as calendas gregas. Expressão que não é metafórica porque a entrada para a Europa das Comunidades realmente depende da reunião dos chefes de Estado dos países da CEE que terá lugar em Atenas, no próximo dia 6 de Dezembro.

Da Grécia, onde foi

Continua na pág. 24

Para lhes reforçar as posições

Socialistas "do Sul" dizem querer Portugal na CEE

Os socialistas do Sul da Europa, reunidos em Atenas neste fim-de-semana, anuíram em apadrinhar os esforços de Mário Soares para forçar a entrada de Portugal na CEE o mais rápidamente possível.

O Primeiro-Ministro português contava, à partida, com o apoio do primeiro-ministro grego, George Papandreou, muito interessado na entrada dos dois parceiros da Península Ibérica na Comunidade para reforçar a posição negocial dos países do Sul dentro da organização. Mas conseguiria chamar também a si, abertamente, o primeiro-ministro italiano, Craxi, que se mostrou hostil às barreiras erguidas pela França para adiar a adesão da Espanha e de Portugal, enquanto a CEE não tiver resolvido os seus problemas internos.

Pierre Mauroy, primeiro-ministro francês, ficou assim isolado entre os seus pares socialistas, mas ainda esta manhã na conferência de Imprensa com que encerrou a sua participação na cimeira socialista de Atenas voltou a não se desviar das posições conhecidas da França, apenas admitindo que «a adesão de Portugal e Espanha ao Mercado Comum deve ser resolvida juntamente com os problemas estruturais das respectivas sociedades». Até então a França vinha afirmando que a adesão estaria facilitada depois de os dois candidatos ibéricos terem modificado as estruturas da sua economia.

A cimeira socialista estudou, também, a situação na América Central, tendo apoiado as posições do Grupo de Contadora. No entanto, segundo afirmou Mário Soares aos jornalistas portugueses, começa a recear-se que a Nicarágua esteja num processo irreversível de «cubanização».

A cimeira socialista ouviu a esse respeito uma exposição do primeiro-ministro espanhol, Felipe Gonzalez, tendo sido adoptada uma posição crítica quanto à política de Reagan para esta região.

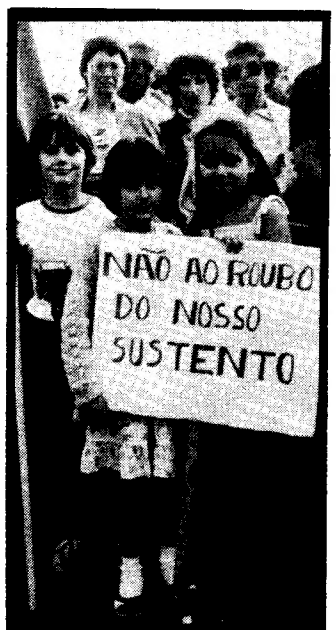
A situação no Médio Oriente, particularmente o constante agravamento da situação do Líbano as dificuldades em que se encontra a ala moderada da OLP (Organização de Libertação da Palestina) liderada por Yasser Arafat foi também passada em revista.

Nas declarações finais, Mário Soares considerou o balanço da conferência como «Extremamente positivo» e susceptível de «criar laços e conexões susceptíveis de facilitar a adesão de Portugal ao Mercado Comum».

Pág. 10

Chicago: 2500 contos para Rosa Mota

Pág. 18



Cerca de meio milhão desceu à rua no sábado

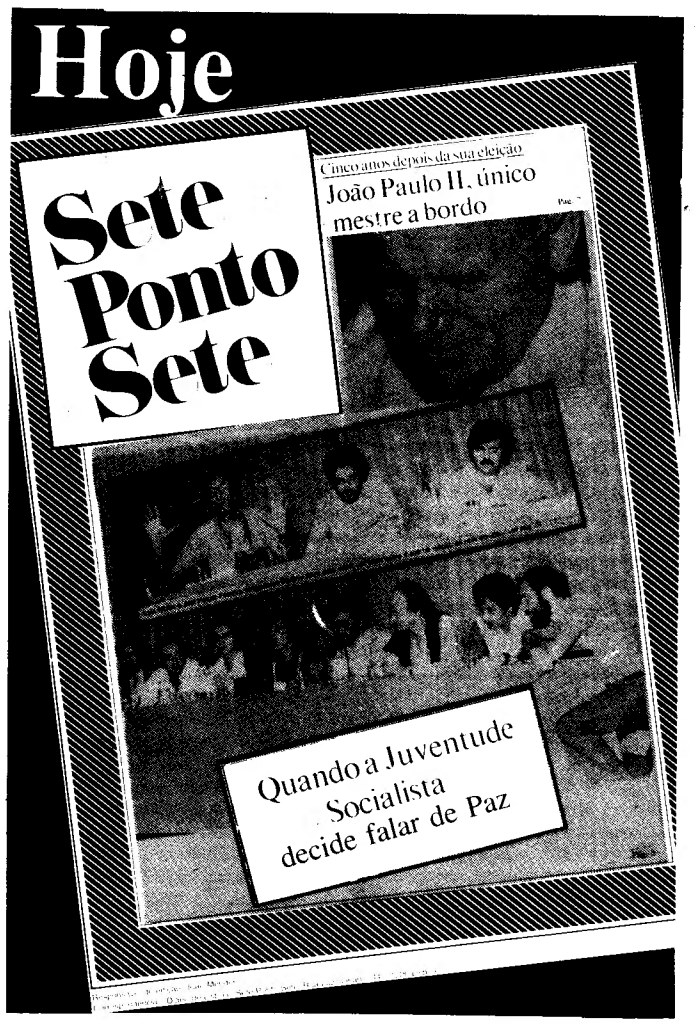
Págs. 11

Defesa dos Direitos do Homem não admite desvios

— *afirma Eanes no Funchal*

«A defesa dos Direitos do Homem não é uma questão de circunstância ou um valor que se possa subordinar a outras considerações. Para a democracia, é um valor essencial que não admite desvios» — afirmou esta manhã o Presidente da República, Ramalho Eanes, ao discursar na sessão de abertura do colóquio sobre «Direitos do Homem e os estrangeiros na Europa». Eanes, que após a sessão inaugural deste colóquio, promovido pelo Conselho da Europa, regressará a Lisboa, frisou que Portugal sabe «reconhecer o valor da ligação entre a democracia e o respeito pelos Direitos do Homem» e acrescentou: «Conhecem-se os exemplos de regimes ditatoriais que se implantaram ou se justificam em nome de uma certa ideia de felicidade dos povos ou de certos valores de realização social» mas «esses regimes conduzem à limitação da dignidade humana na medida em que impõem um modelo de comportamento e recusam a liberdade de escolha».

Pág. 14



Pacifistas manifestaram-se na Alemanha Federal

Ao mesmo tempo que, em Viena, os ministros dos Negócios Estrangeiros da URSS e da RFA não conseguiam chegar a acordo quanto às negociações que decorrem em Genebra entre a União Soviética eos Estados Unidos, cerca de 40 mil pacifistas manifestaram-se, este fim-de-semana, em várias cidades da RFA, contra a instalação dos Euromísseis americanos. Em Bremerhaven, cidade do Mar do do Norte, o bloqueio ao quartel das Forças Armadas americanas «Carl Schurz» saldou-se em cem manifestantes detidos e oito polícias feridos. Na foto, dois jovens procuram pedras para apedrejar uma carrinha de polícia que se encontrava perto do quartel americano. Os efectivos policiais que aí se encontravam rondavam os 6.500 homens.

Págs. Centrais

Comando sul-africano ataca em Maputo

Escritórios do ANC destruídos à bomba

Págs. centrais

ENVIE JÁ AS SUAS COLECÇÕES VERA DOK

Leia instruções na pág. 2

Crónica de Economia Política

As cartas e as intenções

Mário Murteira

EM Maio de 1978, o governo português acordava com o FMI, nos termos da **Carta de Intenções** então assinada, um programa de estabilização visando «consolidar a balança de pagamentos e reduzir as tensões inflacionistas mantendo, por outro lado, uma taxa de crescimento positiva da economia de modo a conter o desemprego. Estes objectivos deverão ser conseguidos através de restrições fiscais, monetárias e salariais conjugadas com uma política cambial, como mais adiante se expõe.» Na mesma carta, reconhecia-se que «...é principalmente através de uma política orientada para a superação destes problemas estruturais da economia que o desequilíbrio externo poderá ser controlado numa base mais duradoura. Com esta finalidade, será adoptada uma estratégia de médio prazo tendente a reestruturar e aumentar a produtividade da indústria e a modernizar a agricultura.»

Cinco anos volvidos, nova Carta de Intenções dirigida ao FMI é assinada pelo Governo Português. Embora o seu teor não seja ainda do conhecimento público, notícias da imprensa revelam o seu conteúdo essencial. Assim, numa **nota informativa sobre política conjuntural**, emanada do Ministério das Finanças em Agosto último, depois de se reconhecer que a «situação financeira global que o IX Governo veio encontrar assume aspectos de extrema gravidade, com particular incidência no desequilíbrio das contas externas» afirma-se que «deixar prosseguir esta tendência equivaleria, num prazo breve, ao esgotamento das reservas de ouro do País. Se a irresponsabilidade chegasse a um tal ponto, a cessação de pagamentos ao estrangeiro acabaria por ser um facto inevitável, com a consequente ruptura de importações essenciais (...)». Em consequência, apontam-se as grandes linhas da política de estabilização a seguir, descritas na Carta de Intenções enviada à administração do FMI.

O indicador global mais significativo da evolução económica entre as duas Cartas refere-se ao défice das transacções correntes em percentagem do PIB. Nos últimos anos, evoluiu como segue:

1977	1979	1982
9	0.3	13.5

O programa de estabilização de 1978 tem assim flagrante sucesso em termos de efeitos a curto prazo sobre o défice das transacções correntes: em 1979, a balança corrente estava praticamente equilibrada. Todavia, três anos volvidos, o desequilíbrio explode novamente, enquanto a dívida externa atinge 58% do PIB, «índice que se situa entre os mais elevados de todo o Mundo», como se reconhece na citada nota do Ministério das Finanças.

Como explicar evolução tão contrastada, em período tão curto?

Segundo Silva Lopes, o factor mais influente na recuperação de 79 foi a melhoria na «competitividade externa» medida pela relação entre os custos em trabalho por unidade de produto em Portugal e num conjunto de países preponderantes no nosso comércio externo, tendo em consideração as taxas de câmbio efectivas das moedas nacionais. Por outro lado, segundo o mesmo autor, a deterioração posterior a 79 resulta da diferente política cambial seguida, perdendo-se novamente partes de mercado para as exportações e turismo. Reconhece, além disso, que o investimento privado no sector exportador não reagiu positivamenta às desvalorizações de 77/79 embora «as alterações de política depois de 1980 sugerem que os investidores tinham razões válidas para as suas hesitações.» (1)

Mas talvez se possa afirmar mais profundamente que a recuperação de 79 era «fácil» em termos de correcção das perdas de posição no mercado externo em parte decorrentes da conjuntura pré-revolucionária de 74/75. Mas que essa facilidade era também ilusória se questões mais fundas de natureza estrutural não fossem entretanto superadas. Aliás, como reconheceram os próprios subscritores da Carta de 1978.

Por outro lado, as eleições parlamentares de 1979 e 1980 e as alterações na situação política daí decorrentes tiveram funestas consequências na política económica praticada no período, tal como a conjuntura económica internacional pesou desfavoravelmente nos pagamentos externos, por razões sobejamente conhecidas. Mas não é difícil reconhecer que a «estabilização» de 77/78 foi relativamente branda nas suas consequências, comparativamente à que agora se pratica. E isto, pelo menos, num duplo aspecto: quanto ao crescimento económico; quanto à degradação das condições de vida da população.

No que se refere ao crescimento, a Carta de 1978 assumia ainda um crescimento positivo (passe a redundância) da economia portuguesa, que efectivamente se verificou, enquanto agora é explicitamente planeado o seu decrescimento. E também ao contrário de 78, é claramente anunciada a redução do salário médio dos trabalhadores, em termos reais. Não se notam, ainda, sérias preocupações em matéria de actuações directas visando a redução da inflação e do desemprego, bem ao contrário, tudo se conjuga na direcção oposta.

Se os sacrifícios de 83 se anunciam bem mais duros do que os de 78, serão mais tangíveis e duradouros os resultados positivos a médio prazo? Talvez se possa reconhecer, antes do mais, que entrámos na época da nossa história económica em que o entesouramento de ouro e divisas da fase colonial e salazarista, obtido nas condições que se conhecem, não permite mais alimentar a irresponsabilidade da gestão económica do País. E reconhecer, também, que ainda se não vislumbram os contornos da política económica de médio e longo prazo, relativamente consensual em termos de forças políticas dominantes, e convincente em termos puramente económicos, que dê credibilidade à austeridade imposta aos cidadãos. É provável que a questão condicione em boa medida a próxima grande batalha política, em torno do Presidente da República. Não porque o eleitorado seja sensível às discussões mais ou menos técnicas dos economistas. Tão-pouco porque ainda atribua aos discursos políticos, ingenuamente, o seu valor facial. Apenas porque as instituições políticas e os seus dirigentes são finalmente julgados pelos resultados sobre a vida do cidadão comum, ao menos quando o seu voto continua livre. (2)

(1) **IMF Conditionality in the Stand-by Arrangement with Portugal of 1978** (comunicação apresentada à conferência organizada pelo Institute for International Economics sobre «IMF conditionality», 1982).

Uma síntese bibliográfica sobre o tema, por nós elaborada, foi publicada na **Revista del Pensamiento Iberoamericano**, n.º 2, 1982.

2) Extracto do artigo a publicar no próximo número de Economia e Socialismo, **número centrado do tema «Crise da Economia e Crise da Política Económica Portuguesa», que sairá em Novembro.**

Os movimentos pacifistas

Porfírio Silva

Na edição de 08/09/83, o «Diário de Lisboa» publicou um artigo com o título «A força de um Festival da Paz», subscrito por José Castro Caldas, da Comissão Coordenadora do Festival «Dêem uma oportunidade à Paz» e dirigente da Juventude Comunista Portuguesa.

Nesse texto pode ler-se, nomeadamente: «Entre as muitas lições do «Dêem uma oportunidade à Paz» uma sobressai – o sectarismo político está velho. Que o diga, por exemplo, a Juventude Socialista que combatendo o Festival acabou (em artigo em «O Jornal») por se ver obrigada a intervir no grande debate público que o Festival proporcionou, e por subscrever posições sobre os problemas da paz, que, em contradição com os da direcção do PS, muito fazem lembrar as que o próprio Festival consagrou».

Ora, tais afirmações, por curiosas, merecem um comentário esclarecedor. É isso que passaremos a fazer.

«A Juventude Socialista considera que a manipulação e utilização abusiva do conceito e dos movimentos pacifistas por partidários de um dos blocos é dos piores serviços que se podem prestar à Paz». (in **«Declaração sobre a Paz»**)

Parece-nos claro o ponto acima referido da Declaração sobre a Paz: o pacifismo e os seus movimentos só o são autenticamente quando são «a paz em movimento» – construindo-se – e não «um ponto de vista sobre a paz». O investigador pode medir o equilíbrio-/desequilíbrio de forças e, mais ou menos friamente, pronunciar-se sobre as questões políticas e geoestratégicas do desarmamento. O pacifista, mesmo que seja também investigador, é um «experimentador de paz»; um radical, no actual estado de coisas.

O sentimento e os movimentos pacifistas só o são autenticamente, também , quando questionam as causas profundas da guerra, do armamento acelerado, da agressão e da agressividade. A atitude fácil de declarar «não queremos estas e aquelas armas» não constitui em si mesma uma atitude pacifista. Pior do que existirem armas é o facto de elas existirem como «exportação dos elementos mais perversos de cada um dos sistemas», ou seja, existirem como segregação e como condição de sobrevivência do complexo militar-industrial americano e do aparelho militar-policial-burocrático soviético. A arma não existe, o que existe é a intenção e a capacidade de a usar. A visualização do terror não deve, então, ser centrada nos Cruise e nos SS-20, mas sim no Reagan e no Andropov.

Pelas razões acima apontadas, já possível se torna explicar por que não faz sentido afirmar que a Juventude Socialista não participou no Festival da Paz por sectarismo político. A JS não esteve em Tróia por OPÇÃO PELA LUCIDEZ e recusa da máscara. Porque Tróia foi um Festival de

Continua na pág.6

LIVRO BRANCO
DAS
AGRESSÕES DO REGIME RACISTA
DA ÁFRICA DO SUL
CONTRA A
REPÚBLICA POPULAR DE ANGOLA

Agressões da África do Sul contra a República Popular de Angola

Abrangendo o período que vai desde 25 de Abril de 1974 até finais de 1982, o Ministério das Relações Exteriores da República Popular de Angola, organizou, editou e apresentou à opinião internacional um Livro Branco sobre as violações territoriais, agressões e actos de terror cometidos no território de soberania da República Popular de Angola pelos racistas sul-africanos.

O Livro Branco regista as numerosas violações cometidas pelo governo de Pretória desde 1975. Só, no período que vai de 1974 a 23 de Agosto de 1981, as forças sul-africanas procederam a 1617 voos de reconhecimento sobre território angolano, 100 bombardeamentos aéreos, 50 metralhamentos aéreos, 26 reconhecimentos terrestres, 67 concentrações militares, 4 lançamentos de pára-quedistas, 30 ataques terrestres, 7 bombardeamentos terrestres e 9 minagens, além de outras acções de menor envergadura.

Os actos criminosos e agressivos, as destruições e prejuízos, além das numerosas perdas humanas, causados pelas forças da República da África do Sul, constituem violação dos direitos de um país soberano e são um desafio à ordem internacional.

Envie Já as suas colecções!

Com a repetição dos 30 cupões, terminou a primeira fase do nosso grande CONCURSO VERÃO 83, durante a qual os nossos leitores puderam reunir um verdadeiro Álbum sobre o grande artista que foi Carlos Botelho e a sua participação criativa no «Sempre Fixe». Resta agora a segunda fase, não menos interessante para os nossos leitores: trata-se da distribuição dos magníficos prémios «Nissan-Datsun» e «Philips» que temos para lhes entregar.

Mas é essencial que os nossos leitores enviem rapidamente as suas colecções, pois o prazo de entrega termina no próximo dia 25 de Outubro (data do carimbo do correio), estando o sorteio marcado para cerca de quinze dias depois desta data.

Por isso, amigo leitor,

ENVIE JÁ AS SUAS COLECÇÕES.

Para:
DIÁRIO DE LISBOA-/CONCURSO
Rua Luz Soriano, 44
1200 LISBOA

Lembramos que:

- **O LEITOR** deverá usar apenas um boletim por cada colecção, e enviar uma colecção em cada sobrescrito. (Se enviar mais de uma colecção no mesmo sobrescrito, elas serão numeradas com numeração seguida).
- **O BOLETIM DE IDENTIFICAÇÃO** deverá ser totalmente preenchido com letra bem legível, e indicar o nome do concorrente (nome completo, tal como figura no bilhete de identidade), morada e telefone (se tiver), bem como (o que é facultativo mas se recomenda) o nome do vendedor ou estabelecimento onde adquire o seu jornal.
- **O TALAO-RECIBO** deverá ser igualmente preenchido com a morada correctamente indicada (não corte nem separe da metade superior) e, no caso de o concorrente desejar a devolução do mesmo depois de numerado terá de juntar um selo de correio de 16$00. Coloque o selo visivelmente junto do Boletim, de forma a não o inutilizar (não use fita gomada, não agrafe e não cole).
- **O ENVIO PELO CORREIO** é obrigatório nos termos do regulamento, não se aceitando em nenhum caso entregas pessoais, pois é necessário o carimbo do correio para determinar a data de recepção das colecções.

★

O leitor pode adquirir os exemplares que lhe faltam (completando assim a sua colecção e, sobretudo, o seu «Álbum Sempre Fixe», este ano dedidado ao grande artista Carlos Botelho), ao preço normal nos nossos serviços na Rua Luz Soriano, 15 a 17, 1200 Lisboa.

Também mediante pagamento antecipado em cheque, vale de correio ou selos (20 escudos, acrescidos de 13 escudos de portes por exemplar), poderão os nossos serviços enviar através dos CTT os exemplares que desejar.

II – Mudar Portugal/Fazer Portugal

Quando um «cavalo de Tróia» se introduz num projecto chamado 25 de Abril

Ulpiano Nascimento

1. Não vamos aqui analisar o que consideramos o maior erro político de toda a história recente de Portugal, quando o 25 de Abril surgiu como uma apoteose nacional e um acto de Providência para proporcionar ao País a grande oportunidade de poder mudar.

Vamos apenas apresentar uma sequência coordenada e tanto quanto possível inteligível dos acontecimentos mais significativos, através dos quais evolucionaram a esquerda e a direita nacionais, em termos de causa e efeito, entre 1974 e 1975, até transformarem o 25 de Abril, ao mesmo tempo, numa recordação e numa tentadora miragem.

O 25 de Abril veio para mudar, mas quedou-se pouco mais do que no princípio. Tudo o mais foi adiado...

Este fenómeno inacabado, em que todos nós fomos protagonistas e espectadores, deve-se consideravelmente ao uso abusivo pela direita de práticas de alta pirotécnica política, onde a direita internacional juntamente com o obscurantismo prestaram valiosa colaboração.

Os métodos desta gente de direita, não dispondo agora de meios repressivos, refinaram no âmbito das suas intervenções na sociedade, onde o papel dos órgãos de comunicação social é decisivo.

Pondere-se sobre a passagem da I para a II República, como a direita de então conseguiu sobrepôr-se à esquerda da época, e preparar e impôr a sua ditadura.

De facto, a Revolução como força transformadora e criadora propriamente dita, apenas durou em acção, ainda que muito confrontada, 12 escassos meses, não mais.

Durante esse período recordamos que existiam em actividade no país, além do Governo, bem mais quatro centros de decisão, agindo simultaneamente, com toda a liberdade e impunidade, em nome da democracia.

Soltaram-se as forças e os apetites políticos, todos eram «democráticos», todos eram de «esquerda»... O 25 de Abril, eleito pelo Povo, bem depressa seria vítima dessa «democracia».

2. Foi no meio dessa confrontação, explorando a sensibilidade democrática exaltada, que a questão das eleições surgiu com força apologética, não tanto pelos movimentos de esquerda, embora estas sempre tivessem lutado por eleições livres e democráticas, mas pelas forças de direita, se bem que inconfessadamente, para não comprometer a sua grande chance de salvar-se, porque o 25 de Abril a condenou mil vezes, em plebiscito nacional.

Nesta nova perspectiva, num quadro partidário, a direita apesar de desacreditada e diminuída, conseguiu sobreviver a tal condenação e erguer-se de novo, criando condições para aproveitar eventuais fracturas no quadro político, para provocar ambições pessoais, para conspirar, dividir e fazer alianças, mesmo contranatura, o que conseguiu, por exemplo, com as «cúpulas» do Partido Socialista, as quais, desde aí, se apoderaram do Partido, colocando-o, na totalidade, ao serviço da política de direita.

A esquerda com este «cavalo de Tróia» introduzido no meio da refrega no seu seio, foi dividida e numérica e parlamentarmente reduzida e o seu projecto (o 25 de Abril) contido, tanto na sua componente civil como na militar.

Nestas circunstâncias e por efeito indirecto, o Partido Comunista Português ganhou o mérito de ser o Partido mais representativo da esquerda.

Quanto aos partidos da direita, esses tiveram a vida bastante facilitada, aguentando-se e crescendo à sombra de uma democracia que, à partida estava viciada, até adquirirem força para retomarem as suas velhas posições de domínio, o que, obviamente não tardou.

O Projecto nacional do 25 de Abril foi, desta forma, rejeitado pelos partidos de direita, inclusive, pelo próprio Partido Socialista, que se esforçou e esforça, dentro de uma estratégia irrealista de «alternância», e «pour épater le bourgeois» representar a esquerda, para que se ignore o Partido Comunista como força de esquerda.

3. Reflectindo esta guinada para a direita da política portuguesa, por revanchismo das forças de direita e por falta de projecto e de identidade socialista daquele Partido Socialista, as relações económicas, técnicas e culturais entre Portugal e os novos países africanos de expressão oficial portuguesa foram desde logo afectadas por actos inamistosos da parte portuguesa, o que impediu o relançamento de acções económicas e técnicas no sentido da cooperação dentro das novas condições. Com esta atitude eliminava-se a possibilidade de que o «défice» crónico da balança de pagamentos fosse reduzida ou neutralizada com os eventuais resultados dessas promissoras relações económicas, tão privilegiadas pela Constituição da República de 1976.

Desta maneira, estava-se a prejudicar uma e outra economias. A economia africana, que se privava assim dos serviços e da assistência técnica portuguesa, reconhecida como indispensável, assim como do movimento de operações comerciais e financeiras entre as duas partes. E a portuguesa pelo consequente agravamento do desequilíbrio crónico da sua balança de pagamentos, resultante da falta de diálogo com essa África e, daí, a inerente contracção das nossas exportações de bens e serviços para aquela área.

A par deste comportamento incompreensível, em nosso entender, por parte dos socialistas, que ia ferir os nossos compromissos históricos, culturais e humanos e interesses económicos, outros comportamentos de impulsos direitistas começaram a aparecer no cenário português, avalisados por aqueles mesmos socialistas, que possuíam um programa de acção socialista e que pouco antes tinham aprovado e subscrito a Constituição de 1976.

A Reforma Agrária, logo de princípio, foi também objecto de críticas, que gradualmente foram subindo de tom e de agressividade contra o 25 de Abril. No começo, essas críticas alimentavam-se de argumentos técnicos, mas bem depressa, com a relação de forças a favorecer a direita, apareceram as verdadeiras razões e causas das reclamações, as quais se situavam todas no regime da propriedade agrária e nos interesses dos latifundiários, afectados pela Revolução.

4. Inserido nesta dinâmica de contenção do 25 de Abril e de reconversão da organização da economia constitucional, aparecem as críticas e algumas acções administrativas e legislativas, pondo em causa a propriedade pública e o sector empresarial do Estado.

Foi também aqui pela mão do Partido Socialista que foram lançadas as primeiras ideias para converter o quadro estrutural da economia estabelecida pela Constituição, na economia capitalista. E assim apareceu o conceito de «economias paralelas concorrenciais», que nós logo nessa altura classificámos, por notória falta de base científica, de metafísica económica (1).

Nesta intervenção pretendia o Partido Socialista estimular forças contrárias à propriedade e à empresa pública Não era qualquer partido de direita que tomava esta iniciativa, era mesmo o Partido Socialista, cujo programa de acção repousava na propriedade e na empresa colectiva e nas cooperativas.

Pois, neste «forcing», o Partido Socialista procurava lançar as bases de inversão da predominância dada pela Constituição à empresa pública (empresas nacionalizadas e intervencionadas) a favor da empresa e iniciativa privadas, o que implicaria necessariamente transformar o Plano determinante na condução da economia nacional num instrumento passivo, meramente indicativo, a todos os títulos contra-indicado numa situação de emergência, de transformação e de crise.

Efectivamente, não se podia caminhar para o socialismo, praticando actos e estímulos capitalistas e vice-versa ou travando a dinâmica das transformações sociais e económicas, ou ainda aplicando medidas restritivas em relação aos avanços feitos pelo 25 de Abril, a pretexto de corrigir «excessos» (numa Revolução que não registou uma única morte), ou de assegurar a fantástica «coexistência concorrencial» entre sectores.

5. Deve salientar-se, por outro lado, que o aparecimento do 25 de Abril, coincidiu com uma má hora da saúde do capitalismo internacional, que desde esse tempo (1973/1974) nunca mais deixou de se degradar, levando a crise ao mundo capitalista.

Em 1973, eclodiram os primeiros grandes síntomas da crise económica e tão fortes e generalizadas, que inclusive, atingiram as economias dos países socialistas, embora sem as consequências verificadas nas áreas capitalistas, industrializadas.

Nesta ocasião surgiram também os novos condicionalismos sobre a utilização das águas marítimas internacionais (o Novo Direito do Mar), impondo às pescas tradicionais portuguesas, do alto e longinqua, sérias dificuldades à sua exploração, que os governos constitucionais não souberam defender, no quadro da organização e da reconversão, de apoio financeiro, de acções diplomáticos, etc.

Mas a crise económica internacional, com base nas dificuldades do sistema capitalista, era não só profunda e extensa como também prolongada, agravando-se com desenvolvimentos inesperados e sérias implicações na guerra e na paz, onde a corrida aos armamentos, as guerras localizadas e teleguiadas, a guerra económica entre países amigos e não amigos assumiram e assumem proporções e impulsos que nem sempre poderão controlar-se, porque: a) são praticados à «beira do abismo» e b) se processam na era atómica, cujo preço pode pagar-se com o aterrador extermínio da Humanidade.

Portugal após uma guerra colonial de 13 anos, a braços com intensas transformações e situado na periferia dos grandes centros de decisão, sofre de duplas causas de crise: da crise capitalista importada e da crise gerada pelas transformações e contratransformações realizadas internamente. Efeitos estes agravados com a falta de vontade dos dirigentes de direita de se entregarem à causa nacional, dentro das novas perspectivas: sem exploração colonial, com partidos políticos e sindicatos fortes, sem polícia e repressão, e um país para mudar e trabalhar.

Estas as condições de carácter geral que no conjunto impõem à partida grandes obstáculos a transpor, mas que o estado psicológico nacional de mudança, propício às grandes transformações, que o 25 de Abril havia conseguido, não foi oportunamente aproveitado.

A adesão nacional assim alcançada, para dar resposta às esperanças ao Povo português, foi desperdiçada.

(1) «Para onde vai o 25 de Abril?» — «Diário de Lisboa» de 23/2/1977.

Próximo artigo: **O processo interno da crise nacional sob o impulso da direita.**

Vizela, um barómetro

José Manuel Mendes (*)

A questão de Vizela tem apaixonado a opinião pública e não apenas, como se julgaria, o pessoal político que enxameia os corredores do poder. Quem não recorda as imagens transmitidas pela RTP, ao abrir dos telejornais, inventariando acções de rua, boicotes ao acto eleitoral, algumas das razões do movimento popular através da voz dos seus dirigentes?

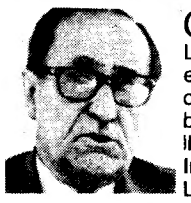
Bem certo que os órgãos de Comunicação Social, então ao serviço da AD (como hoje se subjugam aos ditames do novo mandarinato reaccionário), quiseram fazer crer que, naquela região minhota, se afrontava gratuitamente a democracia, que os obreiros de um projecto justo eram, afinal, energúmenos, que o desacato anarquisante punha em causa as decisões de instâncias veneráveis como a Assembleia da República. Em vão, contudo. Os portugueses, de um modo geral, recusaram uma tal leitura e, de passo em passo, começaram a compreender que, em Vizela, a história era outra.

Qual?

Em sumários traços, a de uma consciente porfia pela conquista de um direito: o da reconstitutição do antigo município, ancestral e acarinhado pelos povos, extinto por incorrectas soluções de redefinição administrativa mas não morto. De há anos que, através de diferentes formas de expressão, o sentimento dos vizelenses se vem revelando em favor da (re)criação do seu concelho. Com o 25 de Abril, grande explosão de liberdade e de profiração de iniciativas, aquilo que for uma aspiração conduzida de modo fechado (pelas próprias circunstâncias do fascismo) veio transformando-se, mediante estruturas organizativas cada vez mais poderosas,

Continua na pág. 19

ponto a ponto



O embaixador Mário Neves, o dr. Artur Cunha Leal, o dr. Sá Borges, o dr. Emídio Guerreiro, o eng. Aquilino Ribeiro Machado, o dr. Inácio Fiadeiro, o professor Alfredo Pereira Gomes, o embaixador Humberto Morgado, o dr. Sérgio Carvalhão Duarte, as dras. Helena Cidade Moura, Luísa Irene Dias Amado e Alcina Bastos, o eng. António Lopes Cardoso, o conselheiro Aníbal de Castro, Gualter Basílio e Carlos Pinto são alguns dos inscritos e dos promotores de um jantar de homenagem ao **dr. Vasco da Gama Fernandes** que, no próximo dia 4 de Novembro, completa 75 anos. As inscrições para o jantar poderão ser feitas pelo telefone 831705, ao cuidado de Carlos Pinto, membro executivo da comissão organizadora. O jantar realiza-se no prófio dia 4 de Novembro, pelas 20 horas em local que será oportunamente indicado.

Malenghany, filho de Samora e Graça Machel, regressou ontem a Maputo, num voo directo das Linhas Aéreas Moçambicanas, após alguns dias de permanência no Palácio de Belém, onde ficou a convite do casal Eanes, depois da visita que os pais fizeram ao nosso país.

O Presidente da República recebeu em audiência, sábado no Palácio de Belém, Lisboa, o embaixador de Portugal em Maputo, Paulouro das Neves — anunciou a Presidência da República, que não referiu o teor da reunião.

O presidente da Câmara Municipal de **Guimarães**, Manuel Ferreira, encontra-se hoje em Lisboa com o ministro da Administração Interna para uma análise conjunta do «caso Vizela», soube a ANOP de fonte oficial.

A questão da criação do concelho de Vizela está na origem da decisão do executivo municipal de Guimarães de paralisar todas as actividades da edilidade a partir das oito horas de hoje.

A decisão da Câmara vimaranense foi tomada «em sinal de protesto pela situação que vai ser criada pela actuação do Governo», que aprovou sexta-feira uma proposta de lei-quadro para criação de novos municípios.

O Partido Comunista Português, em comunicado, considerou que a decisão do município é «gravemente lesiva dos interesses das populações de Guimarães».

Os deputados do PCP Ilda Figueiredo, António Mota e Gaspar Martins debateram sábado durante duas horas a questão da delimitação entre **Lever e Crestuma,** Vila Nova de Gaia, com autarcas desta freguesia.

A delegação comunista visitou a freguesia de Crestuma, a convite da autarquia local e a sua deslocação é a primeira de uma série que envolverá responsáveis dos partidos com representação parlamentar.

O presidente da Junta de Freguesia de Crestuma disse à ANOP que durante a reunião com os deputados do PCP foi feita a analise documental do diferendo sobre a delimitação com a vizinha Lever, que esteve na origem dos dois boicotes às últimas eleições autárquicas.

A secção de Faro do Partido Socialista recusou sexta-feira um cargo de gestãc nos Serviços Municipalizados da Câmara para que fora convidada pelo presidente daquela autarquia algarvia.

Os socialistas justificam a decisão — tomada durante uma reunião do chamado gabinete «sombra da Câmara — como uma posição de «coerência» igual à assumida anteriormente quando recusaram um convite para ocuparem um lugar de vereador a tempo inteiro no actual executivo autarca.

O PS sublinha que a decisão reflecte o distanciamento crítico em relação àquilo que considera «a actual coligação, PSD/APU» na Câmara de Faro.

O perigo de uma guerra nuclear «não é hipotético, intelectual, mas uma ameaça real» — afirmou em Chaves Fernando Loureiro, membro do Conselho Português para a Paz e Cooperação (CPPC).

Silas Cerqueira, elemento do CPPC, também presente em Chaves no colóquio integrado na Campanha Mundial pelo Desarmamento, promovido por um grupo de cidadãos residentes na cidade, por seu turno, abordando a questão das relações entre a política e a guerra afirmou que «a guerra,é o fim de todas as políticas e de todas as guerras porque é o fim da Humanidade».

No início do colóquio foi projectado um filme japonês, «Profecias»,que relata os efeitos das bombas atómicas lançadas sobre Hiroxima (80 mil mortos e 70 mil feridos) e Nagasaki (40 mil vítimas).

O Primeiro-Ministro Mário Soares assiste quarta-feira à posse do novo provedor da Misericórdia, o jornalista João Gomes.

A posse conferida pelo ministro do Trabalho, Amândio de Azevedo.

MAIS de uma centena de militares do Quadro Permanente da guarnição do **Porto** reuniram-se sábado nesta cidade para aprovarem os estatutos d[illegible] turo Clube de Sargentos.

O Clube, cuja sede ficará instalada no Porto, é de âmbito nacional e admite exclusivamente nos seus ficheiros sargentos e seus familiares.

Durante a reunião, que prossegue no próximo sábado foi discutido o projecto de estatutos da Associação, cujos objectivos são de âmbito cultural e recreativo.

O sargento Teixeira Lopes, promotor da iniciativa, disse que o Clube dispõe já de 123 sócios fundadores na área da guarnição do Porto.

Álvaro Cunhal

Cunhal na Guarda:

"Completamente excluído" apoio do PCP a Soares nas presidenciais de 85

Álvaro Cunhal garantiu na Guarda, ao intervir num comício no cineteatro local, estar completamente excluído que os comunistas votem em Mário Soares, caso o secretário-geral do PS concorra a Belém.

Alertando para as «manobras» e «jogos combinados» que eventualmente surgirão, o líder do PCP admitiu um cenário para a primeira volta das presidenciais em que Soares apareceria como o adversário de um Freitas do Amaral e de um candidato do PSD para fixar os votos dos socialistas e aparecer na segunda volta contra um **candidato democrata que** – frisou – **temos confiança que aparecerá e para ganhar.**

Esta mesma ideia sobre as presidenciais foi reafirmada por Cunhal durante a visita à freguesia de Gonçallo, onde inaugurou um Centro de Trabalho do PCP. O secretário-geral do PCP garantiu que o seu partido não apoiará uma eventual candidatura de Soares e denunciou o papel do dirigente dm PS na aliança com o partido de Mota Pinto «para praticar a política do PSD e dm CDS».

Aqui andamos juntos...

Naquela freguesia, Cunhal visitou ainda a Cescoope, uma cooperativa operária de cesteiros, criada logo após o 25 de Abril, hoje com 150 cooperantes (na sua maioria mulheres e com grande percentagem de militantes comunistas e socialistas). A Cescoope disfruta de boa situaçâm económicofinanceira, exportando em força para a Suécia.

Ainda na freguesia de Gonçalo, Cunhal recebeu os cumprimentos do presidente da Junta de Freguesia, Amadeu Bidarra, eleito pelo PS que lhe comentou: «Nós em Gonçalo, socialistas e comunistas, andamos sempre juntos».

O secretário-geral do PCP referiu-se depois aos recentes aumentos das pensões de reforma que considerou insuficientes e verberou o «lay-off», afirmando que ele vai permitir ao patronato despedir trabalhadores quando lhe apetecer.

Ao criticar a politica governamental que classificou de recuperação capitalista, Álvaro Cunhal sustentou que a indústria e agricultura estão a diminuir de produção e que o Governo está a «desorganizar o sector produtivo da economia».

Sobre os créditos contraídos no estrangeiro, ao Fundo Monetário Internacional, disse serem uma «amarra em torno da economia e do país».

O dirigente comunista denunciou também a existência de cerca de 300 mil jovens desempregados e a redução de poder de compra dos portugueses.

E o grupo dos "44" passa ao ataque...

Luís Fontoura e Meneres Pimentel "zurzem" actual direcção do PSD

Enquanto Luís Fontoura considera «fora de questão» o PSD apoiar a candidatura de Mário Soares à Presidência da República, Meneres Pimentel afirma-se «frontalmente contra a direcção do PSD, que está a favorecer objectivamente o desaparecimento do partido, permitindo que o PS invada a sua base social de apoio». No seio do PSD a «luta continua» no intuito de parar um processo que faz dos sociais-democratas «meros reboques do PS». Luta frontal e sem «rendilhados.»

O PSD deve designar no próximo congresso o seu candidato à Presidência da República e constituir em seguida uma comissâm para lançar aquela candidatura – defendeu ontem Luís Fontoura, vembro do Conselho Nacional do Partido.

O antigo secretário de Estado da Comunicação Social e da Cooperação e Desenvolvimento em Governos AD fez estas declarações ao programa «de fio a pavio» da Rádio Renascença, onde hoje foi convidado especial.

Luís Fontoura considerou «fora de questão» o PSD apoiar a candidatura de Mário Soares à Presidência e admitiu que a designação de um candidato social-democrata à Presidência vá perturbar bastante a coligação governamental.

Afirmou que para «não se partir o Governo» há uma solução: Mário Soares e o candidato do PSD desistirem e os dois partidos designarem um «candidato comum» que não integre qualquer dos partidos.

Salientou a necessidade de activar imediatamente depois dm congresso a campanha do candidato do PSD à Presidêcia, afirmando que «o candidato do PS está em campanha eleitoral desde Junho deste ano» pela posição que tem no Governo e pelo acesso que tem á televisão.

Interrogado pela Rádio Renascença sobre a possibilidade de Mota Amaral ser o candidato do PSD, Luís Fontoura considerou que o presidente do Governo Regional dos Açores reunia condições para ser chefe de Estado.

«PSD não tem hoje uma direcção...»

Meneres Pimentel, antigo ministro da Justiça, disse ontem no Funchal que o PSD «não tem hoje uma direcção» pelo que encara «com grande perplexidade e muita amargura tudo o que está a fazer-se».

Falando na capital da Madeira – onde assiste a um colóquio com tema nos «Direitos do Homem e Estrangeiros na Europa» –, Meneres Pimentel afirmou-se frontalmente contra a actual dircção do PSD, «que está a favorecer, objectivamente, o desaparecimento do partido, permitindo que o PS invada a sua base social de apoio».

Menéres Pimentel

Luís Fontoura

Negando qualquer auto-afastamento ou distanciamento da cena política, Meneres Pimentel acusou o PSD da responsabilidade desse afastamento: «quem me afastou foi o meu próprio partido que nem sequer me achou com capacidade para ser deputado à Assembleia da República».

Referindo-se à «invasão» do PS às bases de apoio dos sociais-democratas, o antigo ministro da Justiça explicou-a «devido à fraqueza da direcção do PSD, que não tem sabido (nem soube) fazer um acordo de coligação que preservasse a identidade do PSD no seu dia-a-dia».

Apesar de ter sido sempre favorável à actual fórmula governativa, Meneres Pimentel explica a sua oposição às pessoas que a servem por não as achar «com capacidade política para tal».

Defendendo a direcção anterior, a de Pinto Balsemão, Meneres Pimentel atacou aqueles que a consideravam de «baça, apagada e sem estratégia», «Afinal, disse a concluir, esses acusadores que são agora os líderes do partido, é que são baços, apagados e sem qualquer espécie de estratégia e liderança».

PSD/Açores não quer Mota Amaral no continente...

"Não nos abandone em 1984!"

— *grito unânime do IV Congresso*

O IV Congresso do PSD açoriano solicitou domingo a Mota Amaral que aceite ser candidato a presidente do executivo nas eleições regionais de 1984. Esta moção, que integra as conclusões finais do Congresso, foi sublinhada na sessão de encerramento da reunião, com uma ovação de pé pelos congressistas e público que enchiam o auditório de Ponta Delgada.

As conclusões reiteram, de rsto, a confiança do partido no Governo regional e no seu presidente, desde sempre Mota Amaral, apontam para o reforço da unidade do partido, «como condição da unidade e desenvolvimento da região», e recomendam a realização de cursos de formação ideológica, programática e política dos militantes.

O documento preconiza o reforço da intervenção política da Assembleia Regional, congratulando-se, ao mesmo tempo, pelo trabalho desenvolvido pelo grupo parlamentar social-democrata, manifesta apreço pelo trabalho dos militantes investidos de responsabilidades autárquicas, e pela acção da JSD, recomendando maior atenção aos problemas da juventude em defesa da família.

A este propósito é recomendando aos deputados açorianos à Assembleia da República para votarem contra o projecto de despenalização do aborto e contra «quaisquer compensações pecuniárias que suportem práticas anti-contraceptivas».

As conclusões sublinham disposição do PSD-Açores de se manter à margem de quaisquer acordos partidários obtidos a nível nacional.

O texto manifesta congratulação com a projecção da região no exterior e defende uma maior firmeza em relação a acordos e tratados que lhe digam respeito e o reforço das ligações entre a comunidade residente e as comunidades emigrantes.

Uma moção final aprovada no Congresso exprime regozijo pela atribuição do Nobel da Paz a Lech Walesa, estimando que contribua para a liberdade na Polónia.

O ponto inovador deste IV Congresso foi o aumento de sete para nove membros eleitos da Comissão Política regional e o seu alargamento aos presidentes das comissões de ilha.

Mota Amaral continua como presidente da Comissão Política, tendo como vice-presidente Reis Leite e Pacheco de Almeida que transitam ambos do anterior mandato.

Natalino de Viveiros, também da anterior Comissão Política, foi agora eleito secretário-geral, cargo criado neste Congresso. Os restantes membros eleitos são Fernando Faria, Frederico Maciel, Gomes dos Santos, Costa Neves e António Meneses.

Na sessão de encerramento o presidente do Congresso, Melo Alves, leu telegramas de solidariedade enviados por Mota Pinto, ausente em Macau, e por Pinto Balsemão.

Este último refere na sua mensagem o perfil de Mota Amaral, considerando que lhe esta reservado «um futuro papel a nível nacional».

Lucas Pires condena Governo...

Só em Portugal ministros discutem o preço da "bica"

«A austeridade está a ser um pretexto para aumentar a rigidez, a burocracia e os impostos no único país da Europa em que o preço da «bica» é discutido em Conselho de Ministros» – afirmou o presidente da Comissão Política do CDS, Lucas Pires, numa festa-convívio da Comissão Concelhia de Barcelos.

O Governo «quer com isto parecer de salvação nacional, para quem vale tudo, mas é apenas o socialismo que se está a querer salvar» – disse Lucas Pires, depois de sublinhar que «ao fazer passar impostos que são um entorse ao Estado de direito, está a pôr a cargo deste os custos do Estado socialista».

«A solução – afirmou –, não é continuarmos a endividarmo-nos e a recorrer a impostos. Tem-se dito que não há alternativa, mas é claro que há: é possível rever a Constituiâo já, por quatro quintos dos deputados».

Lucas Pires considerou ainda que a política externa do actual Governo é dominada pela confusão, citando a propósito a visita do presidente moçambicano Samora Machel: «Dava a ideia de que estava tudo a postos para que se tomassem grandes decisões de interesse bilateral, mas nem uma foi tomada».

Recordou que este Governo «começou por pôr reticências à CEE» alegando que havia alternativas e concluiu com uma interrogação: «Será que nem a Europa nem África são alternativas da nossa política externa?»

Alterar a Constituição

No extenso discurso em que debateu também a política de defesa, a política partidária da coligação e á política externa, Lucas Pires realçou que, existindo «poupança suficiente em Portugal e nas mãos dos portugueses», a questão é que «a situação inspire confiança» e se reforme o sistema fiscal «de modo a que se tribute o consumo e não a poupança e o «cash-Flow» mais do que os lucros».

Referindo directamente os últimos impostos criados pelo Conselho de Ministros, considerou tratar-se de um «erro económico, político e jurídico», referindo que a sua retroactividade «abala qualquer confiança nas decisões económicas».

Lucas Pires preconizou uma política económica em que, no curto prazo sejam reduzidas as despesas públicas (em vez de aumentar os impostos) e em que as «portas do sector público» sejam abertas à iniciativa privada e à participação dos trabalhadores.

Para isso – afirmou –, «basta alterar a parte económica da Constituição. É preciso ultrapassar a arcaica questão da divisão de sectores para os integrar num processo de desenvolvimento único, liderado pela iniciativa dos empresários e trabalhadores activos».

«O «novo CDS»

O líder do CDS, no seu discurso em Barcelos, referiu-se à «quase indiferença» do Presidente da Repúblida e do Governo perante a questão das chefias militares, considerando que a actual situação provisória, discutida e como que suspensa no tempo» está a «afectar gravemente a dignidade, o peso e a operacionalidade do Exército português».

«É tempo de ver – afirmou –, que quem está em causa não é o general Garcia dos Santos, mas, antes disso, o Exército. O que está em causa não é uma relação política, mas, antes disso, uma instituição nacional».

Lucas Pires referiu que ao «querer instrumentalizar o poder local» a coligação PS-PSD vida a «grande coligação presidencial» e reforça a «convicção de que é preciso responder à maioria socialista com uma maioria democrática e um novo CDS alargado».

O «Novo CDS» – mais seis mil militantes desde o quinto congresso – procura definir uma alternativa: é o caso da proposta de revisão constitucional, da Conferência Económica de Sesimbra na semana passada e da apresentação de projectos legislativos».

No início desta semana – anunciou –, tomaremos novas inciativas de grande importância e desafiaremos nomeadamente o Governo a responder a um importante conjunto de questões na área vital da agricultura.

Comemorações do 10.º aniversário do 25 de Abril

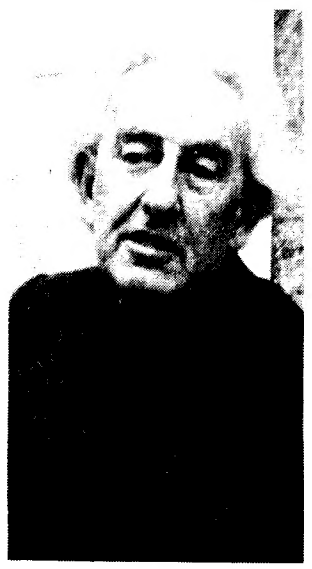
Recusados convites para a "Comissão de Honra"

OS convites enviados pelo Ministério da Cultura a três dezenas de personalidades para constituirem uma «Comissão de Honra» das Comemorações do 10.º Aniversário da Revolução de 25 de Abril, sob a presidência do marechal António Ribeiro de Spínola, suscitaram já reacções negativas.

O poeta José Gomes Ferreira declinou o convite logo que recebeu a carta do ministro da Cultura. Também o dr. Vasco da Gama Fernandes, respeitado democrata, antigo dirigente do Partido Socialista e antigo Presidente da Assembleia da República, não aceita ver incluído o seu nome num elenco onde são numerosas as individualidades que nada têm a ver com o 25 de Abril. Igual atitude tomou o antigo candidato de oposição democrática à Presidência da República e Reitor Perpétuo da Universidade do Porto, professor Rui Luis Gomes. Não conhecemos os termos da sua carta de recusa, mas, segundo informações recebidas do Porto, o professor Rui Luís Gomes manifesta-se surpreendido com o afastamento da promoção das comemorações nacionais de figuras ligadas ao processo histórico que culminou com o acto revolucionário de 25 de Abril de 1974.

Neste fim-de-semana não foi possível obter informações directas, ou indirectas do Gabinete do ministro da Cultura, mas em certos meios políticos consta que o ministro não teve um papel determinante na escolha dos cidadãos indigitados para constituirem a «Comissão de Honra». Relaciona-se a presença na «Comissão de Honra» do marechal António de Spínola com uma entrevista que este teve com o Primeiro-Ministro e o vice-Prmeiro-Ministro.

Nos meios militares — como dissémos na nossa edição de sábado — as reacções são muito vivas, e considera-se que, a pretexto de comemorar o 10.º Aniversário do 25 de Abril, o Governo, ou uma parte do Governo, relança a «guerrilha institucional». A «Comissão de Honra» não aparece só como uma desconsideração aos militares do 25 de Abril, mas como mais um desafio ao Presidente da República, general Ramalho Eanes.



Vasco da Gama Fernandes, Ruy Luís Gomes e José Gomes Ferreira: três nomes que já recusaram.

A pesar do escândalo nacional...

Presidente do Tribunal Constitucional não exclui pareceres favoráveis para novos impostos extraordinários

O presidente do Tribunal Constitucional (TC), prof. Marques Guedes, disse no Funchal – onde foi participar no colóquio sobre «Os Direitos do Homem e os Estrangeiros na Europa» – que o acórdão do TC sobre o Imposto Extraordinário «não abrirá precedentes, a não ser para circunstâncias igualmente excepcionais».

Marques Guedes admitiu que a retroactividade das leis «em si mesma é um mal, mas temos de estar de acordo que para tudo há graus». «Nalgumas circunstâncias – acrescentou – o interesse público sobrepõe-se ao interesse particular. A dificuldade maior do tribunal foi a de tomar consciência de qual era esse grau e de procurar perceber se ele havia sido atingido ou não».

O presidente do TC procurou justificar ainda a votação dos dez juízes eleitos pelos deputabos da maioria PS-PSD dizendo que «se procurou ter a noção de quais eram as barreiras que a Constituição impunha, tendo sido sobretudo a questão da situação de dificuldades de carácter financeiro que terá pesado no ânimo e na decisão do tribunal».

Para Marques Guedes, os dez juízes que votaram o Imposto Extraordinário (apenas Vital Moreira e Mário de Brito votaram contra) «não foram longe de mais» antes ficaram «pelo meio termo». O mesmo jurista deixou, por outro lado, em aberto a possibilidade de novos impostos extraordinários passarem no TC, ao afirmar que o acórdão agora aprovado «não abrirá precedentes, **a não ser para circunstâncias igualmente excepcionais**».

«Actor impune»

Comentando o facto de o TC não se ter pronunciado a favor da inconstitucionalidade dos impostos de aplicação retroactiva, **Marcelo Rebelo de Sousa** considerou, em declaração ao programa da Rádio Renascença «De Fio a Pavio» – a decisão do tribunal «um dispensável presente de Natal antecipado para os portugueses».

«O tribunal nasceu mal» apesar das «expectativas postas na criação desse órgão que se pretendia isento e independente, liberto de tutelas e ingerências partidárias» – afirmou.

Para Rebelo de Sousa, se a «ideia com que os portugueses ficam da Constituição é aquela que está subjacente ao parecer do Tribunal Constitucional, mal vai a Constituição e a crença de que vivemos num Estado democrático».

O Tribunal Constitucional poderá ser «o remédio certo, o bode expiatório conhecido, o actor impune, o avalisador acomodatício» para «qualquer lapso de uma Secretaria de Estado do Orçamento, qualquer atraso ou deficiência na cobrança de impostos, qualquer acréscimo inesperado das despesas públicas».

«Inconstitucional»

Luís Fontoura afirmou, no mesmo programa, que «este sacrifício não tem sentido porque atinge o rendimento do trabalho, é um caminho fácil para situações difíceis».

Relativamente à decisão do Tribunal Constitucional, sublinhou que não conhece o texto do acórdão e que a decisão foi tomada por uma maioria expressiva.

«Deus queira – disse – que o Tribunal Constitucional não tenha morrido sob o ponto de vista do crédito que deve merecer a todos os cidadãos».

Luís Fontoura afirmou que o Governo não está a actuar bem porque «rompe o equilíbrio Estado-Nação», acrescentando que «as pessoas não podem estar um ano a contar com determinados rendimentos e ficarem de repente sem eles, sem que nada o fizesse prever».

Gomes Canotilho e **Jorge de Miranda** manifestaram, em declarações ao «De Fio a Pavio», a opinião de que a retroactividade do imposto extraordinário é inconstitucional porque viola um princípio da vrevisibilidade, calculabilidade e confiança dos cidadãos.

Gomes Canotilho, professor de Dieito Constitucional na Universidade de Coimbra, disse que as leis fiscais rectroactivas não são inconstitucionais por si, mas apenas se violarem aqueles princípios.

Jorge Miranda, professor de Direito Constitucional na Universidade de Lisboa e Católica, considerou que o grande motivo porque o imposto é inconstitucional é «ofender princípios de confiança dos cidadãos».

«Confiança abalada»

A Comissão Directiva do CDS considerou por sua vez que a decisão do Tribunal Constitucional sobre a constitucionalidade do Imposto Extraordinário «quebrou o sentido ético das relações do Estado com o cidadão».

Os cidadãos «confiam cada vez menos no Estado, o que poderá conduzir a comportamentos como a ocultação de lucros e resultará necessariamente no aumento da evasão e das fraudes fiscais» – comenta uma nota do CDS emitida sábado.

A referida comissão directiva reafirma a sua convicção quanto à «natureza inconstitucional» daquele imposto e dos que simultaneamente foram aprovados pela Assembleia da República.

Considera «limitados e insuficientes» os termos em que a questão foi suscitada pelo Presidente da República que – afirma o CDS – «assim facilitou objectivamente a execução deste atentado grave à normalidade da vida política e económica».

O CDS afirma ainda que o Governo «abalou seriamente» a confiança dos contribuintes e, «ao furtar-se a discutir já a despesa pública por razões de mera conveniência política, fez perder credibilidade à sua intenção de reduzir os gastos públicos».

Jovens monárquicos dão "todo o apoio" a Ribeiro Teles

O VI Congresso Nacional da Juventude Monárquica, que durante dois dias reuniu, na Junta do Bonfim, Porto, 120 delegados de todo o País, terminou com a reafirmação de todo o apoio ao arquitecto Ribeiro Teles pela forma empenhada como se tem batido pela afirmação da instituição monárquica que, graças à sua actuação, deixou de ser diletantismo elegante para se tornar numa condição essencial à nossa viabilidade futura como pátria independente».

Ainda neste âmbito foi aprovada uma nova estrutura para o Directório Nacional, a fim de lhe dar maior operacionalidade.

«Manifestar a sua preocupação pelas afirmações do Presidente da República a um jornal vizinho dizendo que 'neste momento' não se põe o problema de uma união ibérica, sugerindo assim que ele se poderá colocar num futuro próximo», foi outro tema debatido no encontro no âmbito externo.

Os jovens monárquicos realçaram também o espírito universal de Portugal e da sua civilização no mundo e nesse sentido chamam a atenção para a «necessidade de defender e preservar a Língua e a cultura portuguesa, bem como de relacionamento fraterno entre Portugal e os países africanos de Língua oficial portuguesa».

O comunicado final manifesta a «mais viva repulsa pela situação vivida em Timor, esperando do Governo uma intensificação da actividade diplomática tendente a desbloquear a actual situação».

concurso

Nome _____

Morada _____

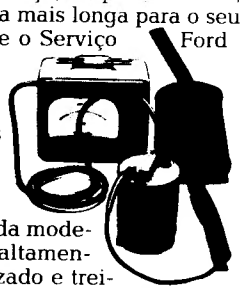
Localidade _____ Tel. _____

Código Postal [ ] [ ]

Lic. TV Nº _____

Não se meta por atalhos... vá directo ao SERVIÇO FORD!

Serviço Ford. A confiança de uma assistência técnica especializada. Isto é, maior segurança, disponibilidade, economia e vida mais longa para o seu veículo. Porque o Serviço Ford oferece-lhe garantia nas reparações; peças de origem autênticas e apropriadas para cada modelo; pessoal altamente especializado e treinado; ferramentas especiais para tornar as reparações mais rápidas e eficientes; assistência ao longo de todo o País; e a possibilidade de usufruir da Garantia Extra Ford!



É tempo de uma inspecção? Então, não se deixe seduzir por aqueles que prometem sempre «mundos e fundos». O resultado é conhecido — diagnósticos errados, reparações deficientes, gastos adicionais, incómodos desgastantes, etc. Vá directo ao Serviço Ford!

Lembre-se: quem se mete por atalhos, mete-se em trabalhos... Contacte já o seu Concessionário Ford!

GARANTIA EXTRA

Serviço Ford. Confiança na competência.

Ford Serviço

Os movimentos pacifistas

Continuação da pág. 2

equívocos – como se pode conceber que num Festival da Paz se divulguem publicações do Ministério da Defesa da União Soviética, reduzindo a Paz ao ponto de vista de um dos interessados na política de blocos? A JS não esteve em Tróia porque Tróia foi um Festival de mistificações: se Andropov é a face descoberta de um sistema repressivo que nessecita da sociedade militar para sobreviver, porque se pretenderam censurar referências a isso mesmo?

Podemos assim concluir, como J.C. Caldas: o sectarismo político está velho. Tão velho quanto o unilateralismo do movimento comunista.

A Paz e o Socialismo

«A corrida aos armamentos a que continuamos a assistir é eticamente condenável, imoral» (JS, in «Declaração sobre a Paz»).

O objectivo PAZ é inseparável do objectivo SOCIALISMO. E não é inseparável apenas do ponto de vista do combate pelo socialismo, mas sim, e essencialmente, do ponto de vista da construção da sociedade socialista. O trabalho pela Paz não se destina a garantir avanços, não é um trabalho táctico. Fazer a Paz é inseparável de fazer o socialismo e é, portanto, uma tarefa de sempre e não apenas de ocasião.

Por ter consciência disso é que a Juventude Socialista foi a primeira organização política de juventude que, em Portugal, tomou clara posição a favor da Paz e do Desarmamento.O sem IV Congresso Nacional, realizado em Janeiro de 1981, inscreveu no Programa da organização uma posição clara sobre essa questão, o que veio a fundamentar a realização, nesse mesmo ano, da primeira grande campanha pela Paz, entre nós: a campanha «Armamento Nuclear-Não Obrigado!».

Já desde o início deste ano de 1983, bastante tempo antes do Festival de Tróia, a JS realizou sessões públicas pela Paz e pelo Desarmamento em vários pontos do País.

Assim, sendo, não faz qualquer sentido afirmar que a JS se viu obrigada a participar neste debate público, quando, de facto, foi a JS que (quando ainda muitos andavam «distraídos») lançou esse alerta. O referido artigo em «O Jornal» foi apenas mais um passo desse trabalho.

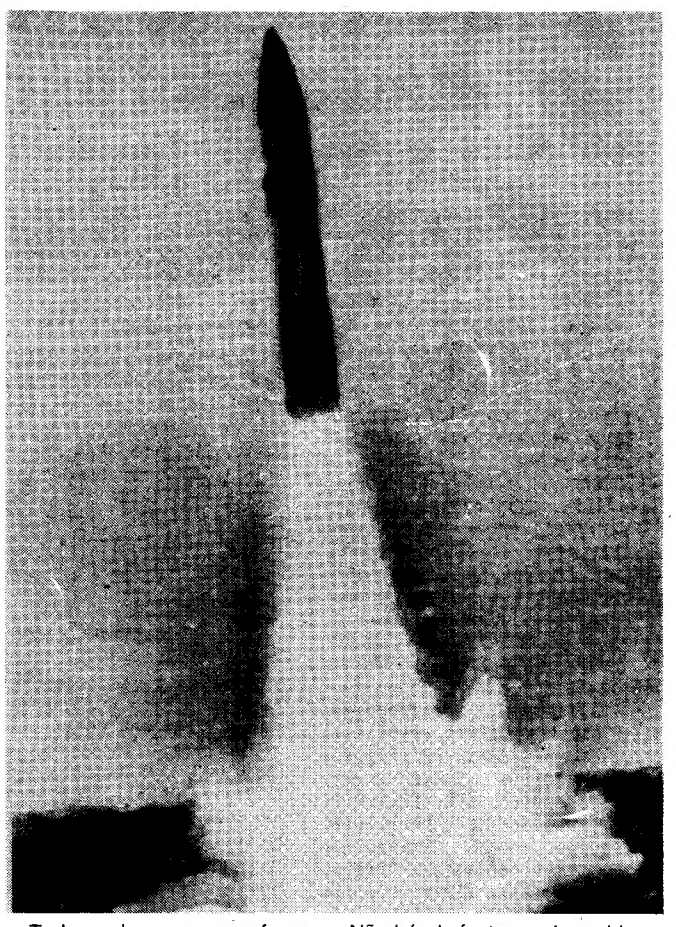
Não nos lembrámos da Paz apenas quando solidariedades interfronteiras nos chamaram a isso. Não viemos ao trabalho pelo desarmamento apenas quando os americanos se decidiram a dar mais um passo. Já cá estávamos, porque a Paz e o Desarmamento para o desenvolvimento e o socialismo se inscrevem na nossa estrutura ética e moral e não no quadro das manobras partidárias.

Daí que o pretensiosismo de J.C. Caldas/Festival da Paz, não faça qualquer sentido.

Radicalidade sim, esquematismo não

«Os primeiros responsáveis por esta situação imoral são as duas superpotências, a URSS e os Estados Unidos, já que se comportam como donos do mundo impondo o medo e a penúria dos outros como pilares do seu próprio poderio e dominação.» (JS, in «Declaração sobre a Paz»)

J.C. Caldas afirma que a JS tomou posiçoẽs que muito fazem lembrar as que o próprio Festival consagrou. Ou J.C.C. não leu as nossas posições, ou não foi ao Festival ou o seu artigo era uma mera peça de propaganda, sem qualquer intenção de rigor.



Todos sabemos como foram tratados os Amigos da Terra que fizeram intervenções dissonantes do tom predominante no Festival. Já foram denunciados publicamente, por pessoas que pertenciam à Comissão Promotora, as manobras de controlo político por parte de funcionários comunistas. Já aqui se disse que o Festival apadrinhou a propaganda de um dos blocos e dos seus amigos. Acima se transcreve uma passagem significativa da Declaração sobre a Paz (da JS). Onde há convergência? Não há, de facto, qualquer identificação entre ambas as coisas. Neste caso, o que interessa é saber porquê se pretende identificar coisas diferentes e opostas, como se o não fossem?

Trata-se, dizemos nós, de esquematismo abusivo e falsificação intelectual. Procuram fazer-nos crer que, para defender a Paz, basta falar em Paz; que, para obter o desarmamento, é suficiente combater as novas armas americanas; que, para ser pacifista, só se requere o desejo de o ser. Ora, nada disto é verdade.

Também nós somos contra a instalação das novas armas, MAS com a mesma força que exigimos a retirada das que já cá estão. Também nós denunciamos a agressividade americana, MAS com a mesma força que condenamos o expansionismo russo do tipo grande-império. Combatemos politicamente o sistema militar-industrial estado-unidense, como combatemos TAMBÉM a supremacia da sociedade militar soviética sobre a sociedade civil. É porque, quando falamos de Paz, ao contrário de nos aproximarmos dos comunistas e da direita, nos afastamos ainda mais de ambos.

Até porque, para nós, o pacifismo só tem sentido como forma de intervenção inovadora e radical-radical no sentido de que ataca as questões na sua raiz e não na sua aparência.

Por isso, nunca escreveríamos o que escreve J.C. Caldas em comunicação num Seminário organizado pelo Instituto de Defesa Nacional: «O movimento da paz não se assume em confronto com a instituição militar (...) Grupos e sectores minoritários como os «partidários da não-violência», os «antimilitaristas» de raiz anarquista, etc., participando no movimento não lhe definem as características. (...) A imagem de um movimento de paz «antimilitarista», «antitropa», que actua no sentido de desmobilizar as tarefas de defesa nacional é aquela que os seus detractores e inimigos pretendem divulgar e difundir.»

J.C. Caldas, dirigente da Juventude Comunista, articulista na qualidade de membro da Comissão Promotora do Festival da Paz, faz dos pacifistas a mesma análise que os militares e a direita.

Mais uma razão para os jovens socialistas estarem bem longe de tal perspectiva.

Seminário sobre judeus depois da expulsão de 1496

Guarda, 17 – Cerca de 80 estudantes portugueses, espanhóis, venezuelanos, brasileiros e israelitas participaram no seminário sobre a História dos Judeus depois da Expulsão, que ontem terminou nesta cidade.

Promovido pela União Mundial de Judeus (WUJS), o seminário compreendeu uma visita guiada à judiaria da Guarda e contactos com a comunidade de judeus de Belmonte.

Estas visitas segundo os organizadores, visavam permitir o estudo das formas de vida dos descendentes hebraicos após a expulsão, decretada pelo rei D. Manuel em 1496. A visita ao bairro judeu da Guarda teve como objectico o estudo da arquitectura e vesígios existentes da vivência judaica na cidade e suas reminiscências no presente. Os trabalhos tiveram a participação de especialistas em história hebraica e de um responsável da organização sionista mundial de Jerusalém.

Pacracio Celdran, da universidade de Haifa e Bersheva (Israel), Jacob Hazan, do Instituto «Arias Montano» (Madrid), Benito Garzon, de Madrid, Pedro Ferre, da Universidade Nova de Lisboa, Cadafaz de Matos, jornalista, e Samuel Marques, da União de Estudantes Judeus Portuguesas, foram alguns dos intervenientes no seminário, cuja orgnização teve a colaboração da Câmara Municipal da Guarda.

INDÚSTRIA DO CIMENTO

PRODUÇÕES E SAÍDAS PARA O MERCADO INTERNO

SETEMBRO DE 1983

	VALORES PARCIAIS			VALORES ACUMULADOS		
	TONELADAS		Variação 83/82 (%)	TONELADAS		Variação 83/82 (%)
	1983	1982		1983	1982	
PRODUÇÕES						
1.º Trimestre	1 509 189	1 500 764	+ 0,6	1 509 189	1 500 764	+ 0,6
2.º Trimestre	1 558 975	1 616 698	– 3,6	3 068 164	3 117 462	– 1,6
Julho	559 168	483 261	+ 15,7	3 627 332	3 600 723	+ 0,7
Agosto	584 313	569 075	+ 2,7	4 211 645	4 169 798	+ 1,0
Setembro	485 756	332 894	+ 45,9	4 697 401	4 502 692	+ 4,3
CONSUMO INTERNO						
1.º Trimestre	1 588 939	1 600 477	– 0,7	1 588 939	1 600 477	– 0,7
2.º Trimestre	1 624 776	1 724 615	– 5,8	3 213 715	3 325 092	– 3,3
Julho	574 540	513 288	+ 11,9	3 788 255	3 838 380	– 1,3
Agosto	585 673	602 240	– 2,7	4 373 928	4 440 620	– 1,5
Setembro	542 261	411 683	+ 31,7	4 916 189	4 852 303	+ 1,3

NOTAS:

PRODUÇÕES — Em Setembro, a produção de cimento foi superior em 45,9% à verificada no mesmo mês do ano anterior. Note-se que em Setembro de 1982 se verificou uma importante quebra de produção provocada pela greve na indústria cimenteira. Em valores acumulados, desde o início do ano, verifica-se um acréscimo de 4,3% em relação a igual período de 1982.

CONSUMO INTERNO — Em Setembro, as saídas de cimento para o mercado interno foram superiores em 31,7% às verificadas no mesmo mês do ano anterior, mês em que se verificou uma forte quebra nas saídas pelas razões apontadas na nota referente às produções. Em valores acumulados, desde o início do ano, verifica-se um acréscimo de 1,3% em relação a igual período de 1982.

IMPORTAÇÃO — 196 039 toneladas (valor acumulado do ano).

EXPORTAÇÃO — 1450 toneladas (valor acumulado do ano).

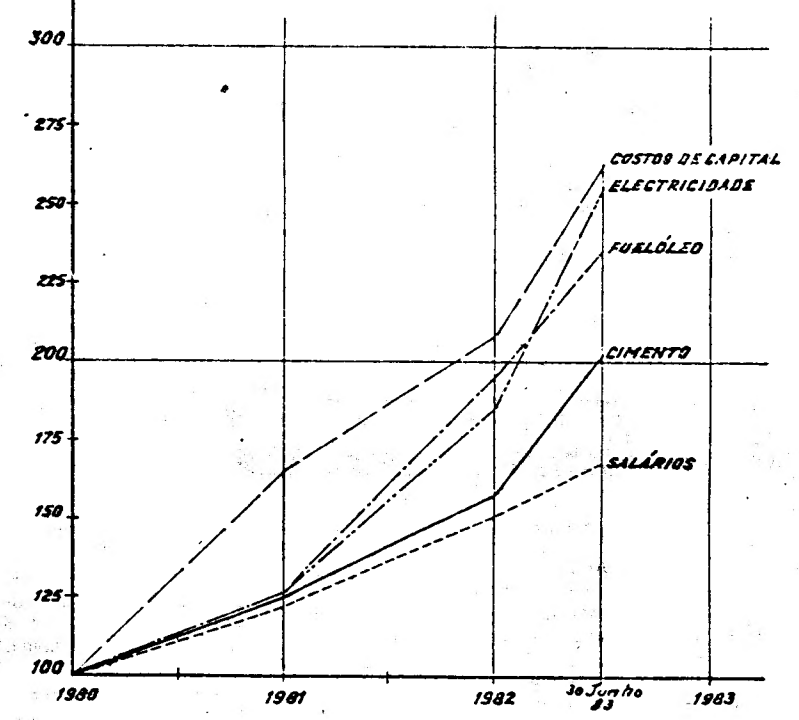
Estes valores incluem as produções e as saídas para o mercado interno das empresas:
CIMPOR — Cimentos de Portugal, EP
SECIL — Companhia Geral de Cal e Cimento, SARL
EII – Entreposto Industrial das Ilhas, SARL

e englobam todos os tipos de cimento.

EVOLUÇÃO DO PREÇO DO CIMENTO E DOS FACTORES DE CUSTO

Os sucessivos agravamentos dos preços dos principais factores do custo de produção têm tido decisiva influência na evolução do preço de venda do cimento, não obstante as notáveis melhorias técnicas introduzidas no parque produtivo nacional, nomeadamente as conducentes à redução do consumo energético, e os acréscimos de produtividade alcançados.

A evolução do preço do cimento e do custo dos factores produtivos entre 1980 e o fim do 1.º semestre do ano em curso está representada no gráfico que se segue.



Já no decorrer do 2.º semestre de 1983 se verificaram variações no custo dos combustíveis (+ 11%), electricidade (+ 10%). Concluiu-se ainda o Acordo Colectivo de Trabalho com um aumento global de 19%. O escudo sofreu nova desvalorização (+ 12%).

O acréscimo do preço do cimento foi de 6%.

CIMPOR — Cimentos de Portugal, EP

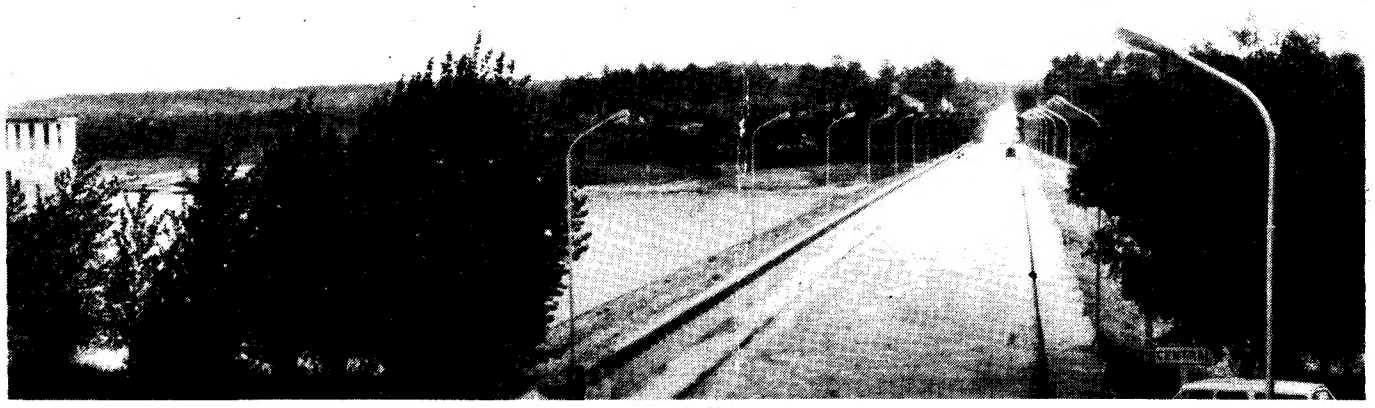
Deixem crescer os peixes!

Antunes da Silva

À borda da albufeira estava uma estaca segurando a corda da rede, a estender-se até à outra margem, onde ficou presa ao tronco de uma árvore, em parte à mostra, nos sítios menos profundos. À luz do dia, um grupo de «pescadores» condensava assim a captura de barbos, achigãs, carpas e bogas para as refeições campestres que tencionavam realizar durante três dias seguidos.

Nem um só elemento da comitiva trazia cana ou carreto, mas sim redes, camaroeiros, um barco de borracha para as indispensáveis manobras, este esquadrilhando a dimensão aquática nos mais minúsculos detalhes, em lapas e juncais onde o peixe se costuma amalhar. Ao fundo da albufeira, encontravam-se quatro desportistas à pesca, com pequenas canas, mas cedo perderam o estímulo e desistiram do passatento, logo que repararam que os díscolos, chamemos-lhes assim, depois da primeira rede estar colocada, se prepararam para instalar a segunda nas extremidades da lagoa, num lugar onde o limite das águas era mais estreito e menos fundo.

Neste lapso de tempo, não aconteceu aparecer um guarda, nem ninguém que lá estava antes deles chegarem os admoestou, porque o grupo era numeroso, muito barulhento e os seus elementos bebiam bem. Certo é que naquele dia, muita quantidade de peixe se



Barragem de Montargil

apanhou e ainda mais se deitou fora...

É fácil deduzir que quando factos destes se passam todos os dias à vista de quem os observa, notória é a falsa noção de liberdade que tais criaturas entendem argumentar para defesa dos seus fins, e, neste caso flagrante, das suas nocivas actividades. O certo é que em poucas horas, os **vândalos** capturaram muitas dezenas de quilos de peixe, sem haver necessidade nenhuma de estragar a maior parte... E a pergunta que pomos, é esta: como se podem defender as espécies, criar o equilíbrio ecológico que muitas patentes das áreas governamentais defendem, e muito bem; como se poderá consolidar um bom e fraternal convívio, se tipos desta natureza escarnecem das leis da República, e, pelos vistos, se multiplicam semana após semana, ante a impunidade que gozam, na sua sanha de destruir em meia dúzia de dias o que leva às vezes alguns anos a criar e desenvolver? É uma tristeza...

Sabemos muito bem que nos grandes espaços aquáticos do interior, as pequenas armadilhas não inutilizam por aí além as espécies, devido às profundidades inerentes nas barragens de grande caudal, por exemplo, e porque também as redes são menos fundas e a fauna tem mais defesa, enfim, os estragos são menores, se bem que tais práticas de redes deveriam ser consideradas sempre ilícitas. O pior é que a seguir os serviços oficiais trm de proceder a constantes e exaustivos repovoamentos, que quase nada servem, se tivermos em conta que os perturbadores, da lei, na sua desenfreada ganância, nada poupam, pois não deixam com vida coisa nenhuma que mexa, e até se dão ao luxo, depois das comezainas, abandonarem junto das margens grandes quantidades de exemplares, grandes e mal-nascidos, que sobraram das refeições e são mais tarde pasto das ratazanas e corvos. É realmente lastimável que o Ministério da Qualidade de Vida não olhe por estas coisas com mais disciplina e severidade, já que faz pagar aos pescadores desportivos onerosas licenças para poderem pescar com cana e carreto nas águas interiores do País, mas os desprotege nos seus tempos livres, enquanto quem nada paga, «pesca» fora das regras na maior impunidade, com a agravante de aniquilar os pesqueiros e despovoar os nossos rios, albufeiras e barragens. Não nos bastava que os industriais e os agricultores pouco esclarecidos deitem nos cursos de água as impurezas das suas fábricas e os tóxicos sobrantes ou que se desagregam dos seus arrozais, tomateiros e outras culturas, poluindo da nascente à foz as águas e os bichos, ajunta-se agora a praga dos «pescadores de redes», que mais não intentam senão conduzir-se à margem dos costumes civilizados e das leis vigentes, numa ocupação atentatória dos direitos legítimos da comunidade, destruíndo a pouco e pouco o que nos resta de salubre, harmonioso e vivo, nas nossas terras do interior. Parece-nos, portanto, que a moleza da actual legislação, neste aspecto, é pouco cautelosa na defesa dos interesses comunitários, já que deixa muito a desejar a educação cívica de tais cidadãos prevaricadores, que regra geral ficam impunes nos atropelos que fazem, se bem que na maior parte dos casos, sabemo-lo perfeitamente, são praticados sem intenção malévola e mais por uma ignorância primária que há necessidade de sanar, na medida em que certos indivíduos entram nesse lamentável jogo para acamaradar com outros que, esses sim, sem escrúpulos de natureza ecológica, praticam o mal, prejudicando quem paga as suas licenças e respeita as leis.

Porque o que está em causa é na verdade a tal defesa ecológica dos nossos rios, albufeiras e barragens e da própria economia nacional num dos seus sectores que nem secundário é, e daí que um dinâmico esforço se tenha de realizar no sentido de esclarecer os faltosos, para que tais depredações, tão frequentes, deixem de constituir uma via normal nos lugares onde exterminam toda a fauna que existe. Porque a bela e sacrossanta liberdade que alcançámos com tantas dificuldades, não se deve subverter ou sabotar na prática de abusos inglórios ou transformar-se numa amarga desilusão colectiva, na anarquia que corrompe os princípios morais de um povo, porque só negará a nós próprios, o direito à vida e à esperança a que temos inalienável direito.

Há onze meses administrado por produtores

Governo manda PSP reocupar mercado abastecedor do Porto

"Comissão de Luta" vai ser processada judicialmente

PORTO, 17 – A PSP guarda desde esta madrugada as instalações do mercado abastecedor «Chaves de Oliveira», nesta cidade, impedindo que os elementos da autodenominada Comissão de Luta que o ocupavam desde 26 de Novembro último continuem a geri-lo à margem da lei e em seu proveito próprio, contra os próprios interesses do Estado.

Há menos de um ano, titulares de alguns postos de venda do mercado abastecedor da cidade do Porto afastaram das suas funções os elementos da Comissão Administrativa e alguns funcionários do «Chaves de Oliveira», alegando que os preços cobrados pela Junta Nacional das Frutas eram exorbitantes. Os elementos mais activos da Comissão de Luta passaram então a orientar os destinos do mercado que serve todo o comércio portuense, pois é nele que produtores e grossistas vendem os seus produtos – legumes, frutas e produtos hortícolas –, a par dos retalhistas. É nele que se abastecem todo o comércio de revenda e os principais casas do ramo.

Os elementos da Comissão de Luta foram mais longe, contratando homens da «Securitas» para garantirem sua integridade física. A despeito da tentativa de diálogo encetada pelos responsáveis legais do mercado, proposta pelo Ministério da tutelae accionada pelo Governo Civil do Porto, essa diligência não resultou. Subitamente, no passado sábado – já depois do fecho do mercado –, o Ministério do Comércio Turismo determinou o seu fecho por uma semana, providenciando para que esta manhã fosse impedido o acesso dos produtores, grossistas e retalhistas.

Era esta a situação à hora do fecho desta edição, continuando a PSP de guarda às instalações do «Chaves de Oliveira». O mercado só deverá reabrir no próximo sábado, sendo os interessados, mediante identificação, autorizados a recuperarem os seus produtos aí deixados anteontem, evitando assim que se estraguem.

Os elementos da autodenominada «Comissão de Luta» foram entretanto avisados de que os seus postos de venda lhe serão retirados, sendo atribuídos, por ordem de inscrição, aos produtores, grossistas e retalhistas que estavam na lista de espera. Ao mesmo tempo que a Comissão Administrativa retoma as suas funções é accionada a participação dos factos, ocorridos em 26 de Novembro do ano passado, à Polícia Judiciária, para a sua averiguação e apresentação em tribunal da correspondente acção judicial contra a autodenominada Comissão de Luta, «pelos prejuízos suportados pelo Estado até esta data», segundo uma nota do Ministério do Comércio e Turismo.

Os rendimentos do mercado abastecedor provenientes do aluguer dos postos de venda foram, desde 26 de Novembro até agora, depositados pela «Comissão de Luta» na Caixa Geral de Depósitos do Porto.

na margem

«Peço desculpa, sr. Ministro»

Foi revelado em plenário da Redacção do «Jornal de Notícias». O seu director-interino, Freitas Cruz, tem o hábito de telefonar aos ministros e pedir desculpa quando este ou aquele artigo é menos agradável. É, pelo menos, a versão do ministro Augusto Seabra. Confessou aos jornalistas, após uma visita recente a Famalicão, que o referido director já lhe telefonou mais do que uma vez com a frase «desculpe, sr. ministro».

«Cenas de Amor»

No banquete oferecido por Samora, em Queluz, Mário Soares avistou-se, a dada altura, com alguns dos capitães de Abril. Dirigiu-se, então, a Vasco Lourenço, perguntando se ainda estavam zangados. Estavam presentes outros oficiais, membros da Associação 25 de Abril, a cuja inauguração Soares faltou, impedindo ainda Tito de Morais de comparecer. Vasco Lourenço lembrou o facto. Trocaram-se «piropos», sorridentes e irónicos. Soares rematou: **ainda temos de fazer uma cena de amor.** Igualmente mordaz, mas imaginando, obviamente, outros partenaires, Vasco respondeu **para o amor estou sempre disponível...**

Lapso?

Por falar em «capitães de Abril», comenta-se com satisfação na Associação 25 de Abril o facto de ter sido escolhido um dos seus membros (Costa Brás) para presidente da Alta Autoridade Anticorrupção. Parece que o secretário-geral não teve alternativa no próprio partido para tão importante lugar... Mas na Associação 25 Abril estranha-se muito que a comissão escolhida pelo ministro socialista, Coimbra Martins, para as comemorações do 10.º aniversário que do fascismo não inclua um só «capitão de Abril». Lapso?

Gama envia mensagem de solidariedade a Moçambique

O ministro dos Negócios Estrangeiros, Jaime Gama, enviou esta manhã em nome do Governo português, ao seu homólogo moçambicano, Joaquim Chissano, uma mensagem de «solidariedade para com o povo de Moçambique», condenando o «ataque desta madrugada realizado pelas forças da República da África do Sul, que constituiu uma violação do espaço territorial moçambicano».

o professor

à venda o n.º 56

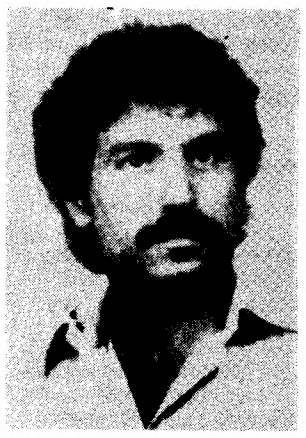
- O Nordeste Transmontano e a máscara
- Para a produção de um novo discurso pedagógico
- Educação para a paz – uma experiência
- «AS TRUTAS» Entrevista com Joseph Losey

de ontem para hoje

Polisário acusa Marrocos de ter atacado o «Driss»

A Frente Polisário acusou ontem Marrocos de ter atacado o pesqueiro luso-marroquino «Driss» para «perturbar a possibilidade do estabelecimento de relações entre a RASD e Portugal». Em declarações à ANOP o representante da Frente Polisário em Viena disse que esta organização é «completamente alheia ao ataque contra o pesqueiro verificado na costa de Dahla, a qual é dominada pela marinha marroquina». O ataque contra o pesqueiro luso-marroquino ocorreu a semana passada e custou a vida a dois pesccadores portugueses de Peniche e a um marroquino, além de vários feridos. Meios próximos da Frente Polisário consideram que a possibilidade do estabelecimento de relações entre Portugal e a República Árabe Saraui Democrática (RASD) aumentou com recentes declarações do ministro português Jaime Gama que disse ser possível uma aceitação em princípio das relações.

FUP recorda António Guerreiro



A morte de António Guerreiro (foto) abatido há dois anos a tiro durante o assalto a um banco, na Póvoa de Santo Adrião, é recordada em comunicado divulgado pela FUP (Força de Unidade Popular). «António Guerreiro militante da esquerda revolucionária – escreve a FUP – era natural de Fornalhas Novas, Odemira, e como militar participou no 25 de Abril integrando as forças que sob o comando de Salgueiro Maia ocuparam o Quartel do Carmo. Posteriormente foi elemento activo nas ocupações de terras e casas que se seguiram áquela data libertadora. Do mesmo modo militou nas Comissões de Moradores e na Associação de Inquilinos Lisbonenses». Na altura da sua morte, refere a FUP, «António Guerreiro que tinha sido militante do PRP, continuava empenhado no combate contra a opressão e a exploração capitalista, integrando as Forças Populares 25 de Abril».

Mergulhador desaparece em Portimão

Um mergulhador de dezanove anos, Armando Borges, estudante, foi dado como desaparecido quando pescava ao largo da praia do Alemão, no Algarve. O jovem, que era filho do proprietário de um restaurante na praia da Rocha, mergulhou numa zona com dezassete metros de profundidade, sem possuir equipamento adequado para tal.

Recurso de Krohn foi indeferido

O recurso apresentado pelo padre sedevancantista espanhol Fernandez Krohn, à sentença de sete anos de prisão que lhe foi aplicada pelo Tribunal de Vila Nova de Ourém, acaba de ser indeferido pelo Tribunal da Relação de Coimbra. A decisão foi tomada por um colectivo presidido pelo dr. António Almeida Simões e integrado pelos drs. Luís Vicente Pinto e Cláudio César da Gama Veiga. Fernandez Krohn, que se encontra detido na Penitenciária de Lisboa, foi condenado como é do conhecimento público por atentar contra a vida do Papa João Paulo II, em Fátima, na noite de 12 de Maio de 1981. Entretanto, o seu defensor oficioso, dr. Lopes Perdigão, de 82 anos, que está internado numa clínica de Coimbra, a fim de ser submetido a uma intervenção cirúrgica, afirmou que não irá recorrer para o Supremo por achar que «não vale a pena».

Uma «boleia» mal intencionada

O ajudante de motorista José Ribeiro de Carvalho, de 45 anos, ficou sem o relógio de pulso, a carteira com documentos e cinco contos, e ainda teve de ir receber tratamento a vários ferimentos na cabeça. Na queixa que apresentou mais tarde, na PSP, José Ribeiro proferiu que ia a passar, pouco antes da meia-noite de ontem pelo Bairro de Contumil, no Porto, quando parou junto de si uma viatura cujos ocupantes lhe ofereceram boleia. Como estivesse um pouco bebido aceitou. Mas ao chegar próximo da sua residência, na Rua Silva Porto e antes de o largarem os ocupantes da viatura despojaram-no de todos os valores e agrediram-no.

Desta vez deixaram-no vestido

Há cerca de uma semana o «DL» noticiou um roubo de que foi vítima o serralheiro mecânico José Luís Cardoso Gastão da Silva, de 23 anos, quando dormia sobre a carroçaria de uma camioneta estaconada junto ao Mercado do Bom Sucesso, na sequência do qual ficou em cuecas, indo apresentar queixa na esquadra mais próxima, embrulhado em papel de jornal. Acontece que na madrugada de ontem, José Luís foi de novo assaltado por três jovens que, desta vez, lhe roubaram 920 escudos (da primeira vez, sob a ameaça da arma, roubaram-lhe um relógio de pulso e 100 escudos). Porém, logo a seguir ao roubo o serralheiro dirigiu-se a um Centro Comercial na Rotunda da Boavista, onde solicitou a intervenção de um agente da PSP, dado ter identificado dois dos assaltantes.

Cauteleiro roubado no Bairro do Relógio

O cauteleiro João de Jesus Vieira foi assaltado ontem à noite por três desconhecidos, no Bairro da Rotunda do Relógio, que lhe roubaram os seguintes bilhetes para a extracção desta semana: 2993, 3019, 3098, 8967 20 272, 23 604, 31 321, 45 315, 47 670, 53 413, 55 999, 59 847 e 59 921. Qualquer informação poderá ser dirigida para a Rua Cidade da Beira, 61, 3.°, dt.°, em Lisboa.

Rui Machete sobre o novo Código Penal:

"Não há elementos que apontem para o aumento da criminalidade"

FUNCHAL, 17 – O novo Código Penal «é um documento importante», resultando de um trabalho aturado de vários juristas e, particularmente, de Eduardo Correia e Meneres Pimentel. O juízo global sobre a sua aplicação só será possível dentro de alguns meses» – afirmou o ministro da Justiça que aqui participa no colóquio sobre os «Direitos do Homem na Europa».

Rui Machete disse na ocasião que «não há elementos sérios que permitam afirmar que o Código tenha provocado o aumento da criminalidade e tenho mesmo dúvidas – acentuou – que isso se tenha verificado, apesar de haver algumas infracções penais que devem ser punidas mais severamente».

Quanto à importância do colóquio sobre os «Direitos do Homem na Europa», acrescentou tratar-se de uma iniciativa importante, «porque também cuida da protecçõ dos direitos dos próprios emigrantes portugueses, particularmente num momento de crise em que uma reacção, muito natural mas negativa – a da expulsão dos estrangeiros por escassez de trabalho – poderia acontecer».

O ministro da Justiça disse que os direitos do homem «não discriminam entre os nacionais e os estrangeiros», o que evidencia um processo enorme em termos de convívio internacional. Na Europa há uma comunidade cultural que disfruta de instrumentos jurídicos que permitem que os estrangeiros sejam considerados nos seus direitos em igualdade de circunstâncias com os nacionais – sublinhou.

Rui Machete, que manterá conversações oficiais com o Governo Regional da Madeira, apontou, entre outras medidas, «algumas voltadas para tentar fazer face à carência de habitações na região e que constituem um dos problemas que originam falta de juízes» disse a propósito, que a instalação do Tribunal de Porto Santo «não oferece dúvidas» e condicionou a instalação no Funchal do Tribunal da Família – pretendido pelo executivo de João Jardim – à discussão na Assembleia da República no primeiro trimestre de 1984 do diploma sobre reorganização judiciária».

Quanto ao estabelecimento prisional do Funchal, anunciou que «o projecto existente é extremamente caro, e não, terá possibilidades de concretização imediata, atendendo às dificuldades financeiras existentes».

O ministro da justiça defendeu ainda uma organização judiciária única em todo o território português e referiu que o projecto de diploma do Governo Regional, visando a regionalização da organização judiciária na Madeira, um documento que «contém contribuições importantes nesta matéria, mas não se me afigura possível, nem conveniente, fazer um diploma especial para a Madeira numa altura em que estamos a trabalhar na reorganização do sector judicial».

Machete defendeu que a «justiça se deve aproximar das populações» e admitiu que, no caso das duas regiões autónomas «há propostas importantes que serão consideradas, apesar de defendermos que a organização judiciária deve ser única em todo o território português».

Comissão de Luta proibida de entrar em Caxias

Documento de apoio a Amilcar Romano subscrito por Rosa Coutinho

O almirante Rosa Coutinho, os deputados Lopes Cardoso, António Vitorino e Marcelo Curto, os escritores Nuno Bragança, Fernando Grade, Luís Pignatelli, Madalena Gomes e José Alberto Marques, o pintor João Botelho e o poeta José Fanha, são alguns dos novos subscritores do documento em que é reclamada a aprovação pelo Parlamento de uma Lei da Amnistia para o «Caso PRP», de forma a levar à libertação de Amílcar Romano que hoje completa o seu 24.° dia de greve de fome.

Entretanto, em comunicado hoje divulgado a Comissão Pró-Amnistia (Liberdade para Amílcar Romano e José Manuel Pinto) acusa a Direcçã-Geral dos Serviços Prisionais (DGSP), entidade à qual atribui a decisão de proibir as suas visitas a Amílcar Romano, na Prisão-Hospital de Caxias, de forma a assim pretender manter o grevista da fome «isolado da solidariedade e apoio já demonstrados por centenas de pessoas». O texto distingue a actuação da DGSP da do Ministério da Justiça, afirmando que o departamento presidido por Rui Machete tem manifestado «franco empenhamento» em conduzir «esta luta para um desbloqueamento justo e honroso».

A Comissão Pró-Amnistia afirma, por outro lado, ter sido recebida pela UGT e de ter entregado um dossier completo sobre a situação de Amílcar Romano e José Manuel Pinto à Comissão de Direitos, Liberdades e Garantias, um dos órgãos da Assembleia da República. E de que na sequência desta diligência foi criada uma subcomissão, integrando um deputado de cada partido com assento no Parlamento para estudar o caso.

A mesma fonte revela que, preocupados com o agravar do estado de saúde de Amílcar Romano, já se encontram em Lisboa familiares daquele preso político do PRP.

Faltam 18 funcionários na secretaria

Secundária Afonso Domingues ainda não sabe quando abre

A escola secundária de Afonso Domingues, em Lisboa não sabe ainda quando entrará em funcionamento. A secretaria desfalcada em 18 funcionários é a causa fundamental da ruptura.

O caso desta escola é típico da situação criada pela política do ME relativamente ao pessoal administrativo: não só não preenche quadros como vai buscar aos quadros já desfalcados das escolas existentes, o pessoal que constituirá as secretarias das novas escolas. A não preparação conveniente do pessoal administrativo é outro problema.

Entretanto, 1500 alunos aguardam que o ano lectivo comece na Afonso Domingues.

O quadro da escola prevê 26 funcionários. Entre reformas e transferências, ficaram 10. Dois foram transferidos este ano para secretarias de escolas novas. Ficaram oito. Desses oito, dois estão de baixa por doença. Restam, portanto, seis funcionários nesta escola de 1500 alunos, e cerca de centena e meia de professores, no início do ano lectivo em que o trabalho para as actividades lectivas arrancaram é imenso.

Resultado: em Outubro, os processos dos 1500 alunos inscritos não estão organizados; 150 alunos que concluiram o curso na Afonso Domingues não têm ainda as respectivas certidões; não está a ser feita a contagem do tempo de serviço dos professores (o que põe em causa um conjunto de regalias); os professores que entraram este ano nesta escola (provisórios e efectivos) não têm os contratos organizados; o processo de vencimento também está atrasado.

Secretária de Estado não responde

Às diligências do conselho directivo, a Direcção-Geral de Pessoal respondeu em Setembro passado que não podia fazer nada (esta é a Direcção do ME que pode resolver as questões do pessoal). O conselho directivo dirigiu-se então à secretária de Estado dos Ensinos Básico e Secundário, Maria Helena Valente Rosa, que não deu qualquer resposta. Deixou igualmente sem resposta, os dois telegramas que lhe foram enviados posteriormente.

O CD recorreu então à Inspecção-Geral de Ensino solicitando-lhe que se inteirasse em **in loco** da situação. Os inspectores, vieram no princípio de Outubro e voltaram na semana passada. Nada, porém, de conceto resultou ainda.

O Conselho Pedagógico, decidiu pedir audiência ao ministro Seabra. Enfim, não se trata propriamente duma cadeira partida...

Um problema grave se verifica também em relação ao pessoal auxiliar. Dos 62 trabalhadores do quadro existem 38 e, desses, três vão seguramente reformar-se no ano lectivo 83/84.

Braga cria Comissão Regional de Turismo

PORTO, 17 – Uma Comissão Regional de Turismo para o distrito de Braga vai ser criada no prazo de 60 dias de acordo com uma proposta aprovada em reunião de autarcas da região.

Organizado pelo Governo Civil de Braga e reunidos responsáveis autárquicos de todos os concelhos do distrito, o Encontro criou condições para o relançamento turístico da região.

Um documento divulgado no final refere que a futura Comissão Regional de Turismo ficará centralizada na capital minhota e será composta por representantes das Câmaras Municipais de Braga Guimarães e Barcelos, da Direcção-Geral de Turismo e da Comissão de Coordenação da Região Norte.

Os promotores da iniciativa pensam constituir numa segunda fase, uma federação de Regiões Turísticas, tendo sugerido à Comissão, de Cordenação da Região Norte que promova as diligências necessárias ao cumprimento de tal objectivo – acrescenta o texto.

Maldonado Gonelha na Madeira:

São "sérias" as restrições no Orçamento para a Saúde

O ministro da Saúde, Maldonado Gonelha, disse no Funchal que as restrições previstas no Orçamento do Estado para 1984 terão implicações «sérias no sector».

Esclareceu que se encontra no Funchal para assistir à reunião sobre economia de saúde com técnicos da Organização Mundial de Saúde (região europeia), e referiu que «apesar de tudo o orçamento da saúde é aquele que mais sobe, atingindo os 79 milhões de contos, o que ainda é insuficiente apesar de ter sido o aumento possível».

Sobre a sua estadia no Funchal, anunciou que manterá encontros oficiais com os secretários regionais dos Assuntos Sociais da Madeira e Açores «para passar em revista problemas em comum e alguns aspectos onde as regiões autónomas, que têm mais carências que o continente, possam encontrar desde já as soluções desejadas e possíveis».

No caso da Madeira, o ministro falou da possibilidade de serem criadas em Lisboa condições para acolhimento dos doentes da região que procuram tratamento médico na capital, os quais, presentemente, não dispõem de um local de acolhimento, «vendo-se obrigados a percorrer as pensões».

Gonelha disse ainda que, entre os insuficientes renais – «o que prova e justifica a necessidade de uma campanha de educação sanitária» – trinta e oito por cento dos doentes estão em diálise «devido a automedicação errada, pelo que hoje pagamos sete mil escudos por sessão, para os manter vivos, o que nos dá cerca de dois milhões de escudos anuais, sabendo-se que pelo menos 750 pessoas estão nessas circunstâncias».

O ministro da Saúde salientou a importância da decisão governamental de aumentar as pensões, «já que ela pretende melhorar a vida dos que têm menos, apesar de lamentavelmente não serem os aumentos que seriam desejáveis».

«Estamos numa crise económica muito grande, a situação financeira era verdadeiramente dramática e eu, que tenho estado na política e de certo modo activamente desde o 25 de Abril, francamente não sabia até que ponto esta situação era tão grave» – disse.

Por sua vez o secretário regional madeirense dos Assuntos Sociais, Miguel Mendonça, disse domingo no Funchal que a aplicação à região do sistema de venda livre ao balcão de medicamentos inserir-se-á «num conjunto mais vasto de medidas».

Miguel Mendonça acrescentou que esse conjunto de medidas denominar-se-á «pacote de saúde regional» e considerou que a questão é no entanto «um problema menor dentro do problema maior que é o da contenção dos gastos e do consumo em bens médicos que afligem os governos da República e Regionais».

Miguel Mendonça salientou a importância dos encontros que manterá com Maldonado Gonelha e com o secretário regional dos Assuntos Sociais dos Açores, «numa reunião tripartida importante dada a existência de assuntos de política e de estratégia comuns aos três executivos».

Acompanhado de Angelo Correia

Mota Pnto fala em Macau de cooperação económica com Portugal e a China

O vice-Primeiro-Ministro, Mota Pinto, encontra-se desde sábado em Macau, em visita oficial a convite do governador Almeida e Costa. O vice-chefe do Governo e titular da Defesa disse à chegada — acompanhado de Ângelo Correia — que a sua presença em Macau é uma oportunidade para «exprimir solidariedade e apoio do Governo à administração do território».

Esta é também uma oportunidade «para afirmar a convicção fundada das autoridades portuguesas de que este é um território de paz, onde a estabilidade política e administrativa e a tranquilidade permanente estão enraizadas, e assim continuarão por assentarem em consensos sólidos» — disse Mota Pinto.

Mota Pinto sublinhou a importância de uma sensibilização no sentido de intensificar o intercâmbio de bens, serviços, informação, saber e tecnologia entre Portugal e Macau.

Disse que existem muitos aspectos onde essa cooperação pode ser concretizada «sob a forma de associações, 'joint-ventures' ou de acções concertadas entre firmas portuguesas e entidades macaenses e chinesas, no sentido de se obterem resultados vantajosos para ambas as partes».

Sobre as possibilidades concretas de cooperação, Mota Pinto referiu a presença em Macau de representantes de associações empresariais «muito significativas na vida económica portuguesa».

No casino

«Entendo que a nível das tecnoclogias intermédias, no serviço de carácter financeiro, das empresas de consultadoria e projecto e da tecnologia da construção civil» — disse Mota Pinto — é possível que empresas portuguesas, em colaboração com entidades e empresas locais, possam realizar projectos com interesse para Macau e para a República Popular da China.»

Após o desembarque na pontecais do porto exterior, Mota Pinto deslocou-se ao casino Jai Alai, onde assistiu ao sarau da Segunda Feira Industrial de Macau.

Celebrou-se em todo o mundo o Dia Mundial da Alimentação

O Dia Mundial da Alimentação que ontem se celebrou, sob a égide da Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura (FAO), visa «divulgar as razões da fome e os processos para a combater»,

Cerca de 420 milhões de pessoas não têm o suficiente para comer.

Os países subdesenvolvidos têm um valor crescente de despesas com as importações de alimentos.

Em 1976 esse valor situou-se na ordem dos 22 biliões de dólares (metade dos quais referentes à compra de cereais). Em 1980 foram transportados para esses países 200 milhões de toneladas de cereais, a que corresponde 20 por cento da capacidade de transporte marítimo mundial.

Se persistirem as tendências actuais da produção alimentar e do crescimento da população do planeta, a FAO prognostica que este número aumentará durante os próximos dezassete anos.

A massa de seres humanos mal alimentados e submetidos ao risco de morte e doenças ascenderá assim a 600 milhões de pessoas no ano 2000.

Mais de 150 países promoveram iniciativas de todo o género para recordar o tema central do dia que se celebrou pelo terceiro ano consecutivo sob o lema «a alimentação, direito prioritário».

Este ano, a FAO promoveu várias iniciativas no âmbito das escolas mediante concursos de redacção e de pintura infantil como os organizados nas últimas semanas em mais de cem mil escolas brasileiras.

Em África, um milhar de crianças de trinta países participou num concurso organizado pela revista «Jeune Afrique» com o apoio da FAO.

Conferências, feiras agrícolas, exposições em locais públicos, prémios aos agricultores mais produtivos, missas especiais nas igrejas e discursos de altos funcionários foram outras iniciativas adoptadas em países tão distantes como Filipinas e Equador, a República Centro Africana e os Estados Unidos.

A celebração tem como objectivo concentrar a atenção mundial na situação crítica da alimentação, apesar de existirem boas reservas de cereais depois de dois anos de colheitas sem precedentes.

PS/Madeira marca Congresso para Dezembro

O IV Congresso do PS-/Madeira vai reunir-se a 3 e 4 de Dezembro, segundo decisão aprovada em reunião da Comissão Regional do partido realizada neste fim-de-semana.

De acordo com a decisão desta estrutura, o Congresso irá ter em agenda a discussão e aprovação dos relatórios dos órgãos regionais cessantes, de moções de orientação sobre organização federativa e política regional e das alterações a introduzir nos estatutos regionais do Partido Socialista e a eleição dos órgãos directivos do PS-/Madeira.

A Comissão Regional do PS, no seu comunicado final, criticou o presidente do Governo da região, Alberto João Jardim, acusando-o de manter «agressividade em relação ao PS».

Os socialistas madeirenses, em comunicado, afirmam que João Jardim, ao mesmo tempo que procura «agradar ao Governo da República, usando para tanto uma linguagem moderada e afável», mantêm «uma agressividade em relação ao PS nada compatível com a necessária mudança no relancionamento institucional, nomeadamente entre Governo e oposição».

Em estudo a Universidade da Madeira

O secretário de Estado do Ensino Superior e o secretário Regional da Educação decidiram em Lisboa criar uma comissão de estudo que analisar a implementação de uma Universidade na Madeira.

A comissão terá como função «equacionar previamente os objectivos estratégicos da investigação que nela se poderá levar a cabo» – disse o secretário de Estado, Britaldo Rodrigues.

Afirmou ter prevalecido, na reunião com o secretário Regional, Brasão de Castro, uma «estupenda identidade de conceitos e ideias sobre ensino superior que pretendem aproveitar para construir algo com alicerces».

«Queremos que o ensino superior na Madeira sirva a região autónoma no sentido de a desenvolver, pelo que ele terá apenas uma ou duas áreas de actuação» – afirmou Brazão de Castro, acrescentando: «ministrar uma generalidade de cursos seria economicamente impossível e iria gerar um excesso de licenciados».

A constituição da comissão será objecto de uma reunião que provavelmente se realizará no Funchal – adiantou.

Brasão de Castro disse que as áreas de actuação da futura universidade da Madeira visam «a obtenção de resultados científicos de ponta» e frisou: «não serão uma extensão das Universidades do continente».

Actualmente são ministrados na Região Autónoma da Madeira todos os cursos da Faculdade, de Letras de Lisboa e ainda os cursos de Biologia, Matemática, e Físico-Químicas.

Manuela Aguiar pede "estatuto de igualdade" para os emigrantes

FUNCHAL, 17 – A secretária de Estado, Manuela Aguiar, disse ontem no Funchal, onde se encontra como participante no colóquio do Conselho Europeu sobre «Direitos do Homem e os Estrangeiros na Europa», que o Governo português se bate para que os nossos emigrantes tenham o estatuto de igualdade nos países da CEE.

A secretária de Estado da Emigração referia-se ao processo de adesão de Portugal ao Mercado Comum, afirmando que o processo «terá repercussões», pois o Governo português tem todo o interesse em aderir as comunidades sob o ponto de vista do «dossier social» para os trabalhadores que temos nos países comunitários, porque isso lhes vai garantir o estatuto de igualdade porque lutamos» – sublinhou.

Para a secretária de Estado da Emigração é necessário explicar aos países europeus que Portugal quer uma «igualdade imediata» para os seus emigrantes, pelo que «não pode admitir discriminações nem imposições de prazos». Em relação ao novo surto de emigração, disse Manuela Aguiar que tudo faremos para o desencorajar, porque os países têm os seus problemas e é necessário compreender essa realidade».

A secretária de Estado da Emigração referiu que Portugal «procura dissuadir as pessoas a não emigrarem numa situação de clandestinidade» e acrescentou que em Portugal, que é hoje um país democrático, não há clandestinos, pois todos os portugueses podem sair e regressar quando quiserem».

Perante países que pretendem «limpar» a emigração

Manuela Aguiar apontou a França como um «país que tem uma atitude generosa para com os nossos emigrantes e do qual não nos podemos queixar». Em relação à Alemanha Federal, recordou a existência de problemas quanto ao acordo no domínio da segurança Social «que permita aos portugueses o reembolso das quotizações enquanto Portugal não for membro das Comunidades Europeias».

«Esse está a ser o verdadeiro incentivo para que os portuguesas residentes na Alemanha Federal regressem em maior número do que de qualquer outro país, para além de uma diferente facilidade de integração, o que não acontece em França», disse.

Recordou o encontro mantido recentemente com a secretária de Estado Francesa da Emigração, Georgina Dufois, e a «constatação de que os pontos de vista sobre emigração são muito próximos» além do facto de ter verificado que as comunidades portuguesas «não são visadas pelas novas medidas de controlo da emigração clandestina desencadeadas pelo Governo de Paris».

EPNC e ANOP sob a atenção da FIJ

O boletim da FIJ de Setembro («En ligne directe»), refere-se em pormenor à situação da EPNC, declarada pelo Governo «em situação económica difícil».

Menciona também o boletim a posição dos trabalhadores daquela empresa pública de comunicação social («Diário de Notícias» e «A Capital»), bem como o papel do Sindicato dos Jornalistas.

Sublinha também a FIJ a resolução adoptada em comum por três grandes sindicatos (Jornalistas, Gráficos e Trabalhadores na Imprensa), resolução que se apoia em três pontos: os trabalhadores não foram consultados; as decisões tomadas afectam o direito ao trabalho; e perigo de desmantelamento do sector público da comunicação social, «considerado como um instrumento indispensável à consolidação da democracia portuguesa», pois «é uma garantia da liberdade de informação».

O caso da ANOP é também mencionado no boletim da FIJ.

DESENHADORES

INSTALAÇÕES ELÉCTRICAS

Admite Gabinete de Estudos em Lisboa. Entrada

Imedia-

Curriculum e Condições pretendidas.
Resposta a este Jornal ao n.° 15 106

"Homens do campo terão de recorrer à banca"

— *afirmou Soares da Costa em Vila Real*

PORTO, 17 — «Os homens do campo terão de recorrer à Banca, que não é nenhum fantasma, nomeadamente às Caixas de Crédito Agrícola Mútuo, instituídas, de facto, para apoio à lavoura» — afirmou o ministro da Agricultura, Florestas e Alimentação, Soares da Costa, que em Vila Real presidiu a um colóquio sobre «Desenvolvimento e Regionalização», acompanhado do secretário de Estado da Agricultura, Brito de Carvalho, do presidente da Comissão de Coordenação da Região Norte, Valente de Oliveira, e do presidente da Administração do BPA, Jardim Gonçalves, além de entidades locais, e de mais de meio milhar de empresários da região.

A desmotivação da obtenção de créditos para a agricultura foi assim abordada por Soares da Costa, que afirmou: «temos assistido a um fenómeno estranho, não só em Trás-os-Montes, como noutras regiões do País, principalmente no interior, onde o recurso ao crédito tem sido efectivamente baixo, pelo que tem de se inverter, desburocratizando o acesso às instituições bancárias.

O carácter misto de muitas das explorações agrícolas e o estabelecimento de um sistema baseado nas linhas de crédito por culturas e actividades foi referido como impróprio: «nem sempre se adequa às necessidades e até à flexibilidade com que o agricultor tem de manejar o crédito e o próprio sistema — disse aquele membro do Governo.

Temos de ter esperança de que a distorção que se verifica entre as regiões possa vir a ser corrigida. Não se compreende que o Alentejo tenha 31 por cento de créditos, enquanto Trás-os-Montes utiliza apenas 2,2 desse recurso, o que é extremamente baixo e negativo» — acrescentou.

O presidente da Comissão de Cooperação da Região Norte, por seu turno, referiu a participação que vai ser exigida às autarquias, apresentando três inovações que devem ser dinamizadas: a riqueza latente das populações, o conhecimento do valor do produto e a formação profissional adequada para a aplicação concreta do trabalho a efectuar.

Valente de Oliveira disse, a propósito, que, embora seja necessária capacidade empresarial, «Trás-os-Montes é um bom exemplo de região encravada, onde não há possibilidades de arranque sem boas vias de comunicação, o que, sendo um factor que obsta ao seu desenvolvimento, pode contribuir negativamente para a saída de quadros técnicos e mão-de-obra especializada e comum».

Portugal paga dívidas à Mauritânia

As negociações luso-mauritanas sobre pescas culminaram no sábado com a asssinatura em Lisboa de um protocolo que estabelece condições de pagamento de dívidas portuguesas e restituição de navios – anunciou a Secretaria de Estado das Pescas.

O documento foi assinado pelo secretário de Estado, Faria dos Santos, e pelo secretário-geral do Ministério mauritano das Pescas, Mohamed Ochelk.

Uma nota da Secretaria de Estado das Pescas refere que os representantes portugueses e mauritanos «concordaram em dar todo o apoio à constituição de sociedades mistas e incrementar a cooperação comercial, com a maior abertura dos respecticos mercados aos produtos de pesca».

A mesma fonte assinala que nas negociações luso-mauritanas que decorreram em Lisboa desde o dia 10 foram estabelecidas formas de pagamento de dívidas das empresas privadas e nacionalizadas portuguesas e definidas as condições em que estas poderão pescar nas águas mauritanas, incluindo a concessão de licenças para a pesca de crustáceos.

«A representação mauritana acedeu a entregar o navio português Vilar que havia sido confiscado a favor do estado mauritano, assim como a libertar outros dois navios portugueses apresados» – acrescenta a nota da Secretaria de Estado das Pescas, referindo que foi «aberta a possibilidade de reparação em estaleiros portugueses de navios pertencentes a entidades da República da Mauritânia».

Socialistas do Sul reunidos

A CEE e os números da crise dominam a cimeira de Atenas

Deverá terminar esta tarde em Atenas a reunião dos primeiros-ministros socialistas da Europa do Sul, que tem sido dominada pela crise económica e os problemas internos da CEE, e em que Mário Soares tem ganho alguns pontos na sua cruzada pela adesão imediata à Comunidade Económica Europeia.

Se ontem os primeiros-ministros da França, Itália, Espanha, Grécia e Portugal trataram de discutir «a resposta socialista ao neoconservadorismo» e os problemas decorrentes da crise interna da CEE para os países do Sul da Europa, hoje estão agendados pontos sobre as relações Note/Sul, da Europa com o Japão e os Estados Unidos, na Europa com o Terceiro Mundo, e a situação no Líbano e na América Central, bem como a questão dos euromísseis.

A conferência abriu ontem de manhã com uma exposição de Andreas Papandreou onde as dificuldades económicas grega, como o défice da balança de pagamentos, o aumento de desempregados e a instabilidade social, tiveram lugar predominante.

As exposições seguintes estiveram também cheias – como afirmou uma fonte governamental portuguesa – de «números aterradores».

É exactamente este panorama de estagnação económica, de onde apenas agora se começa a saír mas que deixa uma pesada herança em países como Portugal ou Grécia, que explica as dificuldades para o Mercado Comum proceder à «digestão» dos novos candidatos – Portugal e Espanha –, quando apenas consseguiu meia integração da Grécia e está sem fundos orçamentais para a sua política agrícola.

Daí que logo no início da sessão de ontem Felipe Gonzalez propusesse, como já se aguardava, a explícita referência ao alargamento da CEE na ordem de trabalhos, proposta por Papandreou.

Os perigos para o socialismo, como ideologia e como alternativa da gestão da crise que se vê obrigado a enfrentar, foram também outros temas básicos da conferência.

Mário Soares, ao afirmar que para si o socialismo não consistia já em nacionalizações ou expropriações, provocou uma meia resposta de Pierre Mauroy que se sentiu obrigado a explicar que existe um balanço positivo nas nacionalizações francesas.

Para Mauroy, os problemas das nacionalizações portuguesas resultaram das condições em que tinham sido feitas: na sequência do processo tumultuoso de uma revolução política.

Mas, apesar disso, destacava-se claramente um consenso entre os vários participantes na conferência, quanto à necessidade de salvaguardar a identidade do socialismo europeu, encontrando novas formas de intervenção económica e social sem correspondência já com o simples aumento do sector público que constituia o núcleo central das propostas socialistas dos anos 60.

A má imagem do chamado socialismo real na Europa de Leste e a necessidade de os partidos socialistas ocidentais de se demarcarem claramente desta experiência, principalmente no campo da terminologia, foi outra das posições tomada na cimeira.

A coincidência de designações entre o socialismo do Ocidente e o «socialismo real» foi considerada como necessitando de uma correcção, reservando a designação do socialismo para a democracia socialista e designando com o termo «comunismo» as experiências da Europa de Leste.

Como alternativa concreta para a saída da crise, o ministrio grego da Economia, Gerassimo Arsenides, apresentou uma proposta de construção de uma Europa do Sul ecomónica, baseada no estudo das relações de complementaridade entre as várias economias mediterrânicas.

Para Arsenides, existe uma Europa do Norte (RFA, países escandinados, Grã-Bretanha) que funciona como bloco económico com o qual os países do Sul têm estreitas relações económicas.

Como exemplo desta situação, o ministro grego da Economia referiu as relações comerciais do seu país com a Suécia em contraste com um escasso comércio com Itália, Portugal ou Espanha.

Entretanto, a situação complexa das relações Espanha-Portugal a respeito do Mercado Comum parece encaminhar-se para um relativo alinhamento, depois de Felipe Gonzalez ter afirmado que Portugal não pode ser analizado no seu processo de adesão pelas dificuldades que têm surgido do lado espanhol.

Portugal e Espanha têm estabelecido uma frente comum quanto à necessidade da entrada rápida dos dois países, mas os problemas de integração da economia espanhola, bem mais complexos do que as da portuguesa devido à sua maior dimensão, têm levado sistematicamente a uma política «de ultrapassagem» do lado português.

Relativamente à adesão

Craxi apadrinha intenções de Soares

O primeiro-ministro italiano, Bettino Craxi, afirmou ontem em Atenas que os problemas de reestruturação do Mercado Comum e do seu alargamento terão de ser resolvidos conjuntamente, sob pena de destruição da CEE.

Esta declaração, que constitui o apadrinhamento da política de integração europeia, sustentada na cimeira socialista a decorrer na capital grega pelo Primeiro-Ministro português, Mário Soares, deixou mais isolada a posição dos franceses, que embora invocando uma concordância de

princípio com a adesão de Portugal e Espanha, na prática têm criado inúmeros problemas ao alargamento.

A posição portugu
integração saiu ref
pela concordância

primeiro-ministro espa
lipe Gonzalez quant
ção da adesa

tugal à Comunidade.

Esta decisão de Gonzalez, em grande parte, visa destruir a ar-

gumentação do Governo francês de que não existe qualquer obstáculo à integração de Portugal, mas apenas na solução do problema espanhol.

A posição adoptada pelo primeiro-ministro espanhol veio clarificar a questão – Gonzalez aceita a integração portuguesa na firme convicção de que depois desta será mais difícil à França recusar a adesão de Espanha, cuja concorrência receia.

A posição dos primeiros-ministros socialistas dos países membros do Mercado Comum

presentes na Cimeira, contribuindo para levantar os obstáculos à integração portuguesa na

CEE, foi considerada pr Mário Soares – num encontro ontem à noite com os jornalistas portugueses – um êxito da política portuguesa.

A Europa do Sul hoje

O primeiro-ministro Português, Mário Soares, o primeiro-ministro grego, George Papandreou, no poder há quase dois anos, Bettino Craxi, que chefia o governo italiano à frente de ampla coligação, Felipe Gonzalez, chefe de governo resultante da vaga socialista nas últimas eleições espanholas, e Pierre Mauroy, primeiro-ministro francês – estão presentes nesta cimeira socialista da Europa do Sul.

Apesar da sensibilidade comum, as posições respetivas não são idênticas: de um lado, a França industrializada e desenvolvida, membro do Mrcado Comum e receosa da possível concorrência dos agricultores espanhóis no caso de a Espanha entrar na CEE, e, cdo outro, a Espanha e Portugal aguardando a luz verde do mercado Comum para a sua integração europeia, a Grécia já dentro do Mrcado Comum mas com sérios problemas de integração, e a Itália igualmente membro da CEE e defensora do seu alargamento.

O primeiro-ministro Fancês, está entalado entre o descontentamento que as medidas de restrição económica provocam no eleitor médio, o receio dos agricultores franceses em relação à concorrência espanhola e a crise estrutural do Mrcado Comum que não consegue fundos suficientes para financiar a sua dispendiosa política agrícola.

No meio de todas as divergências, porém, existem alguns problemas comuns.

Ao nível das grandes potências com assento nas cimeiras económicas dos países industrializados, a Fança tem sido uma das mais críticas política de restrição monetária norte-americana, que tem provocado a subida do dólar e agravado seriamente os problemas dos países do Sul, como a Grécia e Portugal.

A persistente valorização do dólar e a manutenção das taxas de juro a níveis historicamente elevados tem atingido seriamente países com a Grécia e Portugal, com balanças de pagamentos tendencialmente deficitárias e elevadas dívidas externas .

O fardo da dívida externa e do encarecimento dos combustíveis, ao provocar uma onda de depressão a nível internacional, tem forçado os governos de Mário Soares e Pierre Mauroy a aplicarem políticas de austeridade e rigor económico.

Na Itália, Craxi vê-se confrontado com os sindicatos para por fim a indexação salarial – Scala Mobile – e aos défices das empresas do sector público.

Mauroy, depois de gorada a tentativa de relançar a economia francesa através do aumento dos salários – em grande parte por causa da má conjuntura económica reforçada pela política norte-americana – tem também de

assumir o penoso esforço de reequilibrar a balança de pagamentos e aguentar o franco à custa do aumento do desemprego e da descida dos salários reais.

Gonzalez tem visto frustada a sua promessa de criar algumas centenas de milhares de novos empregos e gere dificilmente uma ecónomia com alguns dos maiores problemas estriturais da Europa.

Em Portugal, Mário Soares enfrenta a necessidade de apresentar o orçamento mais restritito das últimas décadas, com os trabalhadores a prepararem-se para uma descida dos salários reais a níveis sem precedentes.

Tudo isto está presente na Cimeira de Atenas, sem que se aguardem análises detalhadas ou propostas concretas para a saída da crise.

O cancro da economia paralela

A economia paralela – «desempregados» com subsídio de dois empregos, funcionários públicos com empresas próprias e contrabando – é uma praga mediterrânica – foi afirmado na cimeira socialista de Atenas.

Nas suas intervenções sobre a economia dos vários países, os primeiro-ministros socialistas da Europa do Sul alargaram-se em exemplos e ilustrações de como os seus mais engenhosos cidadãos sabem utilizar a segurança social, o estatuto de funcionário público ou a fuga aos impostos para conseguir uma vida confortável ou mesmo consideráveis fortunas.

A situaçãm parece atingir o seu máximo em Itália, onde as firmas ilegais – que exploram o «trabalho negro» de operários que não têm sindicato nem descontam para a Previdência e recebem por vezes subsídio de desemprego – ajudam a equilibrar a balança de pagamentos italiana pelas exportações que conseguem.

Mas a situação é endémica em toda a Europa do Sul, com as práticas ilícitas a tornarem-se a regra e não a excepção da actividade económica.

Falando de Portugal, Mário Soares referiu o que se passa no campo da exploração ilícita de capitais: enquanto antes do 25 de Abril de 1974 a grande burguesia investia em Portugal, agora exporta sistematicamente os seus capitais, e, quando tem projectos de investimento, quer créditos públicos e prepara-se para continuar a exportar os seus lucros.

Manifestação de Lisboa reafirmou propósito de "intensificar a luta" contra o Governo PS/PSD

Largas centenas de milhar de trabalhadores protestaram sábado à tarde, em todo o País, contra a política de «ruína e destruição» do Governo PS/PSD.

A jornada de luta, que decorreu em 22 localidades, entre as quais Lisboa e Porto, foi considerada «um sério aviso» ao Executivo e integra-se nas acções de massas definidas pelo Movimento Sindical Unitário para combater as medidas gravosas recentemente tomadas pelo Governo Mário Soares/Mota Pinto.

NA manifestação de Lisboa, que reuniu mais de 300 mil trabalhadores dos distritos de Lisboa e Setúbal, Armando Teixeira da Silva, do Conselho Nacional da CGTP/Intersindical denunciou que as dívidas do patronato aos trabalhadores, por falta de pagamento de salários, atingem já «milhões de contos».

Acrescentou que só no sector têxtil a dívida, no primeiro semestre deste ano ultrapassava os 500 mil contos, no distrito de Setúbal é calculada em 600 mil contos e no sector vidreiro em 350 mil contos.

Teixeira da Silva, que falava na concentração realizada no Terreiro do Paço, após a marcha iniciada às 15 horas na Praça Marquês de Pombal, adiantou que «a maior parte destes casos é provocada artificialmente pelo patronato para, através da chantagem salarial, enfraquecer a solidariedade e organização dos trabalhadores, a sua capacidade reivindicativa, impedir o exercício dos direitos dos trabalhadores e efectuar autênticos despedimentos colectivos».

«O que faz o Governo perante esta escandalosa, ilegal e terrorista acção dos patrões, por esta grave violação dos mais elementares direitos humanos?» — perguntou o dirigente sindical.

Referiu que o Governo «revelando o seu carácter de classe, vai ao encontro dos planos e dos interesses do patronato e aprova o **lay-off** para, de vez, impor o estado de sítio nas empresas».

«O **lay-off** é um instrumento de maior exploração e repressão sobre os trabalhadores» — disse Teixeira da Silva, adiantando que esta lei constitui «um elemento fundamental da estratégia do patronato e do Governo para o enfraquecimento e neutralização do movimento operário e sindical».

Depois de referir as graves dificuldades actualmente sentidas pelo povo e a «tentativa de destruição do sector empresarial do Estado, nova e violenta ofensiva contra a Reforma Agrária e as restrições ao crédito», concluiu que é «em suma, uma política de total submissão às exigências do FMI, que tem provocado a redução da produção, a quebra no investimento, a destruição crescente da capacidade produtiva, o aumento da dependência externa».

Referindo-se em seguida ao novo imposto extraordinário sobre os salários já recebidos este ano, comentou que «é caso para se dizer que já estamos de tanga e agora até esta nos querem levar».

A CGTP-In considera que a decisão do Tribunal Constitucional sobre esta matéria «vem objectivamente dar cobertura a uma iniciativa do Governo que é viva e justanebte contestada pela generalidade dos cidadãos».

Aspecto da manifestação no Terreiro do Paço, em Lisboa

«O roubo do 13.º mês não pode passar, não passará» — gritou Teixeira da Silva aos manifestantes.

Para a CGTP-In, a política do Governo é «a denúncia da impossibilidade do chamado diálogo social proposto pelo Executivo no início do seu mandato».

O dirigente da central sindical declarou que «os verdadeiros objectivos da política do Governo Soares/Mota Pinto são os seguintes: fazer pagar a crise económica e financeira em exclusivo aos trabalhadores, permitir ao grande patronato a apropriação dos principais meios de produção e reprimir e desarticular o movimento sindical para evitar a sua oposição a esta política».

Intensificação da luta

Os manifestantes concentrados no Terreiro do Paço aprovaram uma resolução em que sublinham «a grandiosidade desta nossa manifestação» que mostra «de forma inequívoca, a forte adesão e empenhamento dos trabalhadores e das populações dos distritos de Lisboa e Setúbal; mostra o seu repúdio pela política do Governo de Mário Soares/Mota Pinto; mostra ainda a justeza dos objectivos apontados pela CGTP-In».

Nos considerandos da resolução são enumerados os objectivos que levaram a CGTP-In a promover a jornada de luta e que passam pela intensificação da luta, «pelo pagamento dos salários em atraso; pela defesa do direito ao trabalho, contra a lei dos despedimentos; contra o aumento do custo de vida. contra a criação de novos impostos sobre quem trabalha; pela defesa das nacionalizações e da Reforma Agrária; e pela defesa das liberdades democráticas e sindicais».

Os trabalhadores e a população dos distritos de Lisboa e Setúbal concentrados no Terreiro do Paço — segundo refere o documento — decidiram «manifestar a sua determinação em intensificar a luta contra a política desenvolvida pelo Governo Mário Soares/Mota Pinto; e declarar solenemente que a luta vai prosseguir com determinação e firmeza crescentes».

Os manifestantes decidiram igualmente manifestar «a sua solidariedade com todos os trabalhadores em luta; o seu empenhamento na luta pela independência nacional, contra a submissão ao imperialismo e pela Paz; e a sua confiança na força e unidade dos trabalhadores e do seu Movimento Sindical».

Numa outra moção, os participantes na jornada de luta decidiram «manifestar» o seu entusiástico apoio à Campanha Mundial pelo Desarmamento, decidida pelas Nações Unidas, e às Semanas Mundial e Nacional pelo Desarmamento, que decorrem de 22 a 29 de Outubro».

Os manifestantes decidiram também apoiar a Marcha da Paz, que se realiza no próximo dia 29, e apelar à participação massiva da população nessa iniciativa.

Neste país "nunca se viveu tão mal depois do 25 de Abril"

— afirmou Joaquim Calhau no Porto

PORTO, 17 – «Nunca se viveu tão mal depois do 25 de Abril» – afirmou Joaquim Calhau, membro da Comissão Executiva do Conselho Nacional da CGTP-IN, durante a manifestação realizada no sábado, na Praça General Humberto Delgado, nesta cidade, para contestar as medidas governamentais mais gravosas, nomeadamente o imposto extraordinário, o «lay-off» e o aumento dos preços.

Durante a concentração, promovida pela União de Sindicatos do Porto, que terminou com um desfile pelas principais artérias da cidade, com os milhares de manifestantes a empunhar bandeiras e cartazes contra o Governo PS/PSD, foram lidas duas intervenções, uma da USP e outra da CGTP e aprovada uma moção.

«Estamos aqui para manifestar o nosso protesto e descontentamento contra a actuação e contra a política do actual Governo» – afirmava o primeiro texto, lido por Salgueiro de Barros, membro da Comissão Executiva do Secretariado da USP.

Salgueiro de Barros, que centrou a sua comunicação nos principais problemas das várias empresas do distrito do Porto, disse que «desde a tomada de posse deste Governo se têm generalizado e agravado as situações de não pagamento de salários».

«A CIFA tem nove meses de salários em atraso e ameaça com o despedimento de cerca de 700 trabalhadores, há importantes débitos aos trabalhadores na Leão, Efi, Feruni, Conservas Benito Garcia, no Pal, Lello e Irmão, Litografia Universal, Metalúrgica Duarte Ferreira e outros casos no distrito» – afirmou.

Aquele dirigente, que disse ser «necessária e urgente uma nova política democrática e nacional», afirmou que «o Governo Mário Soares/Mota Pinto tem um comportamento cego e sectário e manifesta absoluto desprezo por quem vive do seu trabalho».

«O mais grave ataque»

Joaquim Calhau afirmou também que «o Governo Mário Soares/Mota Pinto tomou medidas que visam a destruição do sector empresarial do Estado e da Reforma Agrária: o aumento do desemprego, o não pagamento dos salários a quem trabalha, o aumento desenfreado dos preços, o aumento dos impostos e o roubo do décimo terceiro mês».

«A política deste Governo com ataques violentos ao sector empresarial do Estado, à Reforma Agrária, de restrições ao crédito, tem provocado a redução da produção, a quebra no investimento, a destruição crescente da capacidade produtiva, o aumento da dependência externa» – frisou.

«Como se isto não bastasse, o Governo mostra-se deligente em satisfazer as exigências do grande patronato e fez aprovar a lei de delimitação dos sectores para entregar a banca, os seguros e outros sectores altamente rendíveis» – acrescentou Joaquim Calhau.

Depois de criticar as repercussões da aprovação do «lay-off», que – disse – «constituiu o mais grave ataque aos direitos dos trabalhadores depois do 25 de Abril», aquele dirigente salientou os «objectivos verdadeiros» da política do Governo: «fazer pagar a crise económica e financeira em exclusivo aos trabalhadores, permitir ao grande patronato uma rápida e brutal acumulação do capital através da exploração desenfreada dos trabalhadores e facilitar ao grande patronato a apropriação dos principais meios de produção, constituem os verdadeiros objectivos da política do Governo PS/PSD».

Conceição Soares leu no final do desfile a moção salientando que «os trabalhadores lutam

No Porto, os manifestantes desfilaram pelas principais artérias da cidade

porque sabem que há alternativa à política de desastre do actual Governo».

Aveiro

Na cidade de Aveiro, mais de dez mil pessoas participaram numa manifestação ali realizada no sábado, no âmbito da jornada nacional de luta da CGTP, em protesto contra a política do actual Governo.

Entre os manifestantes, viam-se jovens com máscaras antigás e pombas brancas, empunhando dísticos pela paz e contra as armas nucleares.

Ferreira Mendes, do Conselho Nacional da CGTP-IN, apelou para «o desenvolvimento, a coordenação e a intensificação da luta de massas, que – disse – é a geradora da dinâmica social, da alternativa democrática e nacional que defenda e prossiga o 25 de Abril».

Os manifestantes repudiaram ainda o «lay-off» e o novo imposto de 2,8 por cento sobre o décimo terceiro mês, exigindo «uma nova política que garanta efectivamente os direitos de quem trabalha e um futuro melhor para os seus filhos.

Viana do Castelo

Várias centenas de manifestantes concentraram-se no sábado na Praça da República, em Viana do Castelo, para uma jornada de luta contra a política do actual Governo.

Nesta concentração, Vieira Mendes, membro da Comissão Nacional da CGTP/IN, teceu duras críticas à política governamental nomeadamente a criação do «lay-off» e de novos impostos fiscais.

Os manifestantes aprovaram por aclamação uma moção na qual denunciam e condenam «a actuação do Governo» e «declaram-se dispostos a encetar a luta usando todos os meios ao seu alcance para defender os seus interesses e direitos».

24 horas

Cheysson recebeu Kamugue

O vice-presidente do GUNT (Governo de União Nacional de Transição do Chade), coronel Wadal Kamugue, esteve reunido ontem em Paris com o ministro francês dos Negócios Estrangeiros, Claude Cheysson. Um porta-voz do Ministério francês disse que o governo de Paris é favorável a qualquer iniciativa que conduza ao diálogo entre o presidente do Chade, Hissene Habre, e Gukuni Hueddei. Wadal Kamugue chegou a Paris piuco antes da cimeira franco-africana de Vittell e ofereceu-se, sem êxito, para participar na reunião, com a finalidade de explicar, do ponto de vista do GUNT, a situação que se vive no Chade.

Ministro chinês na Turquia

O ministro chinês dos Negócios Estrangeiros Wu Xuequian, chegou ontem a Ancara, para uma visita oficial a convite do seu homólogo turco, Ilter Turkmen. Numa alocução de boas vindas no aeroporto de Ancara, Turkmen sublinhou a similitude de pontos de vista entre a China e a Turquia no tocante aos problemas da paz e da segurança.

Desastre na Nigéria: 80 desaparecidos

Pelo menos 80 comerciantes e pescadores são dados como desaparecidos desde ontem, na sequência de uma colisão entre duas embarcações, ocorrida numa laguna do Estado do Ondo (parte ocidental da Nigéria), anuncia hoje o «Daily Sketch». De acordo com o jornal, o acidente registou-se de noite, entre uma embarcação de pesca e outra que transportava comerciantes.

Everest faz nova vítima

O alpinista japonês Hiroshi Yoshino foi encontrado morto nas vertentes do monte Everest, enquanto o seu companheiro de expedição, Hironobu Kamuro, está dado como desaparecido, soube-se hoje em Tóquio. Hiroshi Yoshino, 33 anos, e Hironobu Kamuro de 32, conseguiram escalar o Everest (8848 metros), a 8 de Outubro, pelo lado sudeste e sem botijas de oxigénio.

Repressão na Guatemala

Cinquenta guerrilheiros guatemaltecos, foram abatidos pelo exército num combate ocorrido a escassos quilómetros da fronteira com o México, no martirizado departamento de El Quiche – informou sábado uma fonte militar.

A mesma fonte acrescentou que o combate se registou a sudeste do rio Ixcan, a cinco quilómetros da fronteira mexicana onde funcionaria um acampamento guerrilheiro. Desde que o general Óscar Mejia Torres assumiu o poder, em Agosto, através de um golpe de Estado, morreram 180 guerrilheiros em combates, enquanto as forças governamentais, admitem que apenas se registaram 30 baixas nas suas fileiras, entre mortos e feridos.

Navios soviéticos bloqueados

Parecia desenhar-se ontem um lento regresso à normalidade para cerca de 20 navios soviéticos bloqueados desde há mais de duas semanas nos gelos do extremo nordeste da URSS, indica a Imprensa soviética. Cinco navios já foram libertados pelos quebras-gelos e pela formação de fendas no gelo. O comboio (de navios), encarregado de abastecer de água potável e víveres, antes do início do Inverno, os habitantes dessas regiões especialmente inóspitas, encontra-se imobilizado desde 5 de Outubro no estreito de Longa, 400 km para o norte do Círculo Polar.

Bebé raptado em Itália

A pequena Elena Citti Luisi, de 17 meses, neta de um industrial da Toscânia, foi sequestrada hoje de madrugada, anunciou a Polícia. Dois homens assaltaram a casa de campo da família Luisi, em Bagna di Lucca, província de Carrara, e levaram a menina, depois de amordaçarem e atarem os familiares presentes.

Desígnios dos EUA para a América Central

O secretário-geral do Partido Comunista da Nicarágua, Eli Altamirano, acusou os Estados Unidos de prepararem a ocupação militar da América Central. As tropas norte-americanas – disse – já podem ser aquarteladas desde a Guatemala até à fronteira da Colômbia, com o fim de anexar a América Central», sob o pretexto de que lutam contra o «totalitarismo marxista - leninista». Eli Altamirano acrescentou que a administração Reagan está a apoiar «um exército mercenário que mantém uma guerra não declarada contra a revolução democrática nicaraguana». O secretário-geral do PC da Nicarágua considerou que a comissão de altm nível para a América Central encabeçada pelo especialista diplomático imperialista Henry Kissinger» tem como finalidade «o objectivo confesso de ditar sentenças aos governos da área».

Thatcher remodela governo

O ministro do Trabalho, Norman Tebbit, foi hoje designado pela primeiro-ministro, Margaret Thatcher, novo ministro do Comércio e Indústria, em substituição de Cecil Parkinson.

O ministro dos transportes, Tom King, passará a ocupar-se da pasta do Trabalho, enquanto Nicholas Ridley, secretário das Finanças no ministério da Fazenda, será o novo ministro dos Transportes.

Esta remodelação resulta da demissão de Parkinson, em consequência de um escândalo amoroso.

Com Samora Machel em Paris

"Operação relâmpago" sul-africana em Maputo

Um comando das Forças Armadas sul-africanas fez hoje de madrugada uma incursão contra uma base do Congresso Nacional Africano (ANC) em Maputo, segundo comunicado do ministro sul-africano da Defesa.

O comunicado do general Magnus Mallan diz que a «operação relâmpago» se realizou com êxito e sem baixas.

As instalações do ANC situam-se em Maputo perto da residência do presidente moçambicano, Samora Machel, que está presentemente de visita oficial à França, mas foi imediatamente advertido do ataque.

O comunicado não refere as baixas nas fileiras do ANC, mas notícias de Maputo referem uma explosão num apartamento da cidade que provocou cinco feridos.

Em princípio do ano, uma incursão de comandos sul-africanos apoiadoso pela aviação contra outras instalações do ANC, num subúrbio de Maputo, causou perto de vinte mortos entre civis moçambicanos.

O ministro da Defesa do governo racista de Pretória advertiu os nacionalistas do ANC (Congresso Nacional Africano anti-«apartheid») de que não lhes servirá de nada «esconderem-se no meio dos soldados moçambicanos, ou até mesmo de civis». «As Forças Armadas (sul-africanas) encontrarão as suas instalações e destruií-las-ão, onde quer que elas se encontrem».

A deflagração que se verificou às 3 horas (1 hora de Lisboa) causou danos materiais elevados no edifício atingido e prejuízos nos prédios vizinhos.

Um dos feridos inicialmente hospitalizado já teve alta, reduzindo assim para quatro o número de hospitalizados em consequência do ataque sul-africano.

A deflagração foi causada por cargas explosivas colocadas no terraço do edifício residencial de cinco pisos na Rua General Pereira de Eça.

Samora Machel em França

O presidente moçambicano, Samora Machel, chegou hoje de manhã a Paris, para uma visita oficial de trabalho de 48 horas, durante a qual deve debater com o chefe do Estado francês, François Mitterrand, os problemas da África Austral e a cooperação bilateral.

A viagem de Samora Machel a França — a primeira desde que Moçambique se tornou independente, em 1975 — regista-se na altura em que as autoridades sul-africanas acabam de anunciar uma operação de «comandos» contra instalações do Congresso Nacional Africano, em plena capital moçambicana.

Os observadores pensam que este ataque dará um relevo particular às conversações queo chefe do Estado moçambicano terá com os seus interlocutores franceses sobre a questão namibiana e no que diz respeito ao conjunto dos problemas da África Austral.

Israel

Um milhão de trabalhadores em greve contra política económica

A greve «de aviso e protesto» contra a política económica do Governo israelita, paralisou no domingo, durante duas horas, os portos, os aeroportos, as grandes indústrias e levou ao encerramento antecipado das escolas e repartições públicas do país.

Perto de um milhão de trabalhadores responderam à palavra de ordem lançada pela Central Sindical «Histadrouth», protestando contra a política de austeridade do Governo e nomeadamente contra a redução dos subsídios trimestrais de custo de vida.

As reacções populares parecem demonstrar que a demissão, no fim-de-semana, do ministro das Finanças Yoram Aridor, não pôs termo ao azedume de numerosos trabalhadores israelitas, que, no entanto, no domingo, não deu lugar a qualquer movimento violento.

Severamente criticada pelos meios governamentais, a greve foi recebida com resignação pelas associações patronais, que vêem no movimento a consequência directa do malogro das opções económicas tomadas por Yoram Aridor.

Entretanto, o porto de Haifa, no norte de Israel, está a abarrotar de automóveis importados cujos proprietários não conseguem pagá-los, devido à desvalorização da divisa israelita, o shekel, indicam hoje os correspondentes.

Os proprietários dos veículos mais potentes – cujos direitos alfandegários chegam a atingir os 200 por cento são os mais atingidos pela desvalorização. A depreciação da moeda israelita fez com que eles tenham de dispender mais algumas dezenas de milhar de shekels para poderem desalfandegar os seus carros novos, numa altura em que o encerramento da bolsa não lhes permite arranjar dinheiro, através da venda de acções ou de divisas fortes.

O porto recebeu sete vezes mais veículos do que é normal e encontra-se à beira da saturação, soube-se de fonte bem informada.

«El Al» preocupada

Os responsáveis da companhia aérea israelita «El Al» estão preocupados com o facto dos aparelhos da Sexta Esquadra americana, que actuam no espaço aéreo da costa israelo-libanesa, voarem demasiado perto das rotas observadas pelas carreiras comerciais, revelava ontem a Imprensa.

Presença da CIA nas últimas acções contra a Nicarágua

— Revela o "New York Times"

Os serviços de espionagem norte-americanos (CIA) ajudaram os grupos anti-sandinistas a atacar objectivos económicos na Nicarágua, como um oleoduto e dois tanqus de armazenamento de petróleo – revelou o jornal «New York Times».

O jornal-americano, que cita fontes do governo dos Estados Unidos, indica, na sua primeira página, que a decisão da CIA foi adoptada entre os meses de Junho e Agosto.

O objectivo deste tipo de atques contra alvos industriais e de transporte no interior da Nicarágua é debilitar economicamente o regime sandinista e provocar-lhe problemas a nível militar – acrescenta.

A notícia confirma as numerosas denúncias da embaixada nicaraguense em Washington e do governo de Manágua relacionadas com o apoio da CIA aos grupos contra-revolucionários em acção desde o início deste ano.

Informações provenientes de Washington referem que, para a denominada «Força Democrática nicaraguense» (FND), dirigida por Adolfo Calero, é enquadrada por ex-somozistas destruição da ligação submarina de Puerto Sandino e os depósitos de petróleo se converteu em objectivo fundamental.

Por três vezes consecutivas, homens rãs ao serviço da FDN atacaram os tubos de ligação entre os petroleiros e o oleoduto que transporta as ramas para a refinaria de Manágua.

Na semana passada, os depósitos de petróleo de Puerto Corinto foram atacados por contra-revolucionários que provocaram grandes prejuízos nos tanques e em outras instalações do Porto.

O «New York Times» assinala que especialistas da CIA treinaram os comandos em tácticas e operações de ataque.

Um porta-voz da FDN em Washington confirmou que os ataques se destinam a deixar sem capacidade de mobilização os veículos militares do Exército Sandinista e, assim, impedir a sua deslocação para zonas de combate, tanto no norte como no sul e nas costa atlântica.

A FDN continua a ameaçar os petroleiros que transportam ramas para a Nicarágua de que os atacará, no caso de persistirem neste serviço.

O embaixador da Nicarágua em Washington, António Jarquin, denunciou que especialistas da CIA treinam os contra-revolucionários para operações submarinas na ilha Manguera, no folfo de Fonseca.

O diplomata declarou que a CIA fornece sofisticados explosivos e treina os homens-rãs na utilização do material.

Segundo o «New York Times», preveem-se novos ataques contra instalações no interior da Nicarágua.

No ano fiscal que terminou dia 30 de Setembro, a Cia teve à sua disposição um orçamento de 90 milhões de dólares para as denominadas «operações encobertas» na América Central, cujo objectivo fundamental é desestabilizar o regime sandinista.

O congresso norte-americano estuda actualmente um pedido da administração de 80 milhões para o presente ano fiscal, com idêntico propósito.

40 mil p con

O ministro alemão-feder geiros, Hans-Dietrich Ger não ter chegado a acord homólogo soviético, Andre tão do desarmamento.Ge conferência de Imprensa re dias de negociações na ca que o Parlamento do seu colocação de mísseis c rio da RFA, em 21 de Nov chegar a acordo nas negoc a União Soviética e os Est do encontro de Viena, cons res como a última tentativa gociações de Genebra, dá marcado por acções pacifi ral, França e Itália. Com ef afirmava a intenção do se instalação dos euromísseis cifistas manifestavam-se p deral contra essa instalaçã festantes detidos em Bren feridos na mesma cidade dos incidentes ocorridos no lução oficial da manifestaç haven.

A União Soviética manteve inalterada a sua posição na questão da projectada instalação dos «euromísseis» na Europa Ocidental durante as conversações que o ministro dos Negócios Estrangeiros da URSS manteve em Viena com o seu homólogo alemão-federal.

O primeiro dia de conversações entre Andrei Gromiko e Hans-Dietrich Genscher decorreu sábado na Embaixada soviética na capital austríaca.

O porta-voz para a Imprensa de Genscher, Karl Paschke, afirmou que o encontro se caracterizou pela «seriedade e sinceridade» mas que Gromiko não deixou entrever qualquer mudança na posição soviética.

Os responsáveis dos Negócios Estrangeiros da URSS e da RFA terão considerado o tema das negociações de Genebra praticamente esgotado e acordaram dedicar o encontro de ontem realizado na Embaixada

Greve ger

O destino do primeiro-ministro de Granada, Maurice Bishop, desaparecido da cena pública desde quarta-feira passada, parece depender em grande medida, da greve geral convocada para hoje, comentam observadores.

A greve foi convocada pelo ministro da Indústria e Agricultura, Kenrick Radix, que foi entretanto preso «por incitação da população à violência». Segundo fontes bem informadas, foram ainda detidos o ministro da Educação, senhora Jacqueline Craft, e o ministro da Aviação e Turismo, Lyden Rahmdanny.

Segundo sua mãe, Bishop está sob prisão domiciliária desde quarta-feira, na sua casa oficial de Saint George, a capital granadina.

Fontes próximas do Governo disseram que Bishop está vivo e a salvo, sem explicarem por que razão se não mostra em público, nem faz declarações, desde que

Enquanto em Viena Genscher e Gromiko mantêm posições

l pacifistas manifestam-se na RFA ntra a instalação dos euromísseis

-federal dos Negócios Estran-h Genscher, informou ontem acordo em Viena com o seu Andrei Gromiko, sobre a ques-nto.Genscher, ao falar numa ensa realizada no final dos dois na capital austríaca, adiantou o seu país deverá aprovar a s de médio alcance em territó-e Novembro, se até lá não se negociações de Genebra ente os Estados Unidos. O fracasso a, considerado por observado-ntativa de desbloquear as ne-ra, dá-se num fim-de-semana pacifistas na Alemanha Fede-om efeito, enquanto Genscher do seu Governo de aprovar aísseis americanos, 40 mil pa-m-se por toda a Alemanha Fe-talação. Uma centena de mani-n Bremerhaven e oito polícias idade portuária são o balanço dos no sábado depois da sisso-festação pacifista em Bremer-

anteve ão na nstala-ha Eu-s con-o dos URSS o seu versa-hike e decor-da so-a. prensa schke, caracsince-ko não r mu-ça. Negó-S e da o tema enebra acor-tro de aixada

alemã-federal, a nível de delegações e não ministerial, a outros aspectos do diálogo Leste-Oeste.

O porta-voz de Genscher, afirmou, por outro lado, que Gromiko criticou duramente os Estados Unidos numa exposição de hora e meia, enquanto Genscher «não deixou nada no tinteiro» durante a sua exposição de igual tempo.

Genscher, que antes da sua deslocação a Viena advertira quanto «às expectativas demasiado altas que foram colocadas perante esta reunião», sublinhou que o diálogo entre a RFA e a URSS não pode substituir as negociações entre as duas superpotências no campo do desarmamento. O ministro alemão-federal adiantou, por outro lado, que em caso de se chegar a acordo para a reitrada dos mísseis norte-americanos do território germânico, «seria melhor que a União Soviética também retirasse os seus SS-20», o que tornaria supérfluo o rearmamento da NATO.

Quanto aos mísses franceses e ingleses, Genscher reafirmou que o Ocidente não punha a hipótese de aceitar a inclusão das forças de dissuasão francesa e britânica nas negociações de Genebra, como a URSS reclama. Por seu lado, segundo fonte bem informada, Gromiko teria repetido, no encontro de Viena, a posição soviética a este respeito e pediu que os 162 mísseis franceses e britânicos sejam levados em linha de conta na negociação sobre os euromísseis.

Segundo a agência soviética TASS, Gromiko teria sustentado, no encontro com Genscher, que «a possibilidade da consecução de um acordo de Genebra depende inteiramente da posição dos Estados Unidos e da NATO «É possível ainda celebrar um acordo, enquanto não se iniciar a instalação dos novos mísseis nucleares norte-americanos na RFA, nem noutros países da NATO», salientou o ministro dos Negócios Estrangeiros da URSS.

Entretanto, e enquanto o jornal norte-americano «Washington Post» afirma na sua edição de ontem que dezasseis mísseis de cruzeiro e nove «Pershing-2» estão já prontos para serem transportados para a Grã-Bretanha, o antigo secretário americano da Defesa, McNamara, afirmava que a instalação dos novos euromísseis ocidentais não é uma necessidade militar.

Numa entrevista concedida ao semaário alemão-feral «Der Spielgel», McNamara diria que a «NATO dispõe actualmente de armas atómicas suficientes para poder destruir a União Soviética, mesmo se esta última já tiver lançado um ataque». «A dissuasão nuclear ocidental ainda continuaria garantida se a Aliança Atlântica retirasse da Europa 3 das 6 mil ogivas nucleares que possui», acrescentou o ex-secretário da Defesa dos EUA. No entanto, para McNamara os «euromísseis devem ser instalados, se isso contribuir para salvaguardar a unidade da Aliança Atlântica».

Manifestações pacifistas

Cerca de 20 mil pessoas, na sua maior parte jovens, segundo informações convergentes da Polícia e dos organizadores, participaram, sábado, em Bremerhaven (Norte da RFA), na primeira grande manifestação da semana de acção dos pacifistas contra o estacionamento provável dos «Pershing 2» e mísseis «Cruise» na RFA antes do fim do ano.

Para os pacifistas, Bremerhaven é o símbolo da ocupação americana na RFA, porque o conjunto do equipamento, «desde o botão de punho ao carro», segundo o porta-voz americano, destinado aos 300 mil GI estacionados na RFA, transita por este importante porto do mar do Norte.

Reunidos ao fim da manhã frente à sala das festas da cidade, os manifestantes, que arvoravam bandeiras «contra a corrida aos armamentos», gritando «slogans» antiamericanos na sua maior parte, aplaudiram um orador que exclamou: «Somos a primeira geração que pode imaginar ser a última sobre esta Terra».

Depois desta concentração, os 20 mil pacifistas dirigiram-se em dois grupos para o quartel «Carl Schutz», que alberga cerca de 1500 soldados do corpo logístico do Exército americano na Alemanha Federal.

O acesso principal ao quartel, tal como a zona portuária, estavam bloqueados por cerca de 6 mil a 6500 polícias, reforçados por guardas fronteiriços, equipados de veículos blindados e canhões de água. Dos confrontos entre polícias e manifestantes resultaram 100 detenções e ferimentos em oito polícias.

Em Bona capital federal, 4 mil pacifistas formaram uma cadeia humana de 4 quilómetros entre as Embaixadas americana e soviética num ambiente de festa, no meio de inúmeras crianças, músicos e cantores. Os manifestantes entregaram depois a diplomatas dos dois países uma moção rejeitando o rearmamento da NATO e exigindo a «passagem a sucata» dos mísseis nucleares soviéticos «SS-20».

Finalmente em Heidelberg, várias centenas de pacifistas cercaram desde o meio-dia de sábado o Quartel-General das Forças Armadas americanas na Europa, segundo os organizadores, enquanto em Berlim Ocidental, cerca de 200 manifestantes pacifistas eram detidos pela Polícia frente ao quartel americano dos «Andrews Barracks» para verificação de identidade, depois de terem tentado, em vão, bloquear as portas de acesso ao edifício.

Por outro lado, cerca de dez mil cristãos pacifistas participaram ontem em Juelich, cidade da Alemanha Federal entre Bona e a fronteira com a Bélgica, num serviço religioso protestante.

Apesar das pressões de alguns membros influentes da Igreja Evangélica que tentaram impedir a realização do serviço num local simbálico, perto dos aeródromos militares da NATO (Wildenrath e Nervenrich), numerosos responsáveis eclesiásticos convocaram os seus fiéis para a reunião.

Os pacifistas, incluindo muitos pais jovens com os seus filhos pequenos, converteram o encontro protestante numa festa pela Paz.

Também em Hamburgo foram celebrados serviços religiosos, sob o lema «Sim à Paz, Não Ás Armas Nucleares», após os quais os participantes formaram diversos cortejos que se dirigiram a um lugar da cidade onde, durante o nazismo, os judeus eram reunidos antes de serem enviados aos campos de concentração.

Filipinas

Oposição admite possibilidade de golpe

O presidente filipino Ferdinando Marcos, seria incapaz de impedir um eventual golpe de Estado militar, porque deu demasiados poderes ao Exército, criando assim «um monstro tipo Frankenstein», afirmou hoje um dirigente da oposição das filipinas.

O antigo senador Salvador Laurel, presidente da Organização Democrática Unida(«Unido»), declarou, durante uma conferência de Imprensa, que, em sua opinião, é completamente possível a possibilidade de um golpe de Estado militar, na sequência do assassínio, no passado dia 21 de Agosto, do principal dirigente da oposição, Benigno Aquino, acto que desencadeou uma grande crise política no país.

Enquanto o presidente Marcos gozar de boa saúde e controlar a situação, será impossível verificar-se um golpe de Estado militar, acrescentou Salvador Laurel, em substância. Mas, se a saúde de Ferdinando Marcos se deteriorar, as coisas passar-se-ão de maneira muito diferente.

Por sua vez, o presidente Ferdinando Marcos está a preparar-se para emendar a Constituição das Filipinas, inalterada desde há dez anos, para permitir o ingresso no Parlamento dum maior número de membros da oposição, quando das eleições legislativas previstas para Maio de 1984.

Segundo os observadores, esta medida poderá desencorajar um boicote às eleições por parte da oposição.

Um «espírito» aterroriza os soldados

Um «espírito» desconhecido assombra o camião do Exército filipino no qual o dirigente da oposição Benigno Aquino foi transportado para o hospital no passado dia 21 de Agosto, depois do atentado que lhe custou a vida, «aterrorizando» os soldados, indicou ontem o parlamentar das filipinas, Filemon Fernandez.

França

Esquerda tem novo desaire em eleições municipais

A maioria socialista / comunista no poder em França perdeu, no domingo, uma nova eleição municipal parcial com a derrota da lista de União de Esquerda do Edil comunista cessante de Antony (arredores de Paris) face à da oposição liderada pelo RPR (Partido Gaullista).

Segundo os resultados completos das 26 assembleias de voto, o chefe de fila da oposição a Antony, Patrick Dvedjian, venceu o «maire» comunista cessante, Andre Aubry, com 51,29 por cento dos votos, contra 48,71 do seu adversário.

É o terceiro fracasso em cinco semanas para a maioria do presidente François Mitterrand, após as vitórias da oposição neogaullista e liberal nas municipais parciais de duas cidades detidas pela esquerda, Dreux er Sarcelles (região parisiense).

Nas eleições municipais nacionais, que tinham tido lugar em Março passado, a lista da União de Esquerda liderada por Aubry tinha ganho com 419 votos de vantagem.

A eleição de domingo, tal como a de 11 de Setembro em Dreux e a 9 de Outubro em Sarcelles, foi organizada na sequência de uma anulação por fraude eleitoral em Março passado.

Noticiário em colaboração com as agências ANOP. France Presse, Inter Press Service, Novosti, Prensa Latina

Situação confusa em Granada

geral de hoje poderá traçar destino de Bishop

nistro shop, ública a, pa-me-ocada erva

pelo ricul-entre-la po-gundo foram Edu-Craft, Tu-

ishop iliária casa apital

erno vo e que olico, que

começou a crise em Granada, na sexta-feira passada.

Bishop descobriu, aparentemente, um plano para derrube do seu regime, em que estava envolvido o seu ex-vice-primeiro-ministro, Bernard Coard.

Coard, que segundo o primeiro-ministro da Jamaica, Edward Seaga, «corresponde a interesses cubanos», seria o líder da facção da extrema-esquerda de Granada.

A facção Coard pretende que Granada seja governada com maior dureza do que aquela que se atribui ao regime de Bishop, que ocupa o poder desde 1979, depois do derrube do direitista Eric Gairy.

Exército acusa Bishop

As Forças Armadas da ilha de Granada acusaram o primeiro-ministro Maurice Bishop de iniciar a crise existene no país, ao denunciar a existência de um golpe para derrubar o Governo.

Num comunicado lido pela Rádio Granada Livre, o Exército afirma que Bishop fez correr o boato de que o seu vice-primeiro-ministro e ministro da Economia, Bernard Coard, estava envolvido numa conspiração para o assassinar.

O Exército não está disposto a tolerar que a traquilidade do país seja perturbada – acrescenta o comunicado.

Confusão e expectativa

As informações sobre a situação em Saint George são confusas e a Emissora ociaial Rádio Granada Livre continua a referir-se a Bishop como primeiro-ministro, mas sem esclarecer em quem está realmente depositado o poder, nesta altura.

A Jamaida acusa Cuba de envolvimento na crise granadina e grupos opositores de Granada pediram que o primeiro-ministro de Barbados, Tom Adans, envie tropas para Granada, com a fim de evitar um banho de sangue na ilha vizinha.

Adams, que criticou Bishop, mas mantém uma política de boa vizinhança, não fez qualquer comentário. Um porta-voz de TRINIDAD Tobago, por seu lado, disse que o Governo deste país, localizado a Sudeste de Granada, não epnsa intervir no conflito.

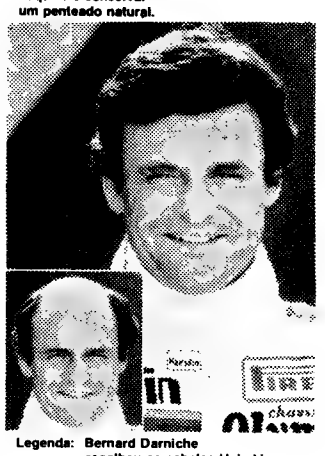
A única esperança de Bishop retomar o poder rela, parece ser a greve de comerciantes, estudantes, professores e operários convocada por Radix, antes de ser preso.

Grupos de apoio a Bishop fizeram manifestações de rua em Saint George com cartazes dizendo que «sem Bi há revo7, mas este tipo de iniciativas foi proíbido «para evitar perturbações da tranquilidade do país», sete momento, em Granada e no resto das Caraíbas, o clima e o apoio popular de que possa gozer nesta fase.

Entretanto, segundo informações chegadas a Porto-of-Spain (trinidad), a crise eclodiu, na quarta-feira da semanda passada, quando o vice-primeiro-ministro e ministro das Finanças, ernard Coard, pediu, no Conselho de Ministros, uma partilha do poder ou a demissão de Maurice ISHOP. Segundo parece, este último ter-se-ia resucado a aceder às exigências do ministro.

Depois, na sexta-feira, o ministro da Mobilização, Selwyn Strachan, decque havia uma grande confusão na vida política, visto que, segundo parece, nenhum homem forte dirige desde a passada sexta-feira aquela ilha das Caraíbas, de 344 quilómetros quadrados e de 110 000 habitantes.

Em ALVERCA o Diário de Lisboa
vende-se na TABACARIA LUSA
Rua Joaquim Sabino Faria, 16

PARA REENCONTRAR OS SEUS CABELOS EXISTIA:
Em 1960: a peruca
Em 1970: a prótese capilar fixa
Em 1980: a micro pele
A novidade actualmente são OS CABELOS DE CONTACTO
Hairskin
Um novo processo que permite adquirir e conservar um penteado natural.

Legenda: Bernard Darniche escolheu os cabelos Hairskin
Contacte CABELEIREIRO LORDE
AV. JOAQUIM ANTÓNIO DE AGUIAR, 23
Telef. 562287 - 536462
1000 LISBOA
Informações confidenciais e sem compromisso.

MOBÍLIAS
MODERNAS
SÉCULO XVII
BARROCO
D. MARIA
IMPÉRIO
LUÍS XV E XVI
D. JOSÉ
D. JOÃO V
ETC.
FACILITAMOS PAGAMENTO E TROCAMOS AS SUAS USADAS
ARMAZÉNS MÓVEIS JORGE
Av. Almirante Reis, 35
(Defronte da igreja dos Anjos)

Ouro
TODOS OS OBJECTOS
MESMO DANIFICADOS, CAUTELAS
DE PENHOR, MOEDAS, PRATAS
• COMPRO A P/ PAGAMENTO. •
das 10 às 12 h. e das 14 às 18 h.
Av Almirante Reis 175 1º (cinema IMPÉRIO)
VICTOR - telf. 53 82 20

Centralismo Municipal/(in)acção descontínua

Intermezzo anedótico "centralista"

Estamos no Verão de 1977. Colaborávamos em jornal de bairro, símbolo de renascimento público, autárquico, de congregação de interesses colectivos comunitários, em temas municipais locais e da cidade.Desejando a sua Redacção a maior expansão da publicação a que com elevado ânimo se dedicara. Pela nossa parte, além de modesta colaboração literária, dispusemo-nos, com idêntico impulso, a colaborar também activamente na distribuição que, como se disse, se desejava actuante, urgente e intensiva.

Levando connosco, nas nossas deslocações pessoais, razoável número de exemplares do jornal, para os lançarmos em caixas de correio de eventuais leitores interessados. Acontecia que, em apogeu de interesse divulgativo e expansionista, um exemplar, pelo menos aquele que foi protagonista da anedota que relatamos, era enviado ao sr. Primeiro-Ministro. Para tanto, pois, também neste caso, segundo a norma de ser distribuído, por portador habilitado, na residência oficial designada, na Rua da Imprensa à Calçada da Estrela.

O novo «portão-mamarracho» da Rua da Imprensa

Foto de 30.Set.83, da entrada do jardim-parque da residência oficial do Primeiro-Ministro. Automóvel não estacionado. Aproveitámo-lo, no instantâneo, para dar escala (e vida!) ao motivo fotográfico. O portão, palaciano, de perfiladamente decorativas grades de ferro terminando em lanças, está agora forrado interiormente de chapa de ferro, blindada. As lanças já não apontam ao céu, mas a espessa e saliente cobertura de ferro que as cobre e as «inutiliza». Mesmo se de aprovação municipal (duvidamos que Comissão de Arte ou Pelouro da Vereação tenham sido ouvidos) o projecto da nova «arquitectura» do portão, dir-se-ia digno de reduto de oficialidade de estado-maior da Linha Maginot. Na linha de perversões arquitectónicas (crime de lesa arte, cultura, ambiente, qualidade de vida), o Diário de Notícias fotografou (14.Out. pág. 6) «construção clandestina» prefabricada apoiada no topo do ex-Convento de S. Francisco (Escola de Belas Artes e PSP), projecto este, pelo seu lado, digno de «cabo de esquadra».

Afi, pois aproveitando oportunidade favorável, nos dirigimos pessoalmente, num soalheiro sábado, pelas 10/11 horas de uma calma e quente manhã de característico dia de praia. Deslocávamo-nos de «scooter» (que é uma Vespa e tem hoje mais de 28 anos de bom e regular serviço – no tempo temperado e quente – nas nossas mãos). Nossa esposa (isto é, minha mulher em «pendura») acompanhava-nos; trajando ambos pouca roupa, despretensiosa e leve, como, naturalmente convinha para o dia de lazer que nos propúnhamos passar fora de Lisboa. Parámos a «scooter» no passeio fronteiro, mas algo adiante, do portão palaciano da morada, que, nesse dia neutro (por ser sábado), desejávamos. Através das grades do portão, em visão perfeitamente descoberta, desdobrava-se, diante de nós, curta, larga e bela alameda, repousantemente convidativa na calma e na hora desse dia.

Enquanto a «pendura» aguardava junto à «scooter», acercamo-nos nós da portaria. E em vez de deixarmos o jornal junto ao portão, do lado de dentro ou em caixa de correio que nos não recorda se existia, optámos por premir o botão da campainha e aguardar que alguém chegasse a ver do que se tratava. De facto, um homem novo, porteiro de elevada estatura e porte, fardado a rigor, de azul, aproximou-se do portão saindo de um dos cubículos laterais da portaria.

Olhou para nós interrogativamente, medindo-nos da cabeça aos sapatos (engraxados a preceito, (1) calças vincadas, camisa lavada, cabelo aparado). Terá reparado também, em rápido olhar, na senhora, ou mulher, «estacionada» de fronte, junto à «scooter». Colocada esta, propositadamente, fora da faixa perpendicular ao plano do portão, de forma a que se percebesse, claramente, que os dois passageiros da «scooter» eram pessoas modestas, do povo, e que não desejavam, a todo o custo, afrontar, com a sua presença ainda inexplicada, a morada a que se dirigiam. Tudo calculado, pois, como se vê, para dessa missão se obter o resultado desejado: entregar, eficientemente, um jornal. Terá mesmo assim, o corpulento porteiro podido imediatamente depreender que o condutor da «scooter» era, ou parecia, suficientemente atrevido, para assim, não cerimonial e tão matutinamente, se acercar de um portão de residência oficial. Com intenção ainda nesse momento oculta, mas como se verá, de relativa estranheza antes que, a muito breve prazo, terá o porteiro pensado, se pudesse esclarecer devidamente. Criara-se, deste modo, inutilmente, e de que não éramos de todo responsável, certa expectativa, momentânea.

O jornal que transportávamos na mão direita, tinha enrolada uma tarja de papel pardo e, sobre ela, colado um rótulo de papel branco, dactilografado, onde se lia: «Exmo. Senhor Primeiro-Ministro».

Ao ver o pacote, na sequência de surpresas com que deparara, jornal normalmente dobrado para ser enviado ao correio, mas sem se ter apercebido do rótulo escrito e a quem era dirigido, compreendeu, porque já movimentáramos o braço nesse sentido, que esse jornal lhe ia ser entregue, talvez através da grade do portão (não nos recorda se chegou a entreabir-se).

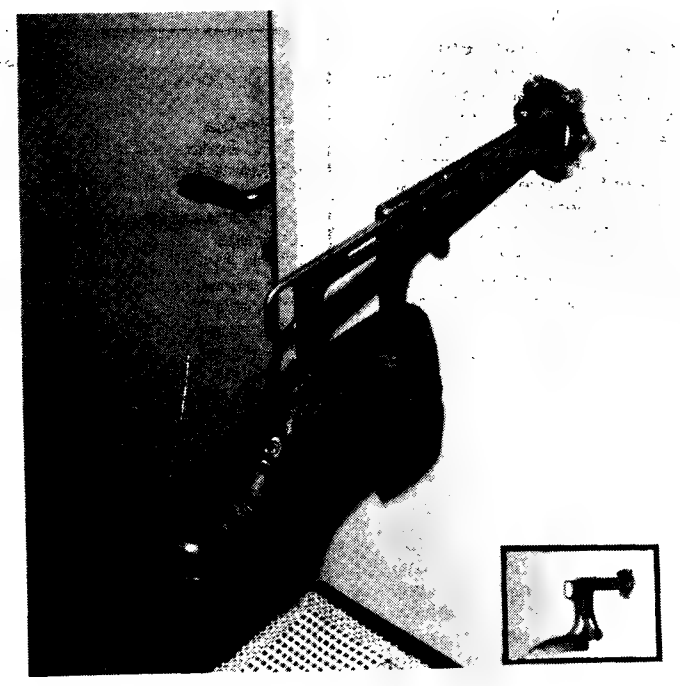
Olhando para nós, com voz firme, talvez até de tom um tanto autoritário, o que a sua corpulência certamente lhe facilitava, resume numa breve mas imensamente compreensiva frase, todas as interrogações que o cenário que se lhe havia montado frente ao portão lhe suscitara. A resposta que lhe demos, sem hesitações de qualquer espécie, tê-lo-á prontamente esclarecido de todas as dúvidas, e não eram poucas, e que se lhe haviam formulado, tão repentina e inesperadamente, logo após o toque da campainha. Mas que, afinal, se lhe dissiparam, a bem do repouso do dia a que, como nós, embora ocupado, também tinha direito.

Minha mulher permita-se-nos o singular não majestático, sorriu quando lhe contámos como se havia «desenvolvido» o extremamente curto diálogo com o porteiro. Antecipando-se, não palacianamente, tinha perguntado, tomando o jornal na sua mão e fitando-o ainda interrogativamente: – O que é **isto**?!!! Com a calma de que, premeditadamente, nos apossáramos para esta visita e que o sossego do dia neutro e da hora exigiam, favorecido outrossim, com certo ar de solenidade insuspeita de que nos servimos para a ocasião e com o interesse indisfarçado de quem cumpre missão imperiosa e humanitária, pronunciámos a nossa resposta soletrada nestes termos:

– **Isto** (pronunciado com «autoritarismo e firmeza»)... é um assunto a ser tratado, se tiver de ser, entre o sr. Primeiro-Ministro e eu. O pacote está endereçado. Faça favor de fazê-lo chegar às mãos do destinatário. Se não é esta a via, agradecia me dissesse como devo consegui-lo. Muito obrigado.

Mais de três anos depois do 25 Abr. 74, já a oficialidade das portarias deveria estar conformada (há outros exemplos de portarias a carecer também de remodelações diversas) às novas directrizes e formas de tratamento democrático (isto é, entre iguais do povo). Uma boa governanta, um educado mordomo, um hábil mestre de cerimónias, ou, até, um competente chefe de protocolo, neste e em outros casos, deveriam ter já podido providenciar, evitando que, definitivamente certas intervenções e ocorrências possam entender-se ou ser interpretadas como puras e desprestigiantes anedoctas «centralistas».

R. Toulson A. Leite



(1) – Com um instrumento destes, definidor de uma cultura não mediterrânica 1) facilmente amovível por simples desencaixe de pequena peça de apoio firmemente aplicada na parede, 2) extensível à medida de sapato de homem – ou com forma de peito de pé de sapato de senhora, ou de mulher, também aplicável, e 3) colocado a boa altura de utilização, nám é nada difícil, antes muito cómodo e prático, sair de casa, diariamente, com os sapatos limpos (ou a brilhar!). A proveniência dele, ignoramo-la (talvez Bombaim, ex-India Inglesa, onde também estivemos). Herdámo-lo nós (i.e. meu falecido irmão e eu) de nossos pais, pessoas do povo, custe embora a alguém da nossa igualha a classificaçám de onde, afinal, honrosa eorgulhosamente provimos.

P.S – Dois lapsos de que nos desculpamos perante os nossos leitores e perante a Redacção e Serviços do «DL»: No nosso artigo do dia 13, pág. 9, ao referirmos os dois inquéritos aos bairros de lata, de 1960 e 1970, indicámos como número de barracas detectadas – mais de 10 mil e mais de 20 mil. Na realidade, 10 918 e 18 896 (no entanto, este último cômputo em um primeiro apuramento havia conduzido a 19 896 – Boletim «gth» n.º 25, pág. 176) o que corresponderia a um aumento de 8068 barracas (74%), valor que, segundo certos actuais quadros governamentais da «tutela» do (Des)EMPREGO, talvez (?!) também não constitua nenhum drama...

O outro lapso é o de uma data do nosso artigo do dia 15: na 5.ª coluna, última linha, lê-se 4.Abr.71 devendo ler-se-4.Out.71.

Colóquio promovido pelo Conselho da Europa

Direitos dos estrangeiros na Europa estão a ser debatidos no Funchal

O Presidente da República, Ramalho Eanes, presidiu hoje, no Funchal, à sessão inaugural do colóquio sobre os «Direitos do Homem e os estrangeiros na Europa promovido pelo Conselho Europeu participam no colóquio duzentos especialistas nacionais e estrangeiros.

A iniciativa insere-se no âmbito das actividades do Conselho da Europa e antecede a realização de 25 a 27 de Outubro, em Roma, da Conferência dos Ministros Europeus da Emigração, onde serão aprofundadas questões que serão desenvolvidas no decorrer deste colóquio.

Para o Conselho Europeu trata-se de uma oportunidades para debatar uma «temática que está hoje no centro das preocupações da maioria dos governos» assinalando o facto de em 1982 cerca das 590 queixas apresentadas na Comissão Europeia dos Direitos do Homem, 146 (24 por cento) provinham de estrangeiros, percentagem que excedia os 17 por cento verificados no período 1978-1981.

O presidente da Assembleia Parlamentar do Conselho da Europa em declarações à Imprensa referiu com particular detaque o facto de actualmente, cerca de nove milhões de estrangeiros residentes nos países membros do Conselho Europeu continuarem impedidos de exercer o direito de voto. «Creio que é necessíio e possível alterar esta situação e vencer as fronteiras que se nos colocam nesta matéria, regulamentando esta questão numa perspectiva europeia, inserida na realidade da Europa de hoje», disse.

A análise jurídica, sociológica e antropológica da situação dos estrangeiros será feita, segundo diferentes perspectivas, nomeadamente as do emigrante, do refugiado ou do simples cidadão que se desloca em turismo ou viagem de negócios.

A necessidade do emigrante reinterpretar ou reinventar o comportamento segundo lógicas próprias do novo contexto onde vive, o emigrante da segunda geração, os direitos sindicais e políticos do emigrante, a tendência para o reaparecimento da intolerância, da precaridade da situação do refugiado reenviado de um país para outro e dos crescentes obstáculos burocráticos à entrada e permanência dos estrangeiros, serão alguns dos temas a analisar durante este colóquio.

Esta iniciativa ocorre numa altura em que o Conselho Europeu assinala o 30.º aniversário da Convenção Europeia dos Direitos do Homem, documento que para o procurador-geral da República, conselheiro Arala Chaves, «é histórico e da maior importância para a humanidade».

Participam na iniciativa do Conselho Europeu representante de governos, juristas, professores e ainda representantes de organizações não governamentais e de comunidades de emigrantes e de refugiados.

Durante as sessões de trabalho serão apresentados diversos documentos e Richard Plander (Grã-Bretanha), abordará a protecção jurídica dos estrangeiros no contexto histórico, focando alguns aspectos relacionados com a defesa dos seus direitos.

Luís Silveira (Portugal) analisará o «acolhimento e estadia do estrangeiro», enquanto Ergu Ozsuny (Turquia) se debruçará sobre a «participação do estrangeiro na vida política e associativa da comunidade».

António Perotti (Itália) apresentará um relatório sobre «as tensões que resultam do facto do estrangeiro pertencer a diversas culturas».

As conclusões do colóquio serão divulgadas quarta-feira, em Conferência de Imprensa por Joaquim Ruiz Jimenez.

Cem mil crianças abandonadas na Grã-Bretanha

Cerca de cem mil crianças abandonadas ou desprezadas estão confiadas, actualmente, a centros de acolhimento ou inseridos em famílias na Inglaterra e no País de Gales, afirmou o presidente da associação de interesse público National's Children Home, lord Tonypandy.

A organização, cujo relatório, anual, «Children Today», foi apresentado na passada quarta-feira, ocupa-se da colocação de crianças «desprezadas, abandonadas ou difíceis» quer em centros geridos pelo Estado ou pelas administrações locais quer em famílias a título permanente ou temporário.

Lord Tonypandy, antigo líder do governo na Câmara dos Comuns, sob o nome de George Thomas, indicou que, para cerca de 30 mil das crianças atingidas este ano, se trata de uma colocação definitiva, decidida quer por elas terem sido abandonadas (10 600) quer sob autorização do tribunal por não lhes serem dispensados os cuidados necessários ou na sequência de maus tratos.

Cerca de 70 mil crianças estão «colocadas sob cuidados temporários», por recomendação de trabalhadores sociais ou a pedido das próprias famílias.

As colocações com uma duração variável e eventualmente renováveis, tem essencialmente por objectivo permitir que as famílias resolvam problemas pessoais: divórcio difícil ou alojamento insalubre, por exemplo. A inserção das crianças em centros também pode ser recomendada por assistentes sociais ou a pedido das famílias, por a criança se encontrar numa fase difícil ou por os pais se considerarem (ou serem julgados) incapazes de ajudar a criança a ultrapassar «uma falta de adaptação à sociedade».

As condições de vida dos pais, sublinhou lord Tonypandy, desempenham sempre um papel preponderante na taxa de mortalidade, que é de 16 por cada mil nascimentos, enquanto nas famílias onde os pais tem uma actividade profissional estável essa relaç o baixa para 8,6 por mil.

1 600 000 crianças de menos de 12 anos de idade são criadas pelo pai ou pela mãe, mas só por um deles. Os pais de mais de 2 milhões de crianças têm apenas como recurso os subsídios familiares, precisa o relatório.

DESPORTO

Nacional de futebol

Só 16 golos: metade na Luz

Algumas surpresas verificadas em jogos de ontem relegaram para segundo plano o encontro entre o FC Porto e o Sporting, teoricamente o mais importante da 7.ª jornada do Campeonato de Futebol da 1.ª Divisão. Com efeito, não só o Guimarães surpreendeu com a sua vitória (por 2-0) no Estádio do Portimonense, uma das equipas bem situadas na classificação, como o mesmo aconteceu com o Penafiel ao empatar (1-1) no terreno do Braga.

Em Portimão, o Guimarães construiu cedo o seu triunfo, marcando os dois golos por Júlio (aos 13 e 21 minutos) a aproveitar deslizes dos veteranos defesas-centrais algarvios, a roçarem globalmente os 70 anos! Depois os vimaranenses trataram (compreensivelmente) de garantir esse resultado até final, nunca descurando o contra-ataque que lhes proporcionou mais algumas oportunidades para aumentar o marcador.

Em Braga não seria (talvez) de esperar o empate a um golo conseguido pelo Penafiel. O Braga apenas se colocou em vantagem por 1-0 (por Jorge Gomes, aos 71 minutos) mas, 13 minutos depois, o Penafiel empatou, por Joaquim Rocha que, desta forma, construiu nova surpresa na jornada. Será que Zandinga ajudou os penafidelenses?

José Rafael: comandane dos atiradores do nacional

Também surpreendente foi o empate alcançado em Setúbal (0-0) pelo Espinho, último classificado no campeonato e a única equipa que ainda não obteve qualquer vitória.

No Bonfim, o guarda-redes ex-espinhense, Mendes, cotou-se como o melhor jogador em campo, tendo negado ao Setúbal a hipótese de alcançar a vitória.

O Águeda conseguiu o seu 1.º sucesso no campeonato ao bater o Varzim por 1-0, tento do brasileiro César. Vitória difícil, mas que se justifica dado o maior domínio do Águeda, que, treinado por José Carlos, não perdeu a calma nos últimos minutos quando o assédio varzinista à sua área era maior.

O Estoril e o Boavista defrontaram-se (na Amoreira) e, após os 90 minutos, o marador não sofreu qualquer alteraçõ. Medeiros (castigado federativamente) dirigiu a equipa estorilista por «walkie-Talkie»!

O líder do campeonato (o Benfica) não teve grandes dificuldades para «golear» (sábado), por 6-2, o Farense, no Estádio da Luz. Os algarvios marcaram primeiro (por Alexandre Alhinho) mas o maior poder atacante do Benfica, com Diamantino, Carlos Manuel e José Luís em bom plano, acabou por ditar o vencedor.

Quanto ao FC Porto, defrontou o Sporting (também no sábado) no Estádio das Antas, e ganhou por 1-0, golo de Gomes, aos 73 minutos. O Sporting foi para este jogo com um esquema altamente devensivo, o que provocou embaraços aos atacantes do FC Porto, equipa sempre a procurar a vantagem no marcador.

Noutro jogo disputado no sábado, o Rio Ave jogou no seu terreno, com o Salgueiros, e ganhou (naturalmente) por 2-0 (tentos por Antero e Nhabola).

O campeonato sofre agora uma interrupção até 20 de Novembro, devido aos jogos da selecção portuguesa para o Campeonato da Europa.

Nomes e números

Resultados dos jogos da 7.ª jornada: Braga - Penafiel, 1-1 (0-0 ao intervalo); Águeda - Varzim, 1-0 (0-0); Setúbal - Espinho, 0-0; Portimonense - Guimarães, 0-2 (0-2); Estoril - Boavista, 0-0; Benfica -Farense, 6-2 (3-1); FC Porto -Sporting, 1-0 (0-0); Rio Ave -Salgueiros, 2-0 (1-0).

Marcadores

José Rafael (do Farense) consolidou o comando da lista dos melhores marcadores do campeonato ao marcar (sábado) um golo no jogo com Benfica. Calssificação após a 7.ª jornada: 1.º José Rafael (Farense) 7 golos; 2.º Walsh (FC Porto), Eldon (Guimarães), Manuel Fernandes (Sporting), Jordão (Sporting), Gomes (FC Porto), Diamantino (Benfica) 4; 8.º Carlos Manuel (Benfica), Filipovic (Benfica), Cadorin (Portimonense), Gil (Farense), Jorge Plácido (Setúbal), Branco (Penafiel), Jorge Gomes (Braga) e N'habola (Rio Ave) 3.

A competição regressa para a 8.ª ronda que engloba os seguintes encontros: Farense - FC Porto, Penafiel - Benfica, Varzim - Sp. Braga, Boavista - Águeda, Salgueiros - Estoril, Espinho -Rio Ave, V. Guimarães - V. Setúbal e Sporting - Portimonense.

Divisão 2

Resultados da 5.ª jornada do Campeonato da 2.ª Divisão Zona Norte: Vizela - Fafe, 2-0; Tirsense - Académico de Viseu, 3-0; Feirense - Famalicão, 2-1; Leixões - Lixa, 1-0; S. Martinho -Valonguense, 3-2; Riopele - Valdevez, 3-0; Gil Vicente - Sanjoanense, 2-0; Paços de Ferreira -Chaves, 2-2. Classificação: Leixões, 10 pontos; Riopele, 8; Vizela e Tirsense, 7; Sanjoanense, Chaves e S. Martinho, 6; Valonguense, Feirense e Gil Vicente, 5; Fafe, Lixa e Paços de Ferreira, 3; Académico de Viseu, Famalicão e Valdevez, 2.

Zona Centro: Naval - Covilhã, 1-1; União de Tomar - Peniche, 0-0; Guarda - Alcobaça, 1-1; Rio Maior - Elvas, 0-2; União de Leiria - União de Coimbra, 5-1; Caldas - Anadia, 1-0; Benfica e Castelo Branco - Beira-Mar, 2-0; Académico de Coimbra - Torriense, 2-0. Classificação: Académico de Coimbra, 9 pontos; Alcobaça, Guarda e Covilhã, 7; Peniche, Elvas e Benfica e Castelo Branco, 6; União de Coimbra e Torriense, 5; Beira-Mar, União de Leiria e Caldas, 4; Rio Maior e União de Tomar, 3; Anadia e Naval, 2.

Zona Sul: Barreirense - Esperança de Lagos, 0-0; Sacavenense - Silves, 4-0; União da Madeira - Nacional, 3-2; Cova da Piedade - Amora, 1-0; Odivelas -Sesimbra, 1-1; Olhanense - Lusitano de Évora, 1-1; Marítimo -Olivais e Moscavide, 0-0; Belenenses - Estrela da Amadora, 1-1. Classificação: União da Madeira, 9 pontos; Marítimo e Cova da Piedade, 8; Estrela da Amadora, 7; Belenenses, 6; Nacional, Olhanense e Odivelas, 5; Lusitano, Barreirense e Sacavenense, 4; Silves, Amora, Esperança de Lagos, Olivais e Moscavide e Sesimbra, 3.

Divisão 3

Resultados da 5.ª jornada do Nacional da 3.ª Divisão na Série A: Taipas - Limianos, 2-2; Prado - Mirandela, 1-1; Ponte da Barca - Valenciano, 2-2; Felgueiras -Fremunde, 1-2; Cerveira - Aves, 1-1; Bragança - Mogadourense, 1-1; Vianense - Moreirense, 2-1; Monção - Merelinense, 0-1. Líder: Aves, 8 pontos. Série B: Cesarense - Régua, 1-1; Esmoriz -Vilanovense, 0-0; União de Lamas - Ermesinde, 2-0; Marco -Leça, 4-0; José Alves - Amarante, 2-1; Paivense - Lourosa, 1-1; Lamego - Valadares, 0-1; Paredes - Ovarense, 3-0. Líder: Vilanovense, 7 pontos. Série C: Barco - Estarreja, 1-3; S. Romão - Marialvas, 3-3; Oliveira do Bairro - Oliveirense, 0-0; Mangualde - Poiares, 5-2; Viseu e Benfica - Santacombadense, 2-0; Lusitano de Vildemoinhos -Mealhada, 2-2; Tortosendo -Gouveia, 0-0; Tondela - Sourense, 6-0; Líderes: Oliveira do Bairro, Estarreja e Mangualde, 8 pontos. Série D: Alferrarede - Alcais, 0-1; Nisa e Benfica - Marinhais, 2-1; Estrela de Portalegre - Marrazes, 2-0; Marinha - Marinhense, 0-0; Nazarenos -União de Santarém, 4-0; Atouguiense - Portalegrense, 1-1; S. Bernardino - Alpalhoense, 3-2; Almeirim - Bombarralense, 0-0. Líder: Almeirim, 9 pontos. Série E: Lusitânia (Açores) - Cacém, 3-0; Olivais - Casa Pia, 1-1; Oriental - Montijo, 4-1; Campomaiorense - Almada, 0-1; Bucelenses - Benfica Aguia (Açores), 3-1; Samora Correia - Atlético, 0-0; Sintrense Tires, 1-0; Santa Clara (Açores) - Vialonga, 0-0; Líderes: Almada e Vialonga, 8 pontos. Série F: Vasco da Gama - Torralta, 1-2; Beja - Alvorense, 1-0; Juventude - Comércio e Indústria, 3-1; Seixal - Paio Pires, 3-1; Lusitano de Vila Real - Vendas Novas, 0-0; Campinense -Canavais, 3-1; Quateirense - Moitense, 1-1; Trafaria - Quimigal, 0-0; Líder: Campinense, 9 pontos.

Juniores

Resultados da 3.ª jornada do «Nacional», de juniores, na Série A: Chaves - Ponte Barca, 3-4; Varzim - Famalicão, 4-0; Merelinense - Esposende, 1-1; Cachã -V. Guimarães, 0-6; e Rio Ave -Braga, 0-3, Líder: Varzim, 6 pontos.

Série B: Cortegaça - Tirsense, 0-1; Boavista - Leixões, 2-0; Beira Mar - União Lamas, 1-0; Salgueiros - FC Porto, 2-0; e Régua - Sanjoanense, 1-2. Líderes: Salgueiros e Boavista, 6 pontos.

Série C: Águeda - Estação, 2-2; União Coimbra - Repesenses, 4-0; Tondela - Fornos Algodres, 6-0; Anadia - Académico 0-1; e Gouveia - Jardim Alva, 5-0. Líderes: Académico e União de Coimbra, 6 pontos.

Série D: União Tomar - Alter, 3-1; Alcobaça - Almeirim, 1-0; Naval - União Leiria, 2-0; Peniche - Nazarenos, 3-1; Marinhense - Benfica Castelo Branco, 1-0. Líder: Alcobaça, 6 pontos.

Série E: Sporting - Oriental, 2-0; Almada - Atlético, 1-0; Benfica - Vila-franquense, 3-0; Campomaiorense - Cova da Piedade, 3-0; e Olivais e Moscavide - Belenenses, 1-0. Líderes: Benfica e Sporting 6 pontos.

Série F: Quimigal - V. Setúbal, 0-1; Farense - Sambreazense, 2-2; Moura - Juventude, 1-1; Amora - Olhanense, 2-0; e Torralta - Barreirense, 0-0. Líder: V. Setúbal, 6 pontos.

Atenção, portugueses

Comportamento dos três clubes envolvidos com os nossos símbolos nas competições uefeiras: o Olympiakos venceu (1-0, golo de Anastopoulos) a turma do AEK, no Campeonato grego. Na Escócia, comportamentos diferentes: Dundee, 3-Rangers, 2 e Celtic, 1-Hearts, 1.

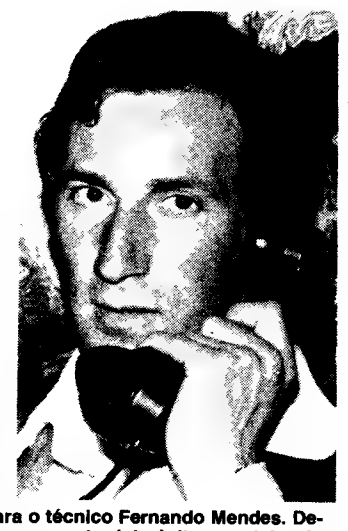
Humberto: tudo bem

«O joelho direito de Humberto estava muito mal» – declarou o operador germânico dr. Schneider. «Mas a intervenção cirúrgica correu muito bem e o «capitão» do Benfica deve poder voltar a jogar em Dezembro» – afirmou o professor de Colónia.

Santana operado

No Hospital de Vila do Conde foi operado a uma fibrose o defesa-central, Santana (do Rio Ave). A operação decorreu bem e a recuperação deverá ser feita rapidamente.

Estoril: divisão equitativa de pontos



Belenenses: posição muito difícil para o técnico Fernando Mendes. Depois de dois empates, uma derrota e somente dois êxitos, o clube do Restelo (que também já deitou abaixo **as arbitragens) está na disposição de rescindir contrato com o técnico FenandoMendes, falando-se que o seu lugar poderá se já hoje preenchido por Fernando Peres**

Reforço Tirsense

Rochinha, que esteve ao serviço do Recreio de Águeda, é o novo reforço do Tirsense, equipa nortenha orientada pelo «magriço» Hilário e que esta época ascendeu à 2.ª Divisão.

Polónia--Portugal na RTP

O encontro entre as selecções da Polónia e de Portugal, a contar para a fase de qualificação do Campeonato da Europa (Grupo 2), e que se realizará no dia 28, pelas 19 horas, será transmitido em directo pela RTP.

Mais brasileiros

A equipa do Nacional (da Madeira) está em negociações com vista à aquisição do jogador brasileiro«Chicão» (ex-Guarani). Francisco Roquete Franco («Chicão), 24 anos, é ponta-de-lança, e já representou (no Brasil) as equipas do América, do Democrata, do Nacional de Uberada e do Guarani, a que se encontra ainda vinculado. Enquanto decorrem negociações «Chicão» treina à experiência sob a orientação do treinador da equipa alvi-negra, Pedro Gomes.

Setúbal em França

O Vitória de Setúbal efectua, de 7 a 16 de Novembro, uma digressão por França, durante a qual efectuará cinco jogos. O primeiro encontro será com o Tours (dia 8), jogando em seguida com o Paris St. Germain (dia 10), com o Lille (dia 11) e com o Villefranche (dia 13). A digressão terminará dia 15, com um jogo com o Mulhouse.

Árbitros Uefeiros

Um jugoslavo e um inglês dirigirão os encontros entre o Benfica e Olympiakos Pireu, correspondentes à eliminatória da Taça dos Campeões. Na primeira «mão», que se realiza em Atenas, no dia 19, o encontro será dirigido pelo árbitro jugoslavo Sostaric, enquanto para o desafio do Estádic da Luz a realizar em 2 de Novembro está indicado o inglês Midgley.

Na primeira «mão» da 2.ª eliminatória da Taça das Taças, a disputar em Glasgow, (entre o Rangers e o FC Porto) foi designado o juiz Kirschen (RDA) e para o desafio no Estádio das Antas está nomeado o italiano D'Elia.

Quanto aos jogos do Sporting com o Celtic, em Alvalade, estará o austríaco Brummeier, e em Glasgow, o belga Ponnet.

Para esta eliminatória das competições europeias foi nomeado o árbitro português Alder Dante, que dirigirá o encontro entre o Servette (Suíça) e o Sakhtior Donets (URSS), a disputar em 2 de Novembro, na Suíça.

Juniores açorianos

As equipas do Oliveirenses e do Marítimo ficaram apurados para disputar a 8 de Dezembro a final do Torneio de Abertura de juniores da ilha de S. Miguel. Nos encontros das meias-finais (realizados na Lagoa – campo neutro) o Oliveirenses goleou (por 8-0) o Ribeirinha e o Marítimo venceu o Vasco da Gama, por 2-1.

Classificação

	J	V	E	D	G	P
1.º Benfica	7	6	1	0	18- 6	13
2.º FC Porto	7	6	0	1	11- 1	12
3.º Guimarães	7	5	1	1	11- 3	11
4.º Sporting	7	4	1	2	13- 7	9
5.º Portimonense	7	4	1	2	9- 7	9
6.º Braga	7	2	4	1	7- 5	8
7.º Rio Ave	7	3	2	2	6- 4	8
8.º Farense	7	2	3	2	15- 9	7
9.º Boavista	7	2	3	2	7- 7	7
10.º Setúbal	7	1	3	3	12-10	5
11.º Penafiel	7	2	1	4	4-13	5
12.º Varzim	7	1	2	4	3- 8	4
13.º Salgueiros	7	1	2	4	5-12	4
14.º Estoril	7	1	2	4	3- 9	4
15.º Águeda	7	1	4	2	4	2- 8
16.º Espinho	7	0	2	5	1-10 2	

TOTOBOLA a chave

1	Porto-Sporting	1
2	Benfica-Farense	1
3	Braga-Penafiel	X
4	Águeda-Varzim	1
5	Estoril-Boavista	X
6	Rio Ave-Salgueiros	1
7	Setúbal-Espinho	X
8	Portim.-Guimarães	2
9	G. Vicente-Sanjoanense	1
10	União TomaR–Peniche	X
11	Guarda-Alcobaça	X
12	Cova Piedade-Amora	1
13	Olhanense-Lusitano	X

Os serviços de escrutínio do Totobola prevêem apenas entre um e cinco totalistas. Com 12 resultados certos, prevêem-se entre 150 e 200 apostas.

EXTERNATOS
SÉNECA
SEBASTIÃO DA GAMA
CICLO PREPARATÓRIO – GERAL – UNIFICADO
COMPLEMENTAR – 11.º E 12.º ANOS
Av. Almirante Reis, 73, 1.º e 2.º – Telef. 4 00 92
Av. Almirante Reis, 106, 1.º e 2.º – Telef. 82 27 76
1100 LISBOA

DESPORTO

Portmonense, 0—Guimarães, 2

Centrais veteranos permitiram tudo

Dois golos de Júlio deram ao Guimarães a vitória sobre o Portimonense (por 2-0) os algarvios, que seguiam em 5.º lugar na classificação do campeonato (com os mesmos pontos do Sporting) não conseguiam superar um Guimarães que, apesar das cautelas com que iniciou o encontro, aproveitou da melhor maneira dois deslizes da veterana defesa algarvia para conseguir os seus golos, aos 13 e aos 24 minutos.

A partir daí o Portimonense lançou-se no ataque mas os seus avançados, estáticos e inoperantes, não tiveram imaginação para romper a bem montada cortina defensiva vimaranense. A garantir a vantagem de dois golos foi ainda o Guimarães que, através de contra-ataques, provocou o pânico na área de Damas, principalmente por intermédio de Eldon e Júlio, que dominavam completamente Freitas e Simões.

Sob a arbitragem de Veiga Trigo (de (Beja), que mostrou o cartão amarelo a Joaquim Murça (24), Cadorin (43), Coelho (63), Gregório Freixo (67), e o vermelho a Coelho (84) as equipas alinharam:

Portimonense: Damas; Coelho, Simões, Freitas, João Gouveia; Vítor Oliveira, Luís Saura, Nelson (Rui Águas, 28) e Fernando Martins; Cadorin, Norton de Matos (Lúcio 58).

Guimarães: Jesus; Gregório Freixo, Amândio, Alfredo Murça e Laureta; Nivaldo, Paquito, Dimas (Flávio 66) e Joaquim Murça; Júlio e Eldon.

MICROSCÓPIO

Lemond em Montjuich

O campeão mundial de ciclismo, o norte-americano Greg Lemond, participará na subida de Montjuic (Barcelona), prova que se disputará no dia 23. Greg Lemond (22 anos), o primeiro norte-americano a conquistar o título máximo do ciclismo, poderá tornar-se também no mais jovem ciclista a ganhar o troféu «Superprestígio», cuja classificação comanda quando falta apenas a «Volta à Lombardia». O «Superprestígio» é uma espécie de campeonato mundial oficioso da modalidade, em que os pontos são atribuídos por prova disputada, premiando o ciclista mais regular durante toda a época. Greg, que ascendeu a profissional em 1981, ganhou no ano seguinte a «Volta à França» do futuro e foi vice-campeão mundial. Esta temporada ganhou já o «Dauphine-Liberê» e conquistou (na Suíça) o título de Campeão do Mundo.

Mundial de halterofilia

Francisco Coelho, Raul Dinis, Carlos Alves e Jorge Soares são os halterofilistas portugueses que, dirigidos por Luís Paquete, participarão, de 22 a 30 do corrente, em Moscovo, pela primeira vez, numa edição dos mundiais da especialidade. A Federação justificou a presença de quatro atletas como uma tentativa de propiciar a possibilidade de, além de Francisco Coelho, outros halterofilistas portugueses lograrem os mínimos olímpicos. Em todo o caso, tal só foi possível devido às facilidades concedidas por uma companhia aérea, já que, segundo uma fonte federativa, a DGD não deu qualquer subsídio para a deslocação.

Polícias pedalam

Os polícias algarvios vão ter no próximo dia 31 um passeio ciclista, promovido pelo Comando Distrital de Faro. O passeio efectua-se no percurso entre Tavira e Faro e nele participam elementos de todas as esquadras do Algarve, divididos em escalões etários. O passeio ciclista, tem como lema **defenda a sua saúde, pratique desporto, pratique ciclismo.**

Complexo desportivo

A 1.ª fase das obras do complexo desportivo municipal de Vila Real de Santo António arrancaram recentemente e incluem o alinhamento dos terrenos, estruturas eléctricas e escoamentos de águas, parque de estacionamento e arruamentos circundantes. Segue-se, a construção de quatro campos polivalentes, um campo de futebol e uma pista de atletismo. Também a Junta de Freguesia abriu já as propostas de concurso para um grande parque infantil (integrado neste complexo), que se situa a sul de Vila Real de Santo António, junto ao Farol.

Ajudem Pombal

O Núcleo Desportivo Amador de Pombal está a levar a efeito uma intensa campanha de angariação de sócios. De acordo com o presidente da colectividade (Alfredo Marques), o clube **não recebe nada de ninguém e pretende manter-se nos limites do mais puro amadorismo.** Este Núcleo Desportivo conta já no seu «palmarés» títulos de campeões nacionais de judo e atletismo e é um habitual competidor da «Taça de Portugal» de andebol (seniores).

Setúbal: assobios, vaias e pedradas foram o corolário do empate sadino em direcção ao técnico Manuel Oliveira

No meio de cinco «leões» Gomes vai receber a bola, ageitá-la e fazer o golo, saudado pelos colegas ante a tgristeza de Katzirz

Stromberg: dois golos aos campeões mundiais

O benfiquista Stromberg (autor de dois golos) foi a figura exponencial da partida Itália-Suécia (jogada em Nápoles) em que os suecos venceram, por 3-0 os campeões mundiais.

Sob a arbitragem de Garcia Carrión (Espanha), alinharam:

ITÁLIA: Bordon; Bergomi, Cabrini, Bagni e Verchowood; Baresi, Conti e Anecellote; Rossi, Dossena e Giordano.

SUÉCIA: Thomas Ravelli; Erlandsson, Hyssen, Dalquista e Fredriksson; Eriksson (Andreas Raveli, 75), Stromberg e Prytz; Sunesson, Corneliusson (Jingblad, 85) e Holmgrem.

Classificação actual do Grupo 5 de qualificação do Europeu:

	J	V	E	D	B	P
Suécia	8	5	1	2	14- 5	11
Roménia	6	4	1	1	7- 2	9
Checoslováq	6	2	3	1	12- 6	7
Itália	6	0	3	3	3- 0	3
Chipre	6	0	2	4	3-17	2

Jogos que faltam: 12 Nov. Chipre - Roménia; 16 Nov., Checoslováquia - Itália; 30 Nov., Checoslováquia - Roménia; 22 Dez., Itália - Chipre.

Inglaterra

Três golos de Mick Robinson ditaram o triunfo (3-1) do Liverpool no terreno do West Ham, no encontro mais importante da 9ª jornada do campeonato inglês. Com este desaire, o West Ham perdeu a liderança da prova a favor do Manchester United. Resultados: Arsenal - Coventry, 0-1; Aston Villa - Birmingham, 1-0; Everton-Luton, 0-1; Ipswich -Queens Park Rangers, 0-2; Leicester - Southampton, 0-0 (interrompido aos 23 minutos devido à chuva); Manchester United

Continua na pág. 17

F.C.Porto. 1-Sporting, 0

Muita parra e pouca uva

Por aquilo que produziu durante todo o encontro, mas sobretudo na meia hora que se seguiu ao intervalo, o FC Porto justificou, não só o triunfo, como um resultado mais dilatado. A barra da baliza leonina (por um lado) e a falta de sangue frio dos aríetes portistas, (pelo outro) impediram que o marcador funcionasse mais vezes, antes mesmo de o «bota de ouro» ter mostrado as suas credenciais, quando iam decorridos exactamente 72 minutos. Em tempo de vindimas, dir-se-á que, anteontem à noite, nas Antas, e perante cerca de 60 mil espectadores, houve **muita parra e pouca uva.**

Como afirmou o técnico portista no final do encontro: **Foi uma vitória escassa para quem mostrou tanta superioridade.** Na verdade, há já alguns anos que não víamos o Sporting jogar tão encolhido no reduto dos «azuis e brancos». Incompreensivelmente, os «leões» abandonaram muito cedo o esquema de contra-ataque com que iniciaram a partida, para se entregarem inteiramente a uma marcação individual dos «motores» portistas, numa subserviência como não há memória. Romeu «grudou-se» a Frasco, Jordão a João Pinto, Lito a Inácio, Kostov a Rodolfo e Manuel Fernandes a Jaime Pacheco. Mais parecia o jogo do gato e do rato, tal a perseguição movida aos jogadores mais influentes do conjunto nortenho. O esquema táctico perfilhado pelo Sporting implicou (naturalmente) uma mudança, também, nos processos tácticos de Pedroto que deu ordens para Eurico avançar e integrar-se nos lances ofensivos.

Ordem exemplarmente cumprida, diga-se desde já, sendo certo até que pertenceu ao «central» portista a primeira grande oportunidade do desafio, à passagem dos 16 minutos e na sequência de uma combinação primorosa com Costa. Eurico arrancou de trás com o esférico, abriu na esquerda para Costa e este tirou um centro com peso, conta e medida que Eurico finalizou de cabeça, errando o alvo por pouco. Zé Beto era (então) um mero espectador, uma vez que Lima Pereira, em noite de grande inspiração, resolvia tudo a contento, contando-se (aliás) como o melhor homem em campo.

Durante os primeiros 45 minutos, a turma de Alvalade abeirou-se apenas duas vezes da baliza do Porto: a primeira aos 6 minutos, na transformação de um «livre» por Oliveira que Zé Beto defendeu sem dificuldade; a segunda aos 36 minutos, quando Mário Jorge desceu pelo seu flanco e depois de se internar, atirou ao lado. Em contrapartida, o «gigante» Katzirz foi constantemente solicitado, efectuando um bom punhado de excelentes defesas, mormente no período em que os portuenses teimavam em «despejar» bolas para cima da baliza leonina.

Para o período complementar, Pedroto optou por Sousa e Jaime Magalhães, em vez de Walsh e Rodolfo, numa mudança táctica que não tardou a dar os seus «frutos». Assim, em vez dos «despejos» que até aí foram uma constante, os portistas passaram a jogar com o esférico sempre colado à relva, numa manobra envolvente que, aos poucos e poucos, foi «encurralando» os sportinguistas. Jaime Magalhães na direita e Costa na esquerda, mais aquele do que este, passaram, então, a constituir os «quebra-cabeças» para o extremo reduto leonino que, mercê do desgaste inicial, começou a dar mostras de algum cansaço.

Assistiu-se, nessa fase, a um verdadeiro assalto à baliza de Katzirz, na frente da qual havia, por assim dizer, uma muralha bastante reforçada. Tal não impediu, porém, que os portistas forjassem algumas oportunidades flagrantes, num período «de ouro» que mediou entre os 55 e os 75 minutos. O primeiro aviso foi dado por Gomes que, na sequência de um «livre», atirou de cabeça, à barra, com o guardião leonino já batido. O «bota de ouro» perderia novo ensejo, sete minutos mais tarde, quando, após tabelinha de cabeça com Costa, atirou ao lado, sem qualquer opositor à ilharga e a baliza escancarada. Depois, seria a vez de Sousa, também à vontade, disparar contra o peito de Zezinho, que estava sobre o risco de golo a substituir o seu guarda-redes. E, finalmente, o lance do golo (mais do que justificado) obtido por Gomes, na sequência de um «livre» da direita, apontado por João Pinto. Um tento magnífico, pela técnica posta na sua execução: Gomes recebeu no peito, deixou cair e fuzilou com o pé direito.

Logo no minuto seguinte (73), o FC Porto podia ter consolidado a vantagem, por intermédio de Costa, que apareceu em óptima posição a disparar com o pé direito (ele que é esquerdino...), de forma defeituosa. Gorada essa oportunidade, os «azuis e brancos» preferiram segurar o golo de vantagem, a ter de arriscar em busca da melhor tranquilidade, o que possibilitou um certo agigantamento do Sporting, nos minutos derradeiros.

A arbitragem de Raul Nazaré não esteve isenta de erros e o maior terá sido exactamente aquele de mostrar o cartão amarelo a Jordão, quando este travou a bola com as mãos na sua zona intermediária e junto da linha lateral, só para «calar» os portistas. Quanto ao «penalty» reclamado pelos «azuis e brancos» (aos 55 minutos) por derrube de Frasco, ficamos com algumas dúvidas e, por isso, admitimos que Raul Nazaré tenha julgado em consciência.

Manuel Neto

Árbitro: Raul Nazaré (Setúbal), auxiliado por Lopes Galrinho (bancada) e António Jorge (arquibancada).

FC Porto: Zé Beto; João Pinto, Lima Pereira, Eurico e Inácio; Frasco, Rodolfo (Jaime Magalhães, na 2.ª parte), Jaime Pacheco e Costa; Walsh (Sousa, na 2.ª parte) e Gomes.

Sporting: Katzirz; Gabriel, Zezinho (Futre, aos 80m), Virgílio e Mário Jorge; Lito, Kostov, Romeu e Oliveira; Manuel Fernandes e Jordão.

Marcador; Gomes (72m). Cartão amarelo: Kostov (2m), João Pinto (26m) e Jordão (42m).

DESPORTO

Futebol lá por fora

Continuação da pág. 16

-West Bromwich, 3-0; Nottingham Forest - Norts County, hoje; Sunderland - Stoke, 2-2; Watford - Norwich, 1-3; West Han - Liverpool, 1-3 e Wolverhampton - Tottenham, 2-3. Classificação: 1.°, Manchester, 19 pontos; 2.°, West Ham, 18; 3.°, Queen's Park, 17; 3.°; 4.°, Southampton, 17; 5.°, Liverpool, 17 (menos um jogo); 6.°, Aston Villa, 16; 9.°, Tottenham, 14; 10.°, Coventry, 14; 11.°, West Bromwich, 14; 12.°, Birmingham, 14; 13.°, Nott. Forest, 13 (menos um jogo); 14.°, Arsenal, 12; 15.°, Everton, 12; 16.°, Sunderland, 11; 17.°, Norwich, 9; 18.°, Watford, 8; 19.°, Stoke, 8; 20.°, Notts County, 6 (menos um jogo); 21.°, Wolverhampton, 2 e 22.°, Leicester, 1 (menos um jogo).

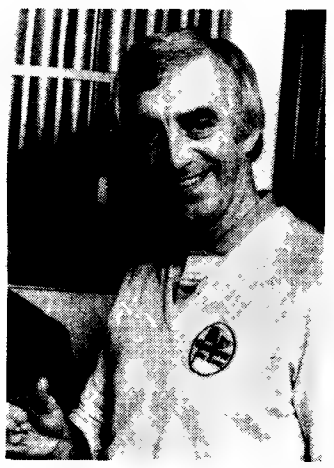
Moçambique

O Desportivo do Maputo é campeão de futebol de Moçambique, ao vencer o Palmeiras da Beira por 2-1, no jogo decisivo.

Em 22 jornadas, o Desportivo somou 38 pontos (18 vitórias, dois empates e duas derrotas), marcando 73 golos.

Em 2.° lugar, classificou-se o Estrela Vermelha (do Maputo) com 30 pontos, após derrotar o Têxtil do Pungué, por 3-0. O Ferroviário do Maputo, que bateu o Incomati por 4-0, terminou na 3.ª posição, com 29 pontos.

Espião do Celtic viajou no autocarro do Sporting



«Espião» do Rangers foi ao Vinho do Porto

Morais viu o Glasgow

Enquanto o técnico adjunto António Morais foi «olhar» o Glasgow Rangers, no jogo que a equipa escocesa disputou no terreno do Dundee United, do qual aliás saiu derrotada por 3-2, nas Antas esteve, também «mister» David Provan (do Glasgow) que se mostrou muito surpreendido com **a organização da equipa portista** e com **a categoria de Jaime Magalhães e Jaime Pacheco.** Sobre o «bota de ouro», David Provan diria que não lhe viu fazer nada de extraordinário.

Entretanto, pelo telefone, António Morais deu conta a Pedroto das conclusões a que chegou depois de ter visto actuar os escoceses: **pareceu-me uma equipa vulnerável, sobretudo os dois centrais. Em casa são mais agressivos do que fora, pois tiram melhor partido dos seus pontas-de-lança, sem dúvida, dois bons jogadores.** Mas o que mais preocupou o técnico adjunto do FC Porto foi o **frio que se faz sentir na Escócia.**

A turma portista partiu ao princípio da tarde de hoje, em voo «charter», directamente de Pedras Rubras até Glasgow, onde deverá chegar cerca das 17 horas. Chefia a comitiva «azul e branca» o presidente Jorge Nuno Pinto da Costa e, para além dos jogadores que actuaram frente ao Sporting, foram escalados Amaral, Eduardo Luís, Teixeirinha e Quinito.

Luz: dinamarquês Manniche leva pela frente a defesas algarvia

Diamantino: em grande forma

Benfica, 6—Farense, 2

Para todos os paladares

Que nos lembre, nunca uma equipa nacional entrara no Estádio da Luz somente disposta a fazer o jogo pelo jogo, a abrilhantar o espectáculo com futebol atacante, jamais se apavorando ou por um instante sequer centrando a ideia em mero intento defensivo, como tem sido uso e norma de blocos de padrão idêntico: e bem superior... Pois o Farense, toda a honra lhe seja ofertada, jogou aberto e de coração ao alto: e o preço da entrada no grande «show», dessa comparticipação na beleza do circo, pode no grande «show», dessa comparticipação na beleza do circo, pode ter ficado caro em termos de números mas sem uma beliscadura na nobreza, na altivez, na coragem e na raça dos briosos algarvios que, sem o mais leve azedume, suportaram o confronto como se estivessem esgrimindo com parceiro de idêntica, igualá. E, mesmo quando atingiram vantagem no marcador, naquela incrível bola enrolada que fez negaças aos bigodes de Bento, nun ca pularam para a altivez: continuarzm fazendo o jogo pelo jogo, vendo avolumarem-se os erros de toda uma defesa arrastada pela pior tarde de Meszaros por estas bandas mais pela precipitação do negrão José Luís num atraso que deu um dos mais belos golos da tarde solarenta.

Por parte do Farense, forçoso se diga que houve a tremenda instabilidade do guardião húngaro: duas grandes defesas, uma data de sopapos no ar, falhanços e indecisões, escorregadelas, bolas perdidas, um festival de azares. Mas também os «backs» não mostraram «estaleca» para se oporem a Chalana, Diamantino, Carlos Manuel e companhia. Esteve muito bem o búlgaro Grandtcharov: mas (como canta Carlos do Carmo) uma andorinha, mesmo internacional, não faz a Primavera. Depois, o centro-charneira da turma presidida por Fernando Barata, treinada por Mladenov e dirigida perto das linhas por Viriato Lopes, foi outro tumultuar de intenções: muito boas as de Alexandre Alhinho, óptimas as de Óscar, para o zero todos os demais parceiros que deixaram compeltamente entregues aos poderes caseiros o brasileiro Gil e o espectacularJosé Rafael, o atirador que só conseguiu brilhar por ter aproveitado uma **barraca** de todo o tamanho da cortina dos nossos campeões.

No resto, como se deduz, foi um festival de golos: mais consentidos que construídos, mas grande quota do êxito da responsabilidade de Diamantino, Chalana e Carlos Manuel, a pequena distância acompanhados Shéu e José Luís, Álvaro e Bento, o barreirense que fez uma soberba estirada que, a ficar na viagem, teria colocado o marcador em números de espanto.

«Show» correctíssimo, de alta categoria pelo futebol rápido e alternado em «nuances», sem a menor nota de negativismo que vimos recentemente rubricado por artistas e seus pares de um reino todo opulento. Benfica: uma forte personalidade, nada perturbado pela inicial adversidade, a colocar as coisas no devido lugar, ainda que sentindo as faltas de Humberto e Veloso, Stromberg e António Bastos Lopes. Farense a quebrar (somente) perante a traquinice da jovem guarda benfiquista ou da velha ratreirice de Nené que, mal colocou pé na relva, logo fez o golito da tabela. Mais um para o rol do 2.° atirador português de todos os tempos.

Enfim: o futebol de parabéns, a festa do golo repetida até encher o olhos, a multidão fazendo as pazes com o jogo que tantas vezes lhe arranca milhões sem oferecer um tostãozito furado. Pena que a arbitragem (muito fraquinha, benza-a Deus) fosse de 2.ª apanha no nosso Scala da ópera futebolista. Paciência: o óptimo é inimigo do bom.

Neves de Sousa

Com arbitragem muito deficiente do juiz portuense José Guedes (que esteve mal acompanhado por Vitorino Gonçalves e Alberto Silva), todos a registarem várias falhas nos julgamentos de fora-de-jogo e a não punirem por igual todos os infractores às 17 leis de jogo, alinharam:

Benfica: Bento; Pietra, Alberto Bastos Lopes, Oliveira e Álvaro; José Luís, Carlos Manuel, Shéu e Chalana (Nené, aos 70 minutos); Diamantino e Manniche (Filipovic, 73).

Farense: Meszaros; César, Grandtcharov, José Luís e Vilaça; Óscar, Rgoério (Nelson Borges, 62), Alexandre Alhinho e Bukovac (Mário Wilson, 54); Gil e José Rfael.

Golos: Alexandre Alhinho (26), Diamantino (35), Chalana (40), autogolo do algarvio José Luís (44), Diamantino (65), Nené (71), José Rafael (80) e pelo benfiquista José Luís (81). Cartão amarelo para Alexandre Alhinho (rasteira a Crlos Manuel), Óscar (protestos), Grandtcharov (carga em falta a José Luís) e Carlos Manuel (protestos).

Nacional de basquetebol

Campeão nos últimos

Ao triunfarem nas duas primeiras ornadas do Campeonato Nacional da 1.ª Divisão de Basquetebol (fase de apuramento) os grupos do Barreirense, Queluz, Benfica e Olivais, ficaram no comando, enquanto o campeão nacional da época passada (FC do Porto) está colado aos últimos. Não tem nada de irrelevante (porém) a posição dos portistas do ponto em que perderam no Barreiro e em Queluz, portanto frente ao «cinco» com ambições iguais no campeonato e por resultados que nada encerram de desprestigiantes.

Para além dos referidos conjuntos do Barreirense e do Queluz, também o Olivais somou duas vitórias como visitado e só o Benfica teve honras de único duplo vencedor visitante: e por margens expressivas, uma delas na Figueira da Foz, que atesta bem a actual qualidade do «cinco» do prof. José Curado, que este ano abdicou de «requisição» estrangeira.

Alguns resultados foram bastante desequilibrados, a separar os melhores dos piores, mas outros houve a sugerir nivelamento de forças muito susceptível de fornecer grande emotividade à fase de apuramento, em que há sete/oito pretendentes para os seis lugares de qualificação. A qualidade da maioria dos encontros foi (para já) fraca, o que não é para admirar atendendo ao pouco tempo de preparação da maioria das turmas.

Resultados na 1.ª jornada: Ginásio - Benfica, 59-79; Atlético -Luso, 40-81; Olivais - Ovarense, 94-79; Sangalhos - Conimbricense, 84-79; Queluz - Sanjoanense, 110-70 e Barreirense -FC do Porto, 79-74. Na 2.ª jornada: Ginásio - Luso, 90-64; Atlético - Benfica, 40-81; Olivais - Conimbricense, 80-78; Sangalhos - Ovarense, 67-71 (com 61-61 no tempo regulamentar); Queluz - FC do Porto, 90-82 e Barreirense - Sanjoanense, 97-46. Pontuação: 1°s. Queluz, Barreirense, Benfica e Olivais, 2 jogos e 4 pontos; 5°s. Ginásio, Ovarense, Sangalhos e Luso, 9°s, F. C. do Porto, Sanjoanense, Conimbricense e Atlético.

Basquetebol portista em acção

A Associação de Basquetebol do Porto organiza dia 21, pelas 21 e 30, na Casa do Desporto (no Porto) uma assembleia geral ordinária. Esta assembleia, que não se realizou por motivos imprevistos em 29 de Julho (conforme nota oficial da própria Associação) tem ordem de trabalhos de três pontos: verificação dos poderes dos delegados de cada um dos clubes, discussão e votação do relatório e contas da gerência do período de 4 de Julho de 1982 a 30 de Junho deste ano e falar-se-á de assuntos de interesse para a modalidade durante 30 minutos. Entretanto, imediatamente a seguir a esta assembleia geral, a Associação de Basquetebol do Porto procederá à distribuição dos prémios da época de 1982/83. O FC Porto é o clube mais premiado, pois venceu o «Torneio Início», o campeonato regional e o «Torneio de Encerramento» de iniciados, campeonato regional de juniores e torneio de seniores (masculinos).

Belenenses: basquetebol mais pobre

A turma de juvenis do Belenenses desistiu do Campeonato Lisboeta de Basquetebol.

Na sua agenda

ANDEBOL: assembleia geral da Associação de Lisboa pelas 21 horas de 20 do corrente, para eleição dos corpos gerentes na corrente época.

ATLETISMO: 3.° «Grande Prémio» promovido pela secção do Vitória de Setúbal, com o patrocínio do Governo Civil, Câmara Municipal de Setúbal, DGD e comércio setubalense. Corrida de 15 quilómetros, a partir das 9 e 30 de 30 do corrente, com partida e chegada no Estádio do Bonfim.

PESCA DESPORTIVA: concurso de rio (inter clubes) a 30 do corrente, organizado pelo Sporting Clube de Alenquer na Barragem do Maranhão. Inscrições até às 23 horas de 28 do corrente (telefone 72265 – Alenquer).

Meninas do Canoa dominam futebol feminino do Sul

Continua a brilhante carreira da turma de futebol feminino do Canoa (de Oeiras) que, sob o comando de Artur Garcia Jerónimo, está a marcar lugar de 1.° plano entre todas as formações sulistas. Agora foi a vitória (3-0) perante o Casa Pia, no próprio estádio de Pina Manique, propriedade do bloco casapiano.

Sob arbitragem de António Antunes (Lisboa) auxiliado por Luís Fernando e José Carlos, alinharam:

Casa Pia: Mimi; Eisabete, Elisabete Pereira, Dalila e Marcelina; Cristina, Paula Isabel e Marina; Guida, Carmo e Zezinha. Suplente: Isabel Gomes.

Canoa: Xana; Cristina, Dulce, Fátima e Cacilda; Tina, Ana Maria, Anita e Isabel; Orlanda e Maria João. Suplentes: Belinha e Celina.

Ao intervalo já as meninas oeirenses triunfavam, por dois tentos sem resposta: golos de Anita (na conversão de uma grande penalidade) e Belinha. No período complementar, Ana Maria fixou o desfecho final. De salientar a bonita réplica das moças casapianas, que teve forte motivação na ausência de quatro titulares da turma da Canoa. Mas, de qualquer modo, as oeirenses a dominarem o jogo de fio a pavio, justificando plenamente a temporada invicta.

Campo de futebol vendido em lotes

Enquando se erguem estádios (mais ou menos pretensiosos) um pouco por todo o País, a assembleia de freguesia das Marinhas (nos arredores de Esposende) autorizou a junta a lotear o actual campo de futebol e a vender os respectivos lotes. O clube das Marinhas está integrado na disputa da Taça da Associação de Futebol de Braga.

DESPORTO

ponta esquerda

Reservas futeboísticas: Atlético com o dom da ubiquidade?

Para os denominados «Campeonatos Distritais de Reservas» da Associação de Futebol de Lisboa, mais uma série de jogos que (como se sabe) normalmente apenas servem para «limpar» os castigos oficiais. Para 4.ª-feira, às 21: Olivais -Atlético, Cacém - Casa Pia, Tires - Atlético e Vialonga - Sintrense. Não, amigo, não há engano, é isto mesmo que vem indicado no comunicado oficial n.º 52 da AFL: o Atlético a fazer dois espectáculos precisamente à mesma hora...

Para 5.ª-feira: Estoril - Belenenses (15 horas), Torreense -Sacavenense, Odivelas - Estrela da Amadora e Sporting -Desportivo dos Olivais (21).

Futebol silencioso numa encruzilhada

A Associação Portuguesa de Surdos vai solicitar a solidariedade dos clubes de futebol das três primeiras divisões no sentido de angariarem fundos que permitam Portugal estar no Mundial Silencioso, em Los Angeles, 1985. O apelo da Associação Portuguesa de Surdos surge após a Direcção-Geral dos Desportos ter indeferido o pedido de subsídio para a deslocação da selecção nacional à RFA (no dia 24 de Abril de 1984, para defrontar a equipa germânica na fase preliminar com vista ao Campeonato Mundial de Futebol Silencioso. A Associação sugere em comunicado a realização de encontros particulares, no próximo dia 12 de Novembro, (data em que não se efectuam provas nacionais), já que da parte do Governo Português a preocupação de ajuda não existiu».

Entretanto, António Manuel Ribeiro e Manuel Rolo (da F.P.F., que têm prestado a sua colaboração (e apoio) à selecção nacional de futebol silencioso, colaboraram na elaboração do programa de trabalhos da equipa tendo em vista o jogo Espanha-Portugal (particular) a realizar em Málaga no dia 12 de Dezembro e que servirá de teste quanto às possibilidades dos portugueses nos embates com a R.F. Alemanha marcado para o dia 2 de Abril em Nuremberga e em Junho seguinte, em Portugal.

Schuster: outro azar no "Barça"

O futebolista alemão federal Bernd Schuster, ao serviço do Barcelona, sofreu uma ruptura dos ligamentos do biceps da perna direita no jogo entre a sua equipa e o Valladolid. Schuster que saiu do terreno de jogo aos 28 minutos da 1.ª parte, não poderá jogar, 4.ª feira, frente ao Nimega em jogo da 1.ª «mão» da 2.ª eliminatória da «Taça dos Vencedores de Taças», a disputar na Holanda. O jogador vai ficar sob observação médica nos próximos dias, facto que, após a lesão do argentino Diego Maradona, vem criar novos problemas ao Barcelona, equipa que, além do jogo de 4.ª feira com o Nimega defronta o Real Madrid (sábado) para o campeonato espanhol.

Atletismo: "chicotada" benfiquista

Vítor Mano é o novo coordenador técnico da Secção de Atletismo do Benfica, sucedendo no cargo a Carlos Sustelo. Antigo recordista nacional dos 100 e ainda detentor do máximo na estafeta de 4x100 metros, Vítor Mano, de 30 anos, já há algumas temporadas desempenhava as funções de treinador das provas de velocidade do clube da Luz.

Andebol: punições federativas

Por terem efectuado em 2 e 3 de Setembro alguns jogos internacionais de carácter particular «sem prévia autorização» da Federação Portuguesa de Andebol, o Benfica foi punido com a multa de 34 mil escudos. Os federativos também aplicaram ao Sporting a multa de cinco mil escudos, face à atitude dos dirigentes «leoninos» em recusarem o prosseguimento do encontro do «Torneio de Almada» no qual estava em disputa a vitória na prova, que viria a ser ganha pelo Benfica. Por tal motivo, foi ainda o dirigente leonino João Maria Lourenço Prazeres suspenso por três meses, enquanto os jogadores Carlos Franco (Sporting) e João Gonçalves (Benfica) sofreram um jogo de suspensão.

McEnroe suspenso

O norte-americano John McEnroe venceu pela 4.ª vez consecutiva, o campeonato australiano de ténis, derrotando na final o francês Henri Leconte, mas foi multado e suspenso por 42 dias. A final do campeonato australiano, presenciada por 8000 espectadores, perdeu de certo modo parte do seu brilho pela multa de 1500 dólares (cerca de 185 contos) e pela suspensão de 42 dias imposta a Joh McEnroe, por dirigir palavras ofensivas a um juiz, após o 5.º jogo do segundo «set», com o marcador em 2-3 favorável ao francês. A multa agora aplicada fez com que o norte-americano ultrapassasse o limite de 7500 dólares (cerca de 935 contos), fixado pelo Comité Internacional de Ténis Profissional.

A suspensão pode ser reduzida para 24 dias desde que John McEnroe não participe em nenhuma partida de exibição.

Na final do campeonato australiano, o tenista norte-americano derrotou Henri Leconte por 3-0 (com os parciais de 6-1, 6-4 e 7-5) e arrecadou o prémio de 200 mil dólares (cerca de 25 mil contos).

Torres Vedras: sempre em frente

Integrada nas comemorações do feriado municipal do concelho de Torres Vedras, e com organização da Câmara Municipal de Torres Vedras, vai realizar-se no próximo dia 23, pelas 9 e 30, a 4.ª Maratona do Concelho de Torres Vedras, que tem a partida na localidade de Sarge, com passagem por Abrunheira, Ramalhal, Ameal, Torres Vedras, Ponte do Rol, Coutada, Aranha (volta), Ponte do Rol e Torres Vedras (chegada na Praceta Calouste Gulbenkian, junto à Física).

Rosa Mota 'Chicago, Chicago': vitória rendeu 2500 contos

Sensacional: a nossa «campioníssima» Rosa Mota venceu, com 24 segundos de avanço sobre a canadiana Jacqueline Gareau, a famosa Maratona de Chicago (EUA) arrebatando, só de prémio oficial, a bonita quantia de vinte mil dólares (cerca de 2500 contos) porventura o mais elevado prémio até hoje pago a uma atleta portuguesa de modalidade considerada **amadora.**

Em Chicago, na prova feminina foi a seguninte a classificação: 1.ª Rosa Mota, Portugal, 2.31,12 – 20 mil dólares; 2.ª Jacqueline Gareau, Canadá, 2.31,36 – 12 mil; 3.ª Dorthe Rasmussen, Dinamarca, 2.31,36 – 8 mil; 4.ª Anne Audain, Nova Zelândia, 2.32,14 – 4 mil; 5.ª Karen Dunn, EUA, 2.34,24 – 3 mil; 6.ª Lisa Larson, EUA, 2.34,56 – 2 mil; 7.ª Ann Marie Malone, Canadá – 1500; 8.ª Nancy Conz, EUA, 2.36,44 – 1200; 9.ª Rita Marchisio, Itália, 2.37.20 – 1100; 10.ª Carol Urish, EUA, 2.37,57 – 1000. Na prova masculina, eis a tabela dos cinco melhores: 1.º Joe Nzau, Queénia, 2,09,44,3 – 20 mil dólares; 2.º Hugh Jones, Inglaterra, 2.09,44,8 – 14 mil; 3.º Simeon Kigen, Queénia, 2.10,52 – 10 mil; 4.º Agapius Masong, Tanzânia. 2.11,57 – 8 mil; 5.º Christof Herle, RFA, 2.12,44 – 5 mil.

Sena à beira do Sena

O francês Thierry Watrice (26 anos) ganhou isolado, com o tempo recorde de 57 m 15 s, a 5.ª edição dos 20 km de Paris, disputada na margem esquerda do Sena. O pupilo de Michel Jazy impôs um andamento muito severo logo de início chegando a ter 35 s. de avanço a meio da prova. Watrice era seguido por um grupo de uma dezena de atletas, entre os quais o favorito da prova, um outro francês, Jacky Boxberger. Watrice abrandou o andamento por volta do 15.º km e terminou com velocidade suficiente para conservar um ligeiro avanço sobre o escocês Muir, 2.º classificado a 6 segundos. A ordem de chegada foi a seguinte: 1.º Thierry Watrice (França), 57'15"; 2.º Muir (Escócia), 57'21"; 3.º Hagelsteens (Bélgica), 57'40"; 4.º Buckley (Inglaterra), 57'44"; 5.º Boxberger (França), 57'50"; 17.º Sena (Portugal), 59'08".

GNR a correr

Realizou-se na Fonte da Telha (Costa de Caparica), a Meia Maratona da Guarda Nacional Republicana, que foi organizada pelo Comando do Batalhão n.º 2, sito na Calçada do Combro (em Lisboa). A esta prova, que se realiza anualmente, concorreram todas as Unidades da GNR, cujos militares concorreram por grupos etários divididos em 5 escalões. Os resultados por equipas foram os seguintes: no 1.º escalão (até aos 30 anos) saiu vencedor por equipas o Batalhão n.º 1 (de Lsiboa), seguido do Regimento de Cavalaria e do Batalhão n.º 2 (Lisboa); no 2.º escalão (30-35 anos) triunfou o Batalhão n.º 4 (Porto), seguido do Batalhão n.º 1 (Lisboa) e Batalhão n.º 5 (Coimbra); no 3.º escalão (35-40 anos) êxito para o Batalhão n.º 4 (Porto); no 4.º escalão (40-48 anos) sucesso do Batalhão n.º 4 (Porto); no 5.º escalão (dos 48 anos em diante) prémio maior para o Batalhão n.º 4 (Porto). Concorreram à prova cerca de 100 militares (oficiais, sargentos e praças).

Barreiro: meia maratona

Manuel da Silva (do Chinquilho 9 de Abril) venceu a Meia Maratona do Barreiro, com dois minutos de avanço sobre o segundo classificado, Manuel Monteiro (do clube Desportivo do Porto), tendo conseguido o tempo de 1.06.43. Participaram na prova 118 atletas, dos quais apenas 71 conseguiram chegar ao fim.

Correr por aí fora

A 9.ª edição da Meia-Maratona da Nazaré realiza-se no dia 13 de Novembro pela podendo participar atletas de qualquer idade, escalonados em categorias de seniores, juniores de ambos os sexos e veteranos. O percurso é inteiramente plano, e terá uma distância de 21 095 metros. As inscrições são gratuitas e estão abertas até ao dia 11 de Novembro.

A meia Maratona da Marinha Grande realiza-se no dia 23, nesta vila do concelho de Leiria. A iniciativa é do Grupo Desportivo e Recreativo das Figueiras, com o apoio técnico da revista «Spiridon».

"Supertaça" hoquista: avanço benfiquista

Pouco mais de meio Pavilhão da Luz viu o Benfica ultrapassar o FC Porto (8-6) na 1.ª «mão» da «Supertaça» hoquista.

Árbitro: Climério Ferreira, de Lsiboa.

Benfica: António Fernandes; Vítor Rosado, Rodrigues, Rocha, Garrido, Hernâni e Rui Baptista, Paulo Fernandes (g.r.) não jogou.

FC Porto: Domingos; Alves, Vale (cap.), Vítor Hugo, Cristiano, David Reis e Licínio. Rui Coelho (g.r.) não jogou.

Golos: 0-1, por Vale; 1-1, por Rocha (de livre directo; 2-1, por Rocha; 3-1, por Rodrigues; 3-2, por Cristiano; 3-3, por Licínio; 3-4, por Licínio; 4-4, por Rocha (livre directo); 5-4, por Rocha; 5-5, por Alves; 6-5, Rui Baptista; 7-5, Rui Baptista; 8-5, Rocha e 8-6, por Cristinano. Cartão amarelo para Cristiano, Alves, Hernâni, David Reis e Rocha.

Supertaça Europeia

As equipas de hóquei em patins do FC Porto e do Barcelona, vencedoras, respectivamente, da Taça das Taças e da Taça dos Campeões Europeus, voltarão este ano à defrontar-se, para a disputa da Supertaça, em dois jogos.

O primeiro encontro será no Pavilhão das Antas, no dia 1 de Novembro. Os espanhóis ainda não indicaram a data da disputa da 2.ª «mão» em Barcelona.

Baixa

O hoquista Fateixa (do Clube de Futebol de Estremoz) vai ser submetido a uma intervenção cirúrgica ao menisco. Fateixa, que não tem alinhado nos últimos jogos, vai ficar inactivo durante cerca de dois meses e meio. O avançado do Estremoz é um dos jogadores mais influentes da equipa, que esta época milita na 2.ª divisão nacional da modalidade.

Andebol

Meninas do Oeiras vencem "Supertaça"

Brilhantemente, a Associação Desportiva de Oeiras (campeã nacional) conquistou a 1.ª «Supertaça» entre equipas femininas de andebol, ao bater o Académico do Porto por 23-12, no jogo da 2.ª «mão». Recorde-se que no 1.º encontro, disputado no recinto das portuenses, o êxito igualmente pertenceu ao Oeiras, pela diferença de três golos: as moças da Linha do Estoril arrebataram (assim) muito logicamente o belo troféu.

Sob a arbitragem da dupla coimbrã formada por Políbio Pereira e Eurico Luís (trabalho fraco) alinharam e marcaram:

Oeiras: Conceição Rufino; Isabel Cruz (2), Mena (3), Paky (3, de sete metros), Fernanda (4), Guida Barriga (3, 1 de sete metros), Tina (1), Laura (2), Isabel Vieira (5), Lena e Rufina.

Académico: Paula Marisa (Nanda); Anabela (1), Maria José Pereira, Maria José Carvalho (5, 3 de sete metros), Maria José Lages, Mónica, Paula Nascimento (5), Molay, Isabel, Aldina e Maria do Céu (1).

Ao intervalo; 10-10.

Nacional: ronda 2

Terminou em desordem quase generalizada o jogo de andebol entre os velhos rivais Sporting e Benfica, disputado em Alvalade, a contar para a 2.ª jornada do campeonato nacional da divisão de honra, concluído com o «salomonista» empate. As duas formações, ainda à procura da melhor «forma», ofereceram ao público um espectáculo deprimente, a que não foi alheia uma dupla de árbitros sem qualidade para dirigir um encontro (entre grandes) da divisão de honra. A qualidade técnica foi medíocre. No aspecto disciplinar, um desastre, acabando por justificar-se a divisão de pontos já que nenhum dos emblemas merecia vencer.

Será de destacar na ronda a clara vitória do Académico em campo adversário, a resistência do Salgueiros ao FC do Porto (nas Antas) e o expressivo êxito de outra equipa agora chegada à divisão de honra (Sanjoanense) perante o credenciado grupo da Académica de S. Mamede. O maior «score» da jornada foi para o Belenenses ante o novo primodivisionário Caselas.

Resultados na Zona Norte: Sp. Espinho-Académico do Porto, 14-21; Desp. Portugal-Académica de Coimbra, 30-18; Sanjoanense-Académica de S. Mamede, 27-21 e FC do Porto-Salgueiros, 21-19. Zona Sul: Sporting-Benfica, 29-29; Caramão-Passos Manuel, 27-25; Almada-V. Setúbal, 29-29 e Belenenses-Caselas, 44-19.

Pontuações na Zona Norte: 1.ºs, FC do Porto, Sanjoanense, Académico do Porto e Desp. Portugal, 2 jogos, 6 pontos. Académica de S. Mamede, Académica de Coimbra, Salgueiros e Sp. Espinho, 2-2. Zona Sul: 1.º, Caramão, 2 jogos e 6 pontos; 2.ºs Sporting e Benfica, 2-5; 4.ºs Belenenses e Almada, 2-4; 6.ºs V. Setúbal e Passos Manuel, 2-3 e 8.º Caselas, 2-2.

No jogo de Alvalade arbitraram (muito mal) os conimbricenses António Madeira e Graciano Almeida, tendo as equipas alinhado:

Sporting: Carlos Silva (Pedro Miguel), Pires (5), Marques (11), Mário Santos (2), Luzia (5), Miranda (4), Carlos Correia, Brito, Areias (2), Rui Moreira e Franco.

Benfica: Orlando (Santa Bárbara), Vasco (3), João Gonçalves (12), José Manuel (1), Rui Ferreira (1), Luís Lopes (5), Veríssimo (4), Bernardo (3), Mário Gentil, José Almeida e Nuno Montenegro. Ao intervalo: 12-11.

Placard

Xadrez: suecos ganham por cá

Terminou (como se esperava) com a vitória dos suecos do Sk-Rokaden, a 1.ª eliminatória da Taça dos Clubes Campeões Europeus de Xadrez, que se disputa na Amadora. No «hall» do restaurante Trinum (e durante três dias) Sporting e Sk-Rokaden mediram forças frente a seis tabuleiros de xadrez. Ao Sporting, como clube visitado, coube (segundo os regulamentos) a organização das duas «mãos» desta 1.ª eliminatória. Os suecos venceram por um concludente 9-3 (4-2 na 1.ª «mão», 5-1 na 2.ª) e assim os portugueses foram afastados da competição. Na última jornada verificaram-se os seguintes resultados: Roland Ekstrom-Fernando Silva, 1-0; Michael Wiedenkeller-Rui Silva Pereira, 1-0; Bo Kyhle-Horácio Neto, 1-0; Christer Hartman-João Assunção, 1-0; Carl-Magnus Bjork-João Mário Ribeiro, 1-2, 1-2; Matssjoberg-João Sequeira, 1-2, 1-2.

Pentatlo moderno

O português Manuel Barroso classificou-se em 2.º lugar (com 1100 pontos) na prova de equitação da 1.ª jornada dos campeonatos do mundo de juniores de pentatlo moderno, que foi ganha pelo suíço Niklaus Waber com o mesmo número de pontos. A equipa soviética desistiu no último momento do campeonato. A prova de equitação, realizou-se em Coto de Caza, perto de Los Angeles (EUA).

Tiro: títulos

Os campeonatos nacionais de tiro foram disputados na carreira de tiro do Estádio Nacional. Resultados em carabina livre a 50 metros: 1.º Raul Sayanda (Soc. de Tiro do Porto) 386 pontos; 2.º José Martins (Assoc. Naval 1.º de Maio) 386; 3.º Armando Nunes Henriques (Sporting) 386. Por equipas 1.º Soc. de Tiro n.º 2, 1530; 2.º Soc. de Tiro do Porto, 1526; 3.º Sporting, 1492. Carabina de ar comprimido a 10 metros: 1.º José Martins (Assoc. Naval 1.º de Maio) 374; 2.º Manuel Brnco (C.F. Sassoeiros) 365; 3.º Alfredo Bilter (Soc. de Tiro do Porto) 364. Por equipas: 1.º Assoc. Naval 1.º de Maio, 1090; 2.º C.F. Sassoeiros, 1071; 3.º Sporting, 1028. Pistola de velocidade a 25 metros: 1.º André Antunes (S.T. n.º 2); 2.º Francisco Neto (CEFA); 3.º Jacques Pena (Sporting). Carabina livre a 50 metros: 1.º Fernando Carmo (S.T. n.º 2), 390; 2.º Paulo Loureiro (júnior) S.T. Porto, 389; 3.º Armando Nunes Henriques (Sporting) 388. Equipas: 1.º Soc. de Tiro do Porto, 1547; 2.º Soc. de Tiro n.º 2, 1510; 3.º Sporting, 1477. Pistola livre a 50 metros: 1.º Guilerme Allen (CEFA) 545; 2.º Mário Rua (CEFA) 545; 3.º Jacques Pena (Sporting) 544. Pistola ar comprimido a 10 metros: 1.º Jacques Pena (Sporting) 379; 2.º Mário Rua (CEFA) 371; 3.º Isabel Chitas (Soc. de Tiro n.º 2) 369.

Judo destaca-se

Ao classificar-se em 3.º lugar, no Open Internacional da Bélgica, realizado em Gand, o judoca Hugo Assunção (Judo Clube de Portugal), categoria de menos de 71 quilos, obteve os mínimos para os Jogos Olímpicos de Los Angeles, igualando assim, a proeza de António Roquete, que alcançou proeza semelhante no Europeu de Paris. Rui Rosa (Ginásio Clube Português), também presente, venceu dois combates e perdeu outros dois, falhando por pouco uma posição destacada.

Mais um pavilhão

Um pavilhão gimnodesportivo polivalente vai ser inaugurado, em 23 do corrente, em Pereira do Campo (concelho de Coimbra).

Vizela, um barómetro

Continua na pág. 3

numa movimentação de massas em luta.

Não há, assim, lugar a qualquer apreciação deformadora que vise reduzir os acontecimentos a simples resultante de manipulação operada por caciques. Quem vá a Vizela, tome contacto com as realidades, ausculte a população, assista às realizações colectivas em prol da municipalização almejada, não deixará de concluir: esta gente une-se como um só homem, com emoção (certamente) e com lucidez, no modo inequívoco como demonstra o seu querer.

Não é, pois, de estranhar que, uma a uma, todas as assembleias das nove freguesias que integrarão a nova unidade administrativa hajam lavrado em actas, após debate e votação democrática, a sua posição: a incondicional adesão ao projecto que globalmente as anima.

Esta verdadeira confirmação formal de um anelo comum não responde só às mais elementares (e definitivas) das exigências democráticas; aponta ao legislador a imperiosidade de dar corpo normativo ao que, de facto, já existe, nem sequer sendo possível de longas discussões de boa intenção.

Porque é que, então, Vizela não é ainda concelho?

Tortuosos, obscuros são os caminhos do poder, quando este se coloca no lado oposto ao dos interesses locais e nacionais.

Na Assembleia da República invocam-se impedimentos de monta aparente, como o da inexistência de uma Lei-Quadro de criação de municípios. Para além de ser, no mínimo, dúbia, do ponto de vista constitucional, a obrigatoriedade de um tal diploma, analisada a questão nos seus termos teóricos e face aos instrumentos legais que já hoje facilitam o estabelecimento de novos concelhos, esquecem os corifeus do fanado argumento que, há anos, foi criado o município da Amadora, sem que se suscitassem quaisquer dificuldades por parte dos diversos partidos. Chama-se à colação uma patusca girândola de disparates embrulhados em celofane oratório! o Parlamento não pode legislar sob pressão (como se o deputado íntegro fosse sujeito a pressões, ou como se, na esmagadora maioria dos casos, os deputados de direita e seus coligados não funcionassem sob pressões, mas de outro teor); as forças políticas apresentantes de projectos (no caso vertente o PCP) buscariam apenas dividendos eleitorais (assim se confundindo, rafeiramente, a justeza das soluções com o mais mesquinho dos interesses partidários, contrapondo atoardas ao honesto estudo da realidade); as acções prematuras, vocacionadas ao fracasso, responsabilizam quem as intenta (torcendo-se o fulcro do problema, dando como prematuro o que a vida amadureceu , imputando labéus na mira de evitar que os mesmos os justiciem implacavelmente).

Eis como, bolsando dispautérios, se procura encobrir a essência de uma atitude: a postura apodengada diante dos interesses pessoais de meia dúzia de gordos senhores por parte dos que foram eleitos, pelo menos em abstracto para representarem a vontade do povo. Pensam os príncipes capitalistas que Guimarães seria prejudicada e o seu poderio ameaçado pela implantação e crescimento do poder autárquico. Um estudo, levado a cabo por um gabinete idóneo, anexo à Universidade do Minho, prova que Guimarães nada tem a temer com a perda das freguesias que se transferirão para Vizela. Os dados técnicos vêm ratificar a irrefutabilidade das teses políticas. O mundo do dinheiro espoliador e das suas vorazes apetências tem, todavia, razões escuras e poderosas. E, com franca transparência tem, todavia, razões escuras e poderosas. E, com franca transparência, tudo de clarifica: os que deveriam, na Assembleia defender o povo, estão, por manifesta opção de classe, contra ele. Apareceu, primeiro, o CDS a propor uma Lei-Quadro na qual se incluiria a resolução do caso de Vizela (curiosamente, de acordo com os parâmetros de tal projecto. Vizela, nunca seria concelho); depois, com pezinhos de lã, foi a vez do PSD lançar mão de igual expediente, prometendo e não cumprindo, frustrando as populações da maneira mais brutal; finalmente, ao que se sabe, será o PS, herdeiro do negregado espólio da AD, a seguir as veredas da manobra dilatória, do iludir das expectativas, do desrespeito pelas aspirações democráticas e pelas palavras próprias.

Entretanto, tudo aconselha a expedita (e azada) constituição do município de Vizela: é incontrovertível a existência de uma conformação, histórico-geográfica que plenamente justifica; o processo seguido foi exigente, rigoroso, democrático; a necessidade de estabilidade social impõe se não façam novas injustiças a uma população flagelada pela demagogia burguesa e pelas esperanças duramente espezinhadas.

O papel do Partido Socialista é, uma vez mais, relevante. Outrora, não hesitou, por intermédio de inflamados discursos, em dar o seu apoio às pretensões dos vizelenses e em condenar os jogos de bastidor que levavam a sucessivos adiamentos do que não deve adiar-se. Como irá, no entanto, agir agora, agora que mais e mais se soarizou (no Parlamento como nos restantes sectores da sua intervenção), isto é, se entregou às doces libações do compromisso com toda a reacção, aos suaves gozos do dito pelo não dito, às orgias do funambulismo político?

Vizela, no dia 20, na Assembleia da República, é um barómetro fundamental. Quem, votando contra, se postará empedernidamente contra os interesses locais e populares? Que formais arrazoados irão verter os que fazem da política uma graçola de mau gosto? Sabê-lo-emos. O povo português, a quem esta questão vivamente importa, apreciará, na prática, o comportamento dos que elegeu. E, na hora adequada, não se eximirá a pedir contas.

*** Deputado do PCP**

A ilha dos cães

36

Desenho **Florenci Clavé**

Texto **Guy Vidal**

Continua

Tempestade na Grã-bretanha causa estragos e feridos

Ventos que chegaram a atingir os 130 km/h e chuvas torrenciais abateram-se ontem sobre a parte Sul da Grã-Bretanha, fazem do vários feridos nas estradas.

A capital britânica, as regiões costeiras, o País de Gales e a Cornualha foram assolados por ventos muito violentos tendo sido assinaladas cheias no Ocidente, em Hayle, Redruth e Helston.

O director de uma escola ficou gravemente ferido na cabeça, devido à queda de uma árvore sobre a casa em que se encontrava próximo de Cardigan (País de Gales). Noutra estrada, no Kent (a leste de Londres), ficaram feridas duas mulheres e uma criança, nas mesmas condições.

"FIANNA FAIL" propõe Irlanda desnuclearizada

O partido irlandês Fianna Fail, defendeu sábado a declaração de todo o país como zona desnuclearizada, informou a agência TASS.

breves

O deputado do Fianna Fail, Patrick Flinn, falando numa reunião efectuada no âmbito das discussões na universidade nacional sobre política externa irlandesa, preconizou que o seu país declare à Grã-Bretenha, com toda a clareza, que não permitiremos armas nucleares nem bases militares no território do Ulster».

Na mesma intervenção, criticou o que classificou de «tentativas dos círculos reaccionários» do seu país no «sentido de «desviar a Irlanda da sua política de neutralidade tradicional e de a envolver nas estruturas político-económicas da Europa Ocidental».

Bebés siamesas dão à luz

Bebés siameses nasceram no Serviço de Obstetrícia do Hospital de Pexs, no Sul da Hungria, anunciou a agência húngara MTI que não precisou o sexo dos recém-nascidos.

As suas funções essenciais são normais. Os dois siameses têm bacias comuns mas as suas colunas vertebrais são distintas.

Os especialistas do hospital desconhecem, de momento, se uma operação poderá ser efectuada para os separar.

Antigo chefe da "ABWEHR" espiou a favor dos aliados

O almirante Wilhelm Canaris, que dirigiu o Serviço de informações do Estado-Maior alemão durante a Segunda Guerra Mundial, fornecera os planos da invasão alemã da União Soviética aos britânicos, segundo o escritor Nigel West, que vai publicar dentro em breve um livro sobre a história dos serviços secretos britânicos, o MI-6.

O almirante Canaris, chefe da Abwehr até Fevereiro de 1944, data em que foi destituído, fora preso depois do atentado falhado contra Hitler perpetrado no dia 20 de Julho do mesmo ano. Torturado e enviado, depois, para um campo de concentração, foi executado em Abril de 1945.

crítica de cinema

Jorge Leitão Ramos

"Gabriela" de Bruno Barreto

Enlameada chega Gabriela a este filme; depois limpar-se-á, o filme é que não

Rodado com capitais americanos, distribuído mundialmente pela MGM, adaptando o mais popular romance do grande Jorge Amado, parecia que tudo seriam rosas para **Gabriela** de Bruno Barreto.

Acontece que não. Acontece que este filme é execrável, vulgar, assassina a sangue frio o mundo de Jorge Amado, enfim, o completo desastre.

Porque será?

Antes de tudo porque o argumento é um péssimo trabalho. Nada do que é fulcral no romance de Amado passa por lá, desde o fascínio de Gabriela, à teia política, ao retrato social.

Em segundo lugar Barreto confundiu mulher fascinante com mulher boa, julgando provavelmente que tudo se passa a nível de baixo ventre. Resultado: Sónia Braga anda metade do tempo nua, uma parte substancial do filme é ocupada com cenas de cama. Ou seja, exibe-se um corpo mas, é espantoso, o filme consegue ser menos erótico que o célebre álbum fotográfico de nus de Sónia Braga (Barreto não percebe que o erotismo não é a arte de mostrar mas de sugerir – no fundo, o essencial deve passar-se na cabeça do espectador).

Em terceiro lugar a realização é sempre pesadona, o filme não tem o mínimo ritmo, as cenas sucedem-se abruptamente. E, talvez à falta de direcção, Carlo di Palma entretém-se a fazer bonitinhos fotográficos, como se fosse publicidade de luxo o que se estava a rodar.

Actores? Desculpem, mas não há. Sónia Braga mostra o corpo e a mais não parece a terem obrigado; Marcello Mastroianni põe a chapa zero da tarimba, dá sempre para não ir nem mal nem bem; os restantes andam por lá sem poderem criar personagens e, portanto, debitando apenas o diálogos, molemente.

A única coisa boa do filme é a música. Mas para a ouvir, o melhor é comprar o disco, deixando o filme ou para os espectadores masoquistas ou para os que vão ao engano da publicidade que envolveu a vinda a Lisboa de Sónia Braga e tudo.

FICHA:
Realização: Bruno Barreto (Brasil-1982)
Argumento: Leopoldo Serran e Bruno Barreto, segundo o romance «Gabriela, cravo e canela» de Jorge Amado.
Fotografia: Carlo di Palma.
Música: António Carlos Jobim (**canções:** Gal Costa).
Interpretação: Sónio Braga **(Gabriela),** Marcello Mastroianni **(Nacib),** António Cantáfora **(Tonico),** Ricardo Petraglia **(o professor),** António Pedro **(o doutor),** etc.
Distribuição em Portugal: Rank.
Cinemas: S. Jorge 1 e 7.ª Arte.
Classificação: Para maiores de 16 anos.

"Gabriela" em disco

Se a única coisa que se salva do filme **Gabriela** é a música, aliás utilizada largamente como fundo e como modo de introduzir na película um «sabor» que as imagens e os diálogos não constroem, ouvindo o disco, agora editado em Portugal, mais nítido se torna que o talento se esbanja num filme em que escasseia em tudo o mais.

Não que se trate de uma banda musical memorial, daquelas de fazer espanto. António Carlos Jobim, compositor fundamental da música brasileira dos anos 60 e aquele que mais forte penetrou no mercado americano (lembremos que Frank Sinatra chegou a gravar um álbum com temas de Tom Jobim), não é por ter composto a música de **Gabriela** que acrescenta relevantes peças ao seu prestígio. Acontece, porém, que esta música tem em si alguns dos vectores da «Gabriela» de Jorge Amado, ou seja, há nela a compreensão do romance que o resto do filme ignora: e é a única coisa que nos faz garantir que o filme é brasileiro.

Um pouco incómodo é o tratamento «a grande orquestra que temas muito caracteristicamente brasileiros sofrem tratamento de Óscar Castro Neves que assina os arranjos e a regência. Mais uma vez a americanização, a perversão do mercado internacional à custa de uma normalização de linguagens.

Apesar disso, o tema de amor do filme, um dueto cantado por Tom Jobim e Gal Costa, é uma composição belíssima, o melhor de Gabriela.

Mais correntes, dentro daquela competência que não puxa de mais o talento, são os temas «Pulando Carniza» (onde há, porém, um piano solto que vivifica o tom), «Ataque dos Jagunços» e «Ilhéus», instrumentais correctos.

«Casório» (com Tom Jobim e Gal Costa), parte de um pequeno tema romântico (Tom Jobim, piano e percussão) para se espraiar no tema de amor, tema de amor que, em rearranjo lento dá «Pensando na Vida». Aliás, o tema de amor invade todo o filme sendo a base de quase tudo o que lá acontece.

Menos toldados pela internacionalização são «Origens» (na voz de Gal) e «Caminho da Mata» (Tom Jobim e novas palavras para a música íntima de «Casório»).

Em resumo, estamos em presença de uma trilha sonora (como dizem os brasileiros) assaz agradável de ouvir e que os fanáticos de Gal não deixarão de acarinhar.

Quase que se podia dizer que o dueto de Tom Jobim com Gal Costa vai saír deste disco cinéfilo para se constituir em melodia a trautear. O resto é a força da música brasileira

FICHA: «Trilha Sonora Original do Filme **Gabriela**», RCA 1030585, ed. portuguesa Polygram (1983).

J. L. R.

Gilberto Freyre em Lisboa

Gilberto Freyre é esperado amanhã em Lisboa, acompanhado de sua esposa, demorando-se em Portugal até ao dia 29 de Outubro. O grande escritor, tão ligado a Portugal e aos portugueses, vai ser homenageado pelas Academias das Ciências de Lisboa e Portuguesa de História, no próximo dia 20 do corrente, numa sessão solene que se realizará no Salão Nobre da Primeira daquelas instituições.

Por iniciativa da Fundação Gulbenkian, com o patrocínio dos Serviços Culturais da Embaixada do Brasil em Lisboa, vai realizar-se naquela Fundação um importante ciclo de conferências sobre a personalidade e a obra do grande escritor e sociólogo brasileiro.

O ciclo de conferências tem o seguinte programa: dia 2 de Novembro, pelo escritor Luís Forjaz Trigueiros, que falará sobre «Casa Grande E Senzala, a obra e o método de Gilberto Freyre»; dia 16, David Mourão Ferreira, poeta e escritor, actual director do Serviço de Bibliotecas Itinerantes da Fundação Gulbenkian, que abordará o tem «A Casa Grande e Senzala, como obra literária»; dia 30, o prof. Fernando de Mello Moser, falará sobre «Casa Grande e Senzala, como estudo histórico-cultural» e, finalmente, no dia 4 de Dezembro, o prof. Fernando Alves Cristóvão, director do Instituto de Cultura Brasileira, da Faculdade de Letras de Lisboa, que versará o tema «A Linguagem em Casa Grande e Senzala». Todas as conferências se realizam às 18 e 30 no Auditório 3 da Fundação Gulbenkian.

Fundação Calouste Gulbenkian

FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN
SERVIÇO DE MÚSICA
IV JORNADAS DE MÚSICA ANTIGA

Igreja do Loreto — **Hoje às 21.30 h**

Matinas de Natal
Responsórios e vilhancicos do Século XVII

SEGRÉIS DE LISBOA
CORO GULBENKIAN
MANUEL MORAIS, direcção

Obras de LOPES MORAGOL/D. PEDRO DA ESPERANÇA/ D. PEDRO DE CRISTO.
GASPAR FERNANDES/FILIPE DA MADRE DE DEUS/MARQUES LÉSBIO.

Grande Auditório — **Amanhã às 18.30 h**

Madrigais de uma a cinco vozes e chitarrone
CHIAROSCURO
NIGEL ROGERS, direcção

Obras de CLÁUDIO MONTE[illegible]/SEGISMONDO D'INDIA/ ALESSANDRO PICCI[illegible] WALTER PORTER

Ney Matogrosso no Coliseu

Os próximos dias 20, 21 e 22 de Outubro serão dias de festa para os apreciadores da música popular brasileira. A festa de Ney Matogrosso, que se desloca de novo ao nosso país, agora para, pela primeira vez, apresentar ao vivo no Coliseu, durante três noites consecutivas, o seu espectáculo unanimemente considerado pela crítica brasileira como um dos mais esplendorosos, vibrantes e exóticos «shows» dos cantores brasileiros dos ultimos anos.

Nascido no estado brasileiro de Mato Grosso, no 1.º dia de Agosto de 1941, Ney passou a sua infância nas zonas interiores do Brasil, bem longe das metrópoles cosmopolitas do Litoral, como o Rio ou S. Paulo. Foi esse envolvimento campestre, protegido do clima pesado das grandes cidades, que desde muito cedo criou em Ney uma profunda paixão pelos espaços abertos e pela liberdade, e um certo sentimento do individualismo que desde cedo o predestinou a não ser apenas «mais uma cara perdida na multidão».

Aos 19 anos, antes ainda de se fixar no Rio de Janeiro, onde cantou pela 1.ª vez, Ney Matogrosso viveu durante alguns anos em Brasilia, trabalhando num hospital. Mais tarde optaria por S. Paulo, onde começaria a cantar na Universidade, e teve a sua 1.ª experiência como actor, em grupos de teatro infantil.

Depois destas multiplas experiências, todas elas substancialmente proveitosas para a sua carreira futura, Ney juntou-se a Gerson Conrad e a João Ricardo; desta colaboração nasceram os Secos & Molhados, talvez a maior revelação da música popular brasileira do início dos anos 70, acabando a figura carismática de Ney por se impor como 'líder' natural do grupo.

Apesar da enorme popularidade atingida pelos Secos & Molhados (o seu 1.º LP vendeu o bonito número de 800.000 cópias) o grupo acabaria por ter uma existência efémera, e com a sua separação Ney Matogrosso daria início a uma carreira a solo que vai no seu 8.º album (com vários discos de ouro e de platina pelo caminho), e inumeros espectáculos por todo o Brasil.

Hoje Ney Matogrosso é, indiscutivelmente, o «show man» n.º 1 do Brasil, estimando-se que, só durante os últimos dois anos, assistiram aos seus espectáculos mais de 2 milhões de pessoas. Não serão 2 milhões, mas serão por certo muitos milhares, as que se deslocarão até ao Coliseu dos Recreios de Lisboa para assistirem aos espectáculos de Ney, nesta sua segunda deslocação à Europa, depois de uma experiência coroada por um êxito sem precedentes no consagrado Festival de Jazz de Montreux no início deste ano.

canal da crítica

MÁRIO CASTRIM

Grelhados novos ou velhos?

Acabou ontem a grelha antiga. A programação, a partir de hoje, vai conhecer nova grelha. Oxalá não continuemos todos grelhados. Ámen.

PS – sem grande esperança...

Inocência ou sabedoria?

Ao fim da manhã, a locutora lê a programação para o resto do dia. Diz-nos, querendo dizer **girabola** que ao serão teríamos o **girabóia.** Na suprema inocência, dissera-se uma grande verdade. Que a bóia gire, a fim de que outros mais se agarrem a ela.

Afinal, o que é que continua?

O domingo passou, todo ele, numa espécie de recuperação da matéria. Tarde toda ela transformada numa feira de ninharias.

O que nos vale é que domingo próximo já lá teremos o Isidro a dizer que «a festa continua».

Parece uma palavra de ordem. Oxalá não venha a transformar-se numa ameaça.

Se as palavras se comessem...

O Telejornal abre com a Teresa Cruz a recordar que se festejava o dia internacional da alimentação. Quando se festejará, da alimentação, o dia nacional?

A propósito, dizia-se que, sem a alimentação, não se gozava do direito fundamental: o direito à vida.

Donde, o direito humano essencial é comer para viver. Gozarão desse direito milhões e milhões de pessoas na Europa Ocidental? Claro que não. Por que diabo, então, enchem a boca com a pregação dos direitos humanos? Como podem dizer-se defensores dos direitos humanos quando não reconhecem o «direito fundamental»?

Se as palavras se comessem, todo o mundo estava farto...

Quem assume a responsabilidade?

A propósito, adiantam-se números assutadores. Desta grandeza: em cada ano, morrem de fome 40 mil crianças; 700 milhões de pessoas (um terço da humanidade) passam fome. Onde é que acontece isso? Na África, na Ásia, na América Latina. Curiosamente, regiões desde sempre dominadas pelos países do Ocidente...

Isto é que não se diz. A fome é crime? É. Mas resta saber de quem. De quem a sofre ou de quem a provoca? Respondam lá, sempre quero ouvir.

«Come-se» carne a mais?

O presidente da FAO, no nosso país, afirma que em Portugal se consome carne excessivamente. De uma coisa há-de lembrar-se: ao preço a que a carne está, o consumo excessivo de carne não pode imputar-se à maioria dos portugueses.

Quer dizer que há quem coma por três ou por quatro. Alimentarmente é mau, socialmente é péssimo. Por isso, é que as estatísticas me horrorizam.

Larguem o homem, caramba!

Mário Soares está e Atenas, onde onsta que se foi encontrar com Hermes, a fim de receber umas lições suplementares.

Rui Romano, enviado especial da RTP, logo aproveitou para uma entrevisha no **Telejornal.** Livra, que nem em Atenas deixam o homem sossegado!

A função dos Governos...

«Os governos socialistas – declarou Mário Soares – fizeram-se para distribuir riqueza, favocecer os trabalhadores».

Em Atenas diz uma coisa, em Portugal faz outra. Deve ser um caso de dupla personalidade. Ou mesmo tripva, como no totobola.

Como era, doutor?

O dr. Gentil Martins disse que em Portugal é reconhecido ao doente o direito de escolher o seu médico. Esqueceu-se foi de dizer se também lhe são reconhecidos os meios.

Um exemplozinho. Vamos supor que um doente da Musgueira Norte recorria ao seu direito de ser operado no Hospital Particular por um cirurgião que me dizem excelente chamado Gentil Martins...

Ó doutor, como era?...

O voto

No fim do Telejornal, Teresa Cruz deseja aos portuguesa uma boa semana de trabalho.

Aos portugueses que tiverem trabalho, evidentemente...

As lágrimas de crocodilo

No dia em que se cumpria um ano desde a sua morte, a RTP prestou homenagem a Adriano Correia de Oliveira.

Hipocrisia, sim, mas não tanta.

O programa era uma produção privada, para a qual a RTP não metera prego nem estopa.

O documentário era de muito má qualidade, quer quanto às imagens, quer quanto ao som.

De Adriano Correia de Oliveira, apenas tinhamos a voz. Ou seja: nem antes, nem depois do 25 de Abril, se procurou fazer na televisão um programa a sério com o artista. A RTP chora lágrimas de crocodilo. Para ela – e hoje mais fortemente do que nunca – «comunista bom, é o comunista morto».

Mesmo nesta homenagem, a situação era ambígua. Ela prestava-se ao Adriano ou ao Manuel Alegre? E se a flor amada de Adriano Correia de Oliveira era o cravo, por que é que o centro da festa era ocupada por uma rosa?

Tu é que fazes bem, Adriano, não lhes ligas...

Hoje

A RTP-1 apresenta, esta noite, uma emissão especial, em simultâneo com a RTP-2, em que poderemos ver e ouvir, entre outros, Maria Silva Carvalho e Paulo de Carvalho (na foto)

Ciclo Preparatório TV:
13.35 Francês – 1.º ano.
13.50 Matemática – 2.º ano.
14.20 Português – 1.º ano.
14.55 Ciências Naturais – 2.º ano.
15.10 Estudos Sociais – 1.º ano.
15.40 Educação Musical – 2.º ano.
16.10 Ciências Naturais – 1.º ano.
16.25 Português – 2.º ano.
16.55 Educação Visual – 1.º ano.
17.15 História de Portugal – 2.º ano.
19.00 Emissão Especial em Simultâneo com a RTP-2 – apresentação da nova programação.

19.00 Emissão Especial – apresentação da nova grelha de programas.

Amanhã

12.00: Meio-Dia; **13.00**: Jornal da Tarde; das **13.35** às **17.15**: Ciclo Preparatório TV; **17.52**: Sumário; **18.00**: Janela Mágica; **19.00**: Teleregiões; **19.25**: Madeira, da Lenda à Realidade; **20.00**: Telejornal; **20.30**: «Pai Herói»; **21.15**: 1.ª Página; **22.15**: «Contos do Imprevisto»; **22.40**: Últimas Notícias.

19.30: Desenhos Animados; **20.00**: Telejornal; **20.30**: Um Toque de Música – recital de piano; **21.00**: Pare, Escute e Olhe – Alcântara; **22.30**: Telenovela «Gabriela» (1.º episódio); **23.00**: Último Jornal.

PATENTE

Vende-se ou concede-se licença de exploração para Portugal da patente de Invenção N.º 54 510 — para «ELO DE PONTES PARA CORRENTES ANTIDESLIZANTES PARA PNEUMÁTICOS».
Trata; CLARKE MODET & C.ª LD.ª
Patentes e Marcas
Rua Castilho, 201 — Esq.
1000 — LISBOA

TRIBUNAL DE 1.ª INSTÂNCIA DAS CONTRIBUIÇÕES E IMPOSTOS DE LISBOA — 1.º JUIZO

ARREMATAÇÃO

1.ª PRAÇA

Faz-se público que pelo 1.º Juízo do Tribunal de 1.ª Instância das Contribuições e Impostos de Lisboa, no dia 29 de Outubro de 1983, pelas 16.30 horas, neste Tribunal — Rua Braamcamp-5-4.º vão à praça os móveis abaixo descritos, penhorados a Rocha D'Ouro-Actividades Hoteleiras Ld.ª com sede na Av.ª João Crisóstomo - 47 - C em Lisboa, no proc.º executivo n.º, 1856/80, instaurado por dívida à Caixa de Previdência e Abono de Família do Comércio do Distrito de Lisboa.

BENS PENHORADOS

Verba n.º 1 - Um balcão frigorífico da marca Cofril com oito metros de comprimento e onze portas, em bom estado de conservação a que foi atribuído o valor de 70 000$00.

Verba n.º 2 - O direito ao arrendamento e trespasse do estabelecimento sito na Av.ª João Crisóstomo 47-C a que foi atribuído o valor de 2 000 000$00.

São citados quaisquer credores incertos e desconhecidos da executada bem como os sucessores dos credores preferentes.

Lisboa, 14 de Outubro de 1983

O JUIZ DE DIREITO
(Manuel Luís Macaísta Malheiros)

O LIQUIDADOR TRIBUTÁRIO
(Carlos Manuel Almeida Alveios)

2.ª Publicação

CONCELHO DE ALMADA

REPÚDIO E ALERTA CONTRA INIMÊNCIA DE MASSACRE NA TURQUIA

Reunida em 2 de Junho de 1983, a Câmara Municipal de Almada, tomou conhecimento do processo movido contra 759 cidadãos da cidade de FATSA na Turquia (incluindo o presidente da câmara) para 263 dos quais foi já pedida a pena de morte.

A Câmara Municipal de Almada, consciente como sempre se tem mostrado, de que todos os povos devem estar unidos na defesa da Paz e da Liberdade contra prepotências e arbítrios que ameacem o direito à vida e ao trabalho em condições de dignidade e de progresso, deliberou:

— Manifestar surpresa e inquietação por esse processo de perseguição política,

— Repudiar esse atentado à Liberdade e solidarizar-se com todos aqueles que procuram na participação activa a solução dos problemas que afligem as comunidades e são, por esse motivo, alvo de perseguições e de condenações iníquas.

No prosseguimento desta tomada de posição e correspondendo a uma necessidade pressentida a nível da população, resolveu a autarquia promover uma sessão de esclarecimento no salão nobre dos Paços do Concelho, no próximo dia 19, com início às 21 horas e 30, na qual participará uma delegação da Comissão Europeia para a Defesa dos Refugiados e Emigrados, constituída por dois cidadãos franceses, um belga e um refugiado turco.

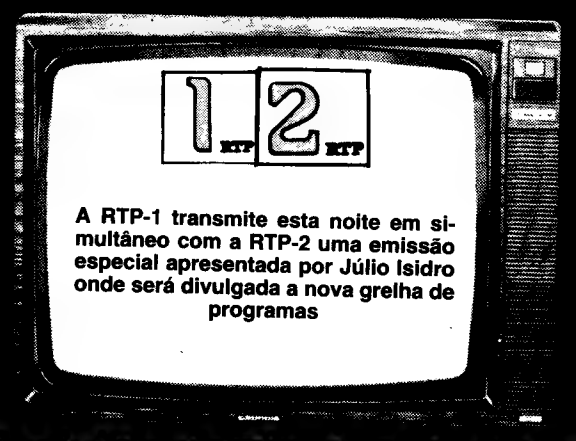
Para esta sessão estão convidadas todas as forças políticas com assento na Assembleia da República, todas as autarquias do distrito de Setúbal aos mais altos níveis, as estruturas sindicais, e a população do Concelho.

O Gabinete de Imprensa da
Câmara Municipal de Almada

GRUNDIG
a segurança de um grande nome seleccionou para si...

Apresentação da Nova Grelha de Programas (19.00)

Emissão Especial (19.00)



Assistência Técnica Grundig
NACIONAL RÁDIO
Rua Bento Jesus Caraça, 17 - Cruz Quebrada - Telef. 2112871

roteiro cultural

Música

Matinas de Natal (responsórios e vilhancicos do século XVII) são hoje interpretados, às 18.30, na Igreja do Loreto, pelos Segréeis de Lisboa e Coro Gulbenkian, sob direcção de Manuel Morais. Ouvir-se-ão obras de Lopes Morago, D. Pedro da Esperança, D. Pedro de Cristo, Gaspar Fernandes, António da Madre de Deus, Marques Lésbio e anónimos.

Chiaroscuro, conjunto de cantores com importantes carreiras de solistas que decidiram juntar os seus esforços no sentido de formar um conjunto de primeira categoria, capaz de interpretar música coral polifónica com a mesma qualidade que procuram atingir enquanto solistas, realiza hoje um concerto em Óbidos, na Igreja Matriz de Santa Maria, às 21.30. Serão interpretados madrigais italianos e ingleses à volta de 1600, da autoria de Luca Marenzio, Sigismondo d'Índia, Luzzasco Luzzaschi, Alessandro Piccinini, Walter Porter, John Wibye, Girolamo Kapsberger e Claudio Monterverdi. O conjunto Chiaroscuro é formado por Elizabeth Priday (soprano), Catherine Denley (contralto), Nigel Rogers (tenor e direcção), John Potter (tenor) e David Thomas (baixo).

Conferências

Um colóquio sobre os Descobrimentos Portugueses terá amanhã lugar, às 18.30 horas, na Escola Náutica Infante Dom Henrique em Paço de Arcos, promovido pelo Centro Cultural dos Oficiais e Engenheiros Maquinistas da Marinha Mercante.

Na Sociedade de Língua Portuguesa, Rua de S. José, 41-2.º (cruz R. das Pretas), com entrada livre, o professor da Escola Secundária de Alcobaça, José António Madruga Carvalho fará uma conferência sobre «O Livro de Horas de D. Manuel» nas «3.as-feiras da SLP».

Madruga Carvalho, que ilustrará o seu trabalho com diapositivos, desenvolverá o seguinte sumário: O que é um livro de Horas — sua construção e modelo; livros de Horas de portugueses; e apresentação das principais páginas de **O Livro de Horas de D. Manuel** e esquemas.

A conferência realiza-se amanhã, às 18.30, com entrada livre.

Exposições

O artista angolano Eleutério Sanches apresenatará no «Espace Alliance» (Rua Braancamp 13, 1.º) as últimas produções do seu ciclo de pintura «Aplauso para a matéria 2». Amanhã, pelas 18.30, realiza-se a «vernissage», durante a qual Eleutério Sanches, acompanhado à guitarra por Carlos Sanches, Chico e Kaipas, interpretará as «Chansons Planétaires», extraídas do seu livro de poemas inéditos «Cosmodrame». A exposição estará aberta até 8 de Novembro, nos dias úteis, das 10 às 20 horas.

José Manuel Gema expõe «fait-divers» na Associação Portuguesa de Arte Fotográfica

Na Cooperativa Árvore do Porto, está patente uma exposição de artes plásticas de artistas da República Popular de Moçambique que inclui escultura, pintura e desenho. Estão representados os pintores Agostinho Mutemba, Bertina Lopes, Chichorro, Machiana, Malangatana, Mankeu, Naguid, Neto, Samate, Sansão Cossa e Shikani e na escultura as presenças de Afonso Pundana, Chissano, Jerónimo Dinhuasua, Makano, Mundau, Colino, Nkabala, Rafael Nkatinga, Tobias Mancha, Tukaula e diversos anónimos.

Entretanto nas salas 2 e 3 da Árvore continua patente a mostra de José João Brito, denominada Retratos Intimistas, com guachos, serigrafias e esculturas. José Rodrigues, Almada Negreiros, Fernando Pessoa, Júlio Resende, Garcia Lorca, Brancusi e António Pedro são algumas das personagens que João Brito retrata de um modo muito especial.

José Manuel Gama, sob o título «fait-divers» expõe até 28 de Outubro na Associação Portuguesa de Arte Fotográfica (às terças e sextas das 19 às 23 horas). Na linha do fotojornalismo, trata-se do dramático quotidiano numa cidade plurifacetada e macrocéfala como é Lisboa.

Ruth Tavela de Sousa expõe aguarelas e desenhos no Palácio de Turismo, em Sintra: 42 trabalhos cujo tema são flores, gatos e retratos, e que podem ser vistos, até 23 de Outubro, das 9.30 às 12 e das 14 às 18 horas nos dias úteis, e das 14 às 18 horas aos sábados e domingos.

ENSINE O SEU FILHO

Se o seu Filho for para a Escola ou regressar, já de noite, vista-lhe roupas claras e se possível com placas reflectoras

PRP

PREVENÇÃO RODOVIÁRIA PORTUGUESA

rádio

Antena Um

16.00: Batida de limão; **17.00**: ZGHIBZ; **18.30**: Informativo de trânsito; **19.00**: Informação e música; **20.00**: Folhetim – o espaço é seu; **21.00**: Toda a gente é pessoa; **21.30**: Viva a noite; **23.30**: Último jornal. Noticiários intercalares às **16.00**, **17.00**, **18.00**, **21.00** e **22.00** horas.

Programa 2

15.50: Suites; **17.00**: Rosa Rosal; **17.30**: Solos de órgão; **18.05**: Culturando; **19.30**: Terra viva, planeta azul; **20.10**: Sinfonia n.º 2, em ré maior, op. 73, de Brahms; **21.00**: O canto e os seus intérpretes; **22.00**: Os caminhos do homem; **23.00**: Intercâmbio musical; **01.00**: Fecho. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO COMERCIAL

14.00: Matinée; **17.00**: Rápido das cinco; **19.00**: Conta corrente; **20.30**: Quando o telefone toca (3 edições); **22.00**: Portugal e a CEE; **22.15**: Programas religiosos; **22.30**: 24.ª hora; **01.00**: O passageiro da noite. Noticiários de hora a hora

RC-FM-Estéreo (97,4 MHz)

15.00: O vapor; **16.00**: O som da frente; **18.00**: Círculo em FM; **19.00**: Em órbita; **20.00**: Cinco estrelas; **21.00**: Jazzofone; **22.00**: Café concerto; **00.00**: Dois pontos. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO RENASCENÇA

15.00: Clube da casa; **18.00**: Jornal das regiões; **18.30**: Transmissão do terço; **19.00**: Programa da LAR; **19.50**: Bola branca (2.ª edição); **20.00**: Horizonte; **21.00**: Hora de música; **22.00**: Ouvir e pensar; **23.00**: Última hora; **23.55**: Meditando. Noticiários intercalares a todas as horas.

Rede Sul de FM

14.00: Duas vezes seis; **21.00**: Quando o telefone toca; **21.30**: Paju.

CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS
Banco Fundado em 1864

BANCO CENTENÁRIO UM BANCO MODERNO

COTAÇÕES DE NOTAS

	(Por unidade) COMPRA	VENDA
ÁFRICA DO SUL (rand)	96$15	102$15
ALEMANHA FED (marco)	46$90	48$00
ÁUSTRIA (xelim)	6$60	6$80
BÉLGICA (franco)	2$138	2$338
BRASIL (cruzeiro)	$050	$130
CANADÁ (dólar – notas de 1 a 2)	99$85	101$85
(notas de 5 a 1000)	100$35	102$35
DINAMARCA (coroa)	12$95	13$35
ESPANHA (peseta)	$771	$891
EUA (dólar – notas de 1 a 2)	123$25	125$25
(notas de 5 a 1000)	123$75	125$75
FINLÂNDIA (marka)	21$70	22$30
FRANÇA (franco)	15$35	16$05
HOLANDA (florim)	41$85	42$85
INGLATERRA (libra)	184$65	188$65
IRLANDA (libra)	146$30	150$30
ITÁLIA (lira)	$070	$080
JAPÃO (iene)	$499	$534
NORUEGA (coroa)	16$75	17$25
SUÉCIA (coroa)	15$70	16$30
SUÍÇA (franco)	57$85	58$95
VENEZUELA (bolívar)	7$35	8$35

Observações:

1. – No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.
2. – Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 5 por mil

Em OLHÃO o

Diário de Lisboa

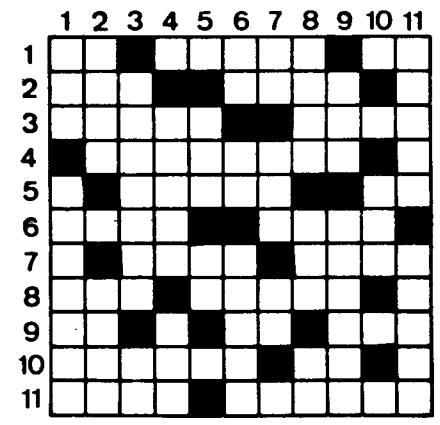
vende-se na

PAPELARIA FARRACHA

Tiragem média diária do mês anterior: 42.150 exs.

palavras cruzadas

COM PROVÉRBIO PROBLEMA N.º 13 861



HORIZONTAIS:

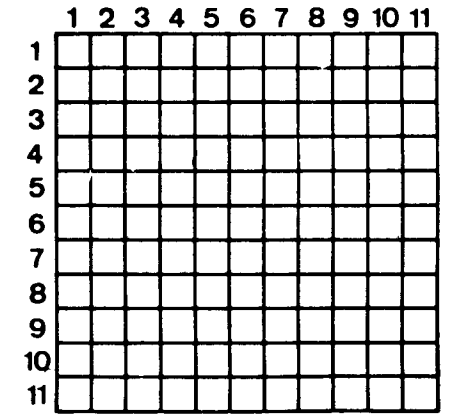
1 Em o. Qualquer líquido alcoólico obtido por fermentação. Prasiodímio (s.q.).
2 Donzela de Orleães. Ilha do Pequeno Belt.
3 Nome de vários rios da Alemanha. Tempo do verbo estar.
4 Olvidaria.
5 Poisa no mar (o avião). Autores.
6 Espécie de gato-bravo. Fechar as asas para descer mais depressa.
7 Rã (pop.). Ser.
8 Ofereces. Magnetiza.
9 Antes do meio-dia. O mesmo que uma (ant. e pop.). Bigorna de aço sem hastes.
10 Favorecera. Vareja.
11 Estavas. Velhacos.

VERTICAIS:

1 Em as. Realidade.
2 Cidade da Argélia. Paixão.
3 Municípios. Basta!
4 Aperfeiçoar. Conjunção.
5 Letra grega. Zomba.
6 Sódio (s.q.). Irídio (s.q.). Causas amuo a.
7 Existe. Freguesia do concelho de Penafiel. Autores.
8 Rezi. Unidade monetária do Japão. Serviço Nacional (abrev.).
9 Sufixo que designa abundância. Cobres de nata.
10 Artigo.
11 Saíra frequentemente à rua. Pronome demonstrativo.

Resolveu completamente este problema? Procure agora, em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º 9713



HORIZONTAIS:

1 Enchentas.
2 Limparam com areia. Sentidas Condolências.
3 Mau. 2.º rei de Portugal.
4 Recusa. Autores.
5 Erguesses. Quantun satis.
6 Compreender a linguagem escrita. Sua Majestade. Artéria.
7 Tempo do verbo haver. Filtra. Transpire.
8 Cofre. Liguem.
9 Acto de morrer. Rio de Portugal.
10 Encostas. Cidade da Jugoslávia.
11 Césio (s.q.). Preposição e artigo. Urde.

VERTICAIS:

1 Livro para aprender a ler. Duzentos em romano.
2 Sapo do Amazonas. Comermos à ceia.
3 Governar. Uma das Espórades.
4 Ramadas. Missiva.
5 Érbio (s.q.). Qualquer parte do esqueleto dos vertebrados. Tanto.
6 Fluido aeriforme. Metas em mala.
7 Estimais.
8 Preposição.
9 Engodo. Cogita.
10 Vício. Víscera dupla.
11 Apelido. Prédio.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 13 860

HORIZONTAIS:

1 O. QUE. Ais. É.
2 Véus. Abraço.
3 Olear. Oásis.
4 Erros..
5 Cismar. Avá.
6 Deã. Orearas.
7 ED. Cacei.
8 Miúda. Erada.
9 Aas. Ri. Sôr.
10 Isolados. Má.
11 Samarrões.

VERTICAIS:

1 Óvoa. DEMAIS.
2 El. Cedias.
3 Queria. Usos.
4 Usa. La.
5 Remoçaram.
6 Rara. Ida.
7 ABORRECE. Or.
8 Irão. Aer. Sr.
9 Sassarias.
10 Cl. VA. Dome.
11 Eos. Assaras.

PROVÉRBIO: O que é de mais aborrece.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 9712

HORIZONTAIS:

1 Andaluzia.
2 Toiro. Ca.
3 Má. Traços.
4 Atacaremos.
5 Nema. Aliais.
6 Anhos.
7 Arruaça. Or.
8 Ira. Teor.
9 Ma. Variar.
10 Im. Ou. Broas.
11 És. Sois.

VERTICAIS:

1 Atlanta. Mil.
2 No. Te. ruam.
3 Dinamar.
4 Aracá. Uivos
5 Lo. Aarau.
6 Trancar.
7 Zarelha. Ibo.
8 Âmio. Tari.
9 Coas. Eros.
10 Cosi. Oó.
11 Cás. Sorriso.

cartaz de cinemas e teatros

ALVALADE 897480

Av. de Roma

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
– N. ac. men. 13 a
O CLÃ DOS GRANDES LUTADORES

AVIS 547163

Av. Duque de Ávila, 45

Às 15.30, 18.30 e 21.30 h
– Int. men. 18 anos –
AS INSACIÁVEIS

BERNA 776098

Av. Marquês de Tomar

Às 14, 16.30, 19 e 21.30 h
– N. acons. men. 13 anos –
OS AVENTUREIROS DO FIM DO MUNDO
4.ª semana

CALEIDOSCÓPIO 795093

Campo Grande

Às 14, 16.30, 19 e 21.30 h
– Int. men. 13 anos –
OS SALTEADORES DA ARCA PERDIDA
13.ª semana

CASTIL 530194

Rua Castilho

Às 15.30, 18.30 e 21.30
– M. 12 a.
DUAS HORAS MENOS UM QUARTO ANTES DE CRISTO
3.ª Semana

CINE 222 579460

Av. Pr. da Vitória, 37 (ao Saldanha)

Às 14, 16.30, 19 e 21.30 h
– Maiores de 16 anos –
A LUZ DA PAIXÃO
Às 24
AUTO-STOP ALUCINANTE

CINE BLOCO 556824

Às 14.30, 16.45, 19 e 21.30
– N. ac. men. 13 a.
DIFAMAÇÃO
Às 24
O GRANDE DESAFIO

CINE CAMÕES 324194

Rua do Loreto, 15

Às 14, 16.30 e 21.30
– N. ac. men. 13 a.
UMA VIDA NA ESCURIDÃO

CONDES 322523

Av. da Liberdade, 2

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
– Para Todos
O REGRESSO DE JEDI

2000 2100055

Av. Bomb. Voluntários, lts. 113/4

Às 14.15, 16.30, 18.30 e 21.30
AEROPLANO II

EDEN 320768

P. Restauradores, 21

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
– Int. men. 18 a.
MANÍACO

ESTÚDIO 555134

Alam. Afonso Henriques, 35

Às 15.30, 18.30 e 21.30
– Não acons. men. 13 anos –
OS DEUSES DEVEM ESTAR LOUCOS
63.ª semana

ESTÚDIO 444 779095

Av. Defensores de Chaves, 83-B

Às 15.30, 18.30 e 21.30
– Int. men. 16 a.
INICIAÇÃO CARNAL

HOLLYWOOD Tel. 802859

Centro Comercial Alvalade

SALA 1

Às 16.30, 19, 21.30 e 24
– M. 12 a.
O VERÃO ASSASSINO

SALA 2

Às 14.15, 16.30, 19, 21.30 e 23.45 h
– Não acons. men. 13 anos –
POR FAVOR NÃO ME MORDA O PESCOÇO

IMPÉRIO 555134/5

Al. Afonso Henriques, 35

Às 15.15, 18.30 e 21.30
– Para Todos
O REGRESSO DE JEDI

LONDRES 801313

Av. de Roma, 7-A

Às 14, 16 30, 19 e 21.30
– M. 12 a.
BEIJA-ME... E ADEUS

MONTECARLO 681117

Av. Pedro Álvares Cabral, 37

Às 14 15, 16.30, 18.15 e 21.30
– N. ac. men. 13 a.
PETRÓLEO EM CHAMAS

MONUMENTAL 555131

P. Duque de Saldanha

Às 15.15, 18.15 e 21 30
– Int. men. 13 a
ALVORADA ZULU

ÁVILA 539930

Av. Duque d'Ávila, 92-A

Às 14.30, 17, 19 10, 21.30 e 23 45
– M. 18 a.
10, UMA MULHER DE SONHO

NIMAS 574362

Av. 5 de Outubro, 42-B

Às 14, 16.30, 19 e 21.30 h
– Não acons. men. 18 anos –
OFICIAL E CAVALHEIRO
Com Richard Gere e Desra Winger
Um filme de Taylor Hackford

ODEON 328283/4

R. Condes, 12 a 20

Às 15.15, 18.15 e 21.30 h
– Maiores 18 anos –
AS DEPORTADAS NO CAMPO NAZI

POLITEAMA 326716

R. Portas S. Antão, 109

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
– M. 12 a.
ESQUADRILHA HERÓICA

PATHE 821933

R. Francisco Sanches, 122

Às 14, 16.30 e 21.30 h
– Para Todos –
ONDE SE METEU A 7.ª COMPANHIA?

UMA CENA DO FILME «AS IRMÃS» REALIZADO POR MARGARETHE VON TROTTA, EM EXIBIÇÃO NO QUARTETO

QUARTETO 771378

R. Flores de Lima, 16

SALA 1
Às 14.30, 16.45, 19 e 21.15
– N. ac. men. 13 a
LOLA MONTES
Às 23.30
BANANAS

SALA 2
Às 14.30, 16.45, 19 e 21.15
– Para Todos –
SERENATA À CHUVA
Às 23.30
O REGRESSO DO MAL

SALA 3
Às 14.30, 16.45, 19 e 21.15
– Maiores 13 anos –
LADRÕES DO TEMPO
Às 23.30
UM DIA DE CÃO

SALA 4
Às 14, 16, 18, 20 e 22
– Não acons. men. 13 anos –
AS IRMÃS
Às 23.45
A MÁSCARA

ROMA 887778

Av. de Roma, 14 M-N

Às 15.30, 18.30 e 21.30
– N. ac. men. 18 a.
OPERAÇÃO ZEBRA FORCE

ROXY 548560

Av. Almirante Reis, 20

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
– N. ac. men. 18 a.
OPERAÇÃO ZEBRA FORCE

SÃO JORGE 579144-579344

Av. da Liberdade, 175

SALA 1

Às 15 15, 18 30 e 21.30 h
– Maiores 16 anos –
GABRIELA
Com Sónia Braga
2.ª Semana

SALA 2

Às 14.15, 16.45, 19 15 e 21.45 h
– Maiores 12 anos –
HEAT AND DUST
(Verão Indiano)
Com Julie Cristie
11.ª Semana

SALA 3

Às 14.30, 18 15 e 21.15 h
– Maiores 12 anos –
SOPHIE'S CHOICE
8.ª Semana

SATÉLITE 562632

Av. Fontes Pereira de Melo, 61

Às 14, 16.30, 19 e 21.30 h
– Int. men. 13 anos –
QUATRO AMIGOS
6.ª semana

7.ª ARTE 730715

Av. República, à Est. de Entre Campos. Junto ao n.º 68

Às 14.30, 17, 19.10, 21.30 e 23.45 h
– Maiores 16 anos –
GABRIELA
Com Sónia Braga

STAR 804210

Av. Guerra Junqueiro, 14-C

Às 14.30, 16.45, 19 e 21.30
– M. 12 a
UM DIFÍCIL ADEUS

TERMINAL 371573

Estação do Rossio

Às 11, 13.15, 15.30, 17.45, 21.30 e 23.30 h– Para Todos –
SUPERMAN III
Com Christopher Reeve e Richard Prym

TIVOLI 570595

Av. da Liberdade, 188

Às 14, 16.30, 19 e 21.30 h
– Não acons. men. 18 anos –
OFICIAL E CAVALHEIRO
Umfilme de Taylor Hackford
3.ª semana

VOX 880808

Av. Fr. Miguel Contreiras, Lote 879

Às 15, 18.15 e 21.30
– Maiores 12 anos –
DUAS HORAS MENOS UM QUARTO ANTES DE CRISTO
2.ª semana

XENON 368480

Av. da Liberdade, 9

Às 14.15, 16.30, 19 e 21.30
– N. ac. men. 18 a.
O OFÍCIO DE MATAR
Às 23.45
UMA MULHER DA RUA

outros cinemas

Lisboa

ALFA-1 – «Os Aventureiros do Fim do Mundo», às 21.30 (13 anos)
ALFA-2 – «Bad Boys», às 21.15 (16 anos)
ALFA-3 – «Oficial e Cavalheiro», às 21.45 (18 anos)
QUINTETO – «A Guerra das Estrelas», às 21.30 (6 anos)
RESTELO – «Bad Boys», às 21.30 (16 anos)
CITY-CINE – «O Regresso de Jedi», às 21.30 (6 anos)
COLISEU – «7 Mulheres de Ouro», às 21.30 (13 anos)
ROYAL – «O Justiceiro da Noite», às 21.30 (13 anos)
PROMOTORA – «Assalto à Escola de Kung Fu», às 21 30 (13 anos)
ESTÚDIO ACS – «Massacre na Floresta Negra», às 21.30 (12 anos)
APOLO 70 – «Quatro Amigos», às 21.30 (13 anos)
MUNDIAL – «Maníaco», às 21.30 (18 anos)
OLIMPIA – «A Senha do Gozo», sessões permanentes (18 anos)
CAPITÓLIO – «Fantasias Sexuais», às 21 00 e 23 00 (18 anos)

Outra banda

ALMADA – Academia – «Os Ladrões do Tempo», às 21.15 (13 anos)
SETÚBAL – Júpiter – «Os Malucos Atacam de Novo», às 21.15 (6 anos)
ALMADA – Cine-Almada – «Grease, Brilhantina», às 21.15 (13 anos)
COSTA DE CAPARICA – Silcine – «A Vida é Sempre Igual», às 21.45 (13 anos)

Linha de Cascais

SÃO JOÃO DO ESTORIL – Cineléndia – «A Fúria do Herói», às 21.15 (16 anos)
ESTORIL – Casino – «Esgotos do Paraíso», às 21.15 (13 anos)
CASCAIS – Impala – «Correndo para a Vitória», às 21.30 (13 anos)
CASCAIS – Oxford – «Superman III», às 21.30 (6 anos)

Linha de Sintra

AMADORA – Cine-Plaza – «Duas Horas Menos um Quarto Antes de Cristo», às 21.30 (13 anos)
AMADORA – Lido – «Perigo no Espaço», às 21.30 (13 anos)
AMADORA – Cinestúdio – «O Rei da Comédia», às 21.30 (6 anos)
CACÉM – Cine-Estúdio Flores – «A Caçada Selvagem», às 21.30 (13 anos)

ERICEIRA – Cinestúdio – «A Revolta dos Apaches», às 21 15 (13 anos)

Porto

CHARLOT – «O Rei da Comédia», às 21.30 (6 anos)
ESTÚDIO – «O Homem da Sombra», às 21.30 (13 anos)
OLIMPIA – «Os Campeões do Ringue», às 21.30 (16 anos)
PASSOS MANUEL – «Os Aventureiros do Fim do Mundo», às 21.45 (13 anos)
SÃO JOÃO – «Oficial e Cavalheiro», às 21 30 (18 anos)
BEBÉ – «Bairro da Lata», às 21.30 (13 anos)
VALE FORMOSO – «A Fúria do Herói», às 21.30 (18 anos)
BATALHA – «O Clã Negro Ataca», às 21.30 (16 anos)
FOCO – «A Classe de 1984», às 21 30 (13 anos)
ÁGUIA – «Pecados em Família», às 21.30 (18 anos)
COLISEU – «O Grande Combate», às 21.30 (13 anos)
JÚLIO DINIS – «Jardineiro Assassino», às 21.30 (13 anos)
LUMIÈRE-A – «Halloween», às 21.30 (18 anos)
LUMIÈRE-L – «Nuclear? Não, Obrigado», às 21.45 (13 anos)
PEDRO CEM – «Tentações Irresistíveis», às 21.30 (12 anos)
RIVOLI – «Motos Infernais», às 21.30 (6 anos)
TRINDADE – «Operação Thor», às 21.30 (12 anos)

farmácias

Lisboa

PERMANENTE

ALVALADE - ESTADOS UNIDOS: Rio de Janeiro, Av. Rio de Janeiro, 4-C (T. 881409); **BAIXA: Simões Pires**, R. da Prata, 115 (T. 362350); **BENFICA: União**, E. de Benfica, 592-594 (T 700092); **CAMÕES - SANTA CATARINA: Do Combro**, C. do Combro, 82 (T 326059); **LUMIAR: Douro**, Al. das Linhas de Torres, 93-A-B (T 791131); **MARQUÊS DA FRONTEIRA: Ronil**, R. Rodrigo da Fonseca, 153 (T. 683438); **RATO: Cunha**, R. Escola Politécnica, 18 (T. 325455); **SALDANHA: Dalva**, Av Duque d'Ávila, 125 (T. 545225); **SANTO AMARO: Lisbonense**, R. Leão d'Oliveira, 2-B (T. 637020); **SAPADORES -PAIVA COUCEIRO: Europa**, Av General Roçadas, 27-A-B (T 843880); **ALGÉS: Miraflores**, R Dr António Granjo, 2-B (T. 2101161); **BRANDOA: Tavares de Matos**, R. 8, lote 308 (T. 993220); **ODIVELAS: Almeida**, R G à Tomás da Anunciação, 38

REFORÇO

AREEIRO - PRAÇA DE LONDRES: João XXI, Av João XXI, 16-A (T. 886462); **BOA-HORA: Sepol**, C. da Boa-Hora, 94-A (T. 631958); **CAMPO D'OURIQUE: Elma**, R. D. Maria Pia, 358-A (T. 666176); **CHILE: Aliança**, Av Almirante Reis, 145-B-C (T 570487); **FEIRA POPULAR: Santa Maria**, Av. 5 de Outubro, 283-A (T. 763016); **GRAÇA: Monte**, R. Senhora do Monte, 30-A-B (T. 867842); **LUZ - 2.ª CIRCULAR: Da Luz**, E. da Luz, 124-A; **MARQUÊS DE POMBAL: Branco**, Av Duque de Loulé, 61-65 (T 545048); **PICHELEIRA: Marluz**, C. da Picheleira, 140-B-C e R Prof. Mira Fernandes, MAF (T 880703): **XABREGAS -MADRE DE DEUS: Conceição**, C. D Gastão, 30-32 (T. 381279); **BURACA: Vaz Martins**, R. António Ferro, 6-A (T 970660); **OLIVAL BASTO: Nova**, R. Açores, 11-A (T. 910305), **PONTINHA: Leitão Ribeiro**, R. A do Falcão, 3-A (T. 993912), **PRIOR VELHO: Matos**, T. Prioras (T. 2519939)

teatros

Lisboa

D. MARIA II – Sala Experimental – «Play» e «Eu Não», às 22.00 (13 anos)
D. MARIA II – «Auto de Santo António» e «Auto de São Vicente», às 21.30 (13 anos)
ABC – «Todos Tesos», às 20.30 e 23.00 (18 anos)
MARIA MATOS – «Annie», às 21.00 (6 anos)
COMUNA – «A Castro», às 21 30 (13 anos)

Porto

SÁ DA BANDEIRA – «Há mas São Verde», às 21.30 (18 anos)
CAMPO ALEGRE – Seiva Trupe – «Um Cálice de Porto», às 21.45 (13 anos)
TEP – «Florânia ou a Perfeita Felicidade», às 21.30 (13 anos)
SALA DOS MODESTOS – «A Professora Margarida», às 21.45 (13 anos)

Outra banda

ALMADA: Macedo Henriques, R. Bernardo Francisco Costa, lote 1 (T. 3751297). Permanente; **COVA DA PIEDADE: Rainha Santa**, Soc. Fua Piedense, 50-A (T. 2294182). Até às 22 horas; **LARANJEIRO: Baptista Marques**, Laranjeiro de Fora. Até às 22 horas; **COSTA DE CAPARICA: Carlos**, Av. do Mar, 34-A, Quinta de Santo António (T. 2401060). Até às 19 horas; **SESIMBRA: Lopes**, R. Cândio dos Reis, 13 (T. 2233028); **BARREIRO: Moderna**, R. D. Henriqueta Gomes Araújo, 259 (T. 2073443). Permanente; **AMORA: Matos Lopes**, R. 1.º de Maio, lote 401 (T. 2216355). Até às 22 horas; **SEIXAL: Godinho**, L. da Igreja, 51 (T. 2213580). Até às 22 horas; **MONTIJO: Giraldes**, R Almirante Reis, 45 (T 2310008); **MOITA: Silva Rocha**, P. da República, 16 (T. 239029); **ALHOS VEDROS: Portugal**, Av. da Bela Rosa, 8 (T. 204250); **ALCOCHETE: Nunes**, L. Coronel Ramos da Costa, 10 (T 234137); **SETÚBAL: Bocageana**, R do Romeu Permanente; **Bairros**, R. Rodrigues F. Costa, 27. Até às 22 horas.

Linha de Cascais

TIRES: Guimarães, L. Duartes, lote A, r/c (T 2441616) Até às 22 horas, **ALCABIDECHE: Carvalho**, B. João P Correia, 40-B (T. 2690363) Até às 22 horas: **PORTO SALVO: Ferreira Bastos**, R D. Firmino Rebelo (T 2421015) Até às 22 horas; **MALVEIRA DA SERRA: Luz**. Até às 22 horas; **PAÇO DE ARCOS: Trindade Brás**, R Costa Brás, 184 (T. 2432034). Até às 22 horas. **OEIRAS: Godinho**, R Cândido dos Reis, 98 (T. 2430090). Permanente, **CARCAVELOS: Central**, R 5 de Outubro, 25 (T 2470037); **Vilar**. Av. Maria da Conceição, lote 8 (T. 2470777). Permanente; **SÃO DOMINGOS DE RANA: Godinho da Silveira**, Av Sabóia, 29-B (T. 260085). Até às 22 horas; **PAREDE: Brandão**, Av. da República, 77-C (T 2471054). Permanente; **SÃO PEDRO DO ESTORIL: São Pedro**, R. 9 de Abril (T. 2683052). Até às 22 horas; **SASSOEIROS: Amaral Semblano**, Quinta das Encostas. Até às 22 horas; **MADORNA: Madeira**. Até às 22 horas; **AMOREIRA: Abrantes**, Vivenda Maria Carlos Anj. (T. 2682313). Até às 22 horas; **MONTE ESTORIL: Lopes**, R. Hangar, 3 (T. 260008). Até às 22 horas; **CASCAIS: Cordeiro**, Av. Combatentes da Grande Guerra, 40 (T. 280170). Permanente.

Linha de Sintra

AMADORA: São Jorge, R. Pedro del Negro, 5, Reboleira (T. 938703). Permanente; **Campos**, R. Elias Garcia, 185 (T. 930072). Até às 22 horas; **DAMAIA: Damaia**, P. Alexandre Gusmão, 9-A (T. 970523). Até às 22 horas; **QUELUZ: Zeller**, R. da República, 83 (T. 950045) Até às 22 horas; **CAMARATE: Nova da Charneca**, R. Cidade de Lisboa, 9-A (T. 251872). Até às 19 horas; **CACÉM: Silva Duarte**, R. Elias Garcia, 167 (T 9248120) Permanente; **MEM MARTINS: Cristina**, Av Vitorino Nemésio, 14-A (T. 9214820). Permanente; **MERCÊS: Claro Russo**, R Abade Faria, 2-A (T 9215275). Até às 22 horas; **RIO DE MOURO: Riomouro**, Av. Óscar Monteiro Torres, 6 (T. 9260194) Até às 22 horas; **SINTRA: Simões**, Estefânia (T 9230832) Permanente; **COLARES: Abreja** (T. 9290088)

MOSCAVIDE: Santa Bárbara, R Francisco M. Beato, 75-A (T 251918) Permanente, **SACAVÉM: Cortes**, Av Maria Luísa Braamcamp, 2-A (T 2519420) Até às 22 horas; **LOURES: Sálvia**, Av da República, 29 (T. 2531240) Permanente

PORTO

DAS 9 ÀS 12 E DAS 14 ÀS 22 HORAS

MAGALHÃES, R de Serralves, 566; **BARREIROS**, R de Serpa Pinto, 8-10; **COSTA CABRAL**, R. Costa Cabral, 1832; **SOEIRO**, R. de Santos Pousada, 71; **BIRRA**, P. da Liberdade, 125

DE DIA E TODA A NOITE

LEMOS & FILHOS, P. de Carlos Alberto, 31; **FALCÃO**, R. de Santo Ildefonso, 61; **BOTELHO**, R da Alegria, 863; **QUEIJA FERREIRA**, R. Vasques de Mesquita, 32; **CAMPO ALEGRE**, R. do Campo Alegre, 723

Coimbra

LUCIANO & MATOS, R. da Sofia, 7-11 (T. 22147).

PORTE PAGO

DL

Propriedade, Composição e Impressão:
RENASCENÇA GRÁFICA, SARL
Administração Redacção Publicidade
e Serviços Técnicos:
RUA LUZ SORIANO, 44 – 1200 LISBOA
TELEFONES: 321154/5 – 320271/2/3
Publicidade. 368740
Serviço de norte (depois das 21):
Porteiro. 321154
Redacção: 320271/2/3

Depósito Legal n.º 1426/82
Endereço Telegráfico DIBOA
Telex 12363 LISBOA PORTUGAL
DELEGAÇÃO DO PORTO
Rua do Almada. 30-2.º – 4000 PORTO
Telefones: 20954/5

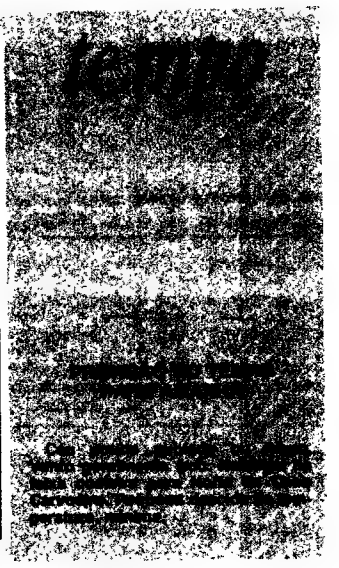
Distribuição: INTERPRESS
Rua do Norte. 115-1.º – 1200 LISBOA
Telefones 322100-322204-320784

MARES DE HOJE
PREIA-MAR BAIXA-MAR

0.13	3,3 m	5.57	1,8 m
12.27	3,5 m	18 25	1,5 m
Dia 18			
0.56	3,5 m	6.35	1,6 m
13 08	3,7 m	18.57	1,4 m

TEMPERATURAS DO AR ÀS 6 HORAS

VIANA DO CASTELO	10º
BRAGANÇA	7º
VILA REAL	8º
PORTO	11º
COIMBRA	13º
CABO CARVOEIRO	17º
PORTALEGRE	12º
LISBOA	16º
ÉVORA	16º
BEJA	16º
FARO	16º
SAGRES	–
PONTA DELGADA	17º
FUNCHAL	21º



Flashes

ASSALTANTE MORTO A TIRO quando, juntamente com outro jovem, furtava acessórios de um automóvel previamente arrombado e se encontrava estacionado à porta do seu proprietário na Rua Francisco Franco ao Bairro Alvalade em Lisboa. Foi ao princípio da manhã, quando o comandante da TAP, José Rosa da Graça Faria, de 59 anos, ouviu o alarme do seu automóvel. Chegando à varanda do 6.º andar, onde reside, viu os dois assaltantes e ao adverti-los seria alvejado a tiro. Ripostando com a sua pistola de 9 milímetros, acertaria num deles, fugindo o outro. O disparo, de consequências fatais, acertou em Daniel Augusto Ferreira, de 21 anos, carpinteiro, que residia, no Bairro das Casas Prefabricadas ao Relógio do Aeroporto. O indivíduo que fugiu já está de certo modo referenciado. No local foi encontrado um revólver pertença de um dos assaltantes. O comandante da TAP usava legalmente a arma daquele calibre por ser oficial da reserva.

A SEMANA DE ENGENHARIA CIVIL abre esta tarde no Instituto Superior Técnico, organizada pela Comissão de Finalistas. Até sexta-feira, engenheiros portugueses e estrangeiros fazem conferências sobre temas como «Cabora Bassa, projecto e obra», «Seguros na Engenharia e a responsabilidade no acto de construir», «Segurança em edifícios e pontes» e «impermeabilizações e isolamentos».

O PRÉMIO NOBEL DA ECONOMIA deste ano é um norte-americano de origem francesa, Gerard Debreu, professor na Universidade da Califórnia, em Berkeley.

É o sexto ano consecutivo que a Academia Sueca das Ciências atribui ao prémio da Economia a um investigador dos Estados Unidos.

O MINISTRO PORTUGUÊS DOS NEGÓCIOS ESTRANGEIROS condenou hoje o atentado desta madrugada, bem como a violação do território moçambicano por forças da África do Sul que o executaram. Numa mensagem enviada ao seu homólogo moçambicano, que se encontra em Paris, Jaime Gama, em nome do Governo de Lisboa, lastima ainda os danos pessoais e materiais e solidariza-se com o povo moçambicano.

Por decisão de Almeida Bruno

Comissário Santinhos transferido para Bragança

O comandante-geral da PSP, brigadeiro Almeida Bruno, acaba de punir com transferência disciplinar para Bragança, o primeiro comissário Joaquim Santinhos, um dos principais dinamizadores da Comissão Pró-Sindical da PSP. Apunição tem como base a participação do antigo comandante da Divisão da PSP da Amadora num almoço-convívio promovido pela referida Comissão na Casa do Alentejo, em Lisboa, na qual estiveram presentes cerca de quatrocentos elementos da corporação.

O primeiro-comissário Santinhos é ainda acusado de ter usado da palavra na reunião, durante a qual, refere Almeida Bruno, «foram tratados assuntos de carácter sindical».

Joaquim Santinhos já tinha sido punido com a pena de transferência disciplinar, mas o ministro da Administração Interna mandou reformular o processo disciplinar por aquele «sofrer de várias nulidades insupríveis» – recorda a Comissão.

Em comunicado, a Comissão Pró-Sinidcal da PSP considera que esta pena, tal como a aplicada ao agente João Cunha, da PSP do Porto, e outros castigos menos severos aplicados sem processos disciplinar, visam cortar aos agentes da PSP «o direito que lhes assiste de se reunirem e confraternizarem sem necessidade de qualquer autorização».

O comissário Serra, das Relações Públicas da PSP, interrrogado sobre esta questão, afirmou que ela foi «posta a despacho do comandante geral para posterioemente se pronunciar se entender que o deve fazer». O primeiro-comissário Santinhos, entretanto, interpôs recurso ao MAI.

"Protesto histórico"

«Mande fechar as escolas e os hospitais, dr. Mário Soares, também não dão lucro...» – Esta «boca» que o Primeiro-Ministro ouviu em Setembro, durante a vigília de jornalistas frente à residência oficial de S. Bento, vem-me de novo à memória, ao ler um artigo exemplar de Silva Costa na última edição do semanário «O Jornal».

«O Governo suicida os diários» – assim titula Silva Costa o seu notável trabalho – é um documento ue o dr. Almeida Santos poderia mandar fotocopiar para comnhecimento de Mário Soares do Conselho de Ministros e de todos os deputados.

Como o ministro de Estado e dos Assuntos Parlamentares confessa estar desejoso de largar o pelouro da Comunicação Social e como o seu secretário de Estado, Amândio Rodrigues, é tão «competente» que até consegue formular despachos baseando-se em diplomas revogados (num país normal, sua Excelência já tinha «dado corda aos sapatos» e mudava de ofício...) a leitura atenta do artigo de um jornalista, atento à realidade e não – simpatizante e dos «passeios», às vigílias ou das conferências habilmente orquestradas, ajudaria uma certa, classe política» a perceber o que significam os jornais e qualquer sociedade democrática.

E aproveito para subscrever (já o defendi, aliás, em reuniões entre jornalistas e patronato) o «protesto histórico» sugerido por Silva Costa na parte final do seu artigo.

Transcrevo: **Se também os deputados se mostrarem insensíveis ao perigo da derrocada da audiência da Imprensa diária em Portugal, os jornais não deviam hesitar em aplicar o seu último recurso: privar o País de todos os jornais durante alguns dias talvez bastasse para fazer compreender que uma democracia sem Imprensa livre é um artifício, talvez essa manifestação pudesse ser, nos dias que passam, a única susceptível de unir os órgãos de gestão e os trabalhadores...»**

Tudo bem, Silva Costa. Espero, entretanto, que os semanários, que também são jornais, saibam acompanhar os diários nesse eventualmente necessário «protesto histórico»

EA

Prepara-se legislação sobre o ruído

«O esforço legislativo do Governo vai no sentido de obrigar a uma abordagem diferente por parte da indústria nas questões do ambiente», disse o secretário de Estado do Ambiente, na abertura do Curso de Introdução ao Estudo do Combate à Poluição, da Segurança e da Higiene Industriais. Carlos Pimenta, adiantaria, «que a legislação sobre o ruído está já em fase adiantada».

Disse ainda, «ser intenção da Secretaria de que é responsável dar oportunidades à indústria e não paralisá-la. Nesse sentido está prevista a elaboração de estudos prévios de impacte ambiental para uma série de indústrias.»

Por sua vez, Sá Nogueira, da Comissão da AIP para o Ambiente, salientou a necessidade de «desdramatização» no relacionamento Administração Pública-Indústria, que conduza a um diálogo franco e colaborante através de um melhor conhecimento mútuo, objectivo que se propõe atingir a realização do referido curso.

Portugal e a Europa

Continuação da pág. 1

encontrar-se com dirigentes socialistas da Europa do Sul, chegam-nos palavras do Primeiro-ministro Mário Soares que traduzem uma certa decepção do secretário-geral do Partido Socialista, quanto ao automatismo da solidariedade socialista em questões de política europeia.

Com efeito, os partidos socialistas governam ou são influentes na maioria dos países da CEE. Os países pretendentes à admissão — Portugal e a Espanha — são governados por governos socialistas (Espanha) ou nos quais os socialistas figuram como força maioritária (Portugal). Todavia essa circunstância não parece ser determinante no processo negocial em curso.

O que se estranha, principalmente após a lúcida advertência de Jaime Gama, ministro dos Negócios Estrangeiros, é que o Primeiro-Ministro reduza a problemática complexa das negociações com a Europa das Comunidades a uma questão de «vontade política».

O problema, realmente, não é redutível a uma demonstração de solidariedade política entre governos socialistas, ou de maioria socialista, entre partidos socialistas. O problema das negociações de ingresso, tanto no caso de Portugal como no caso da Espanha, está condicionado pela própria situação económica e financeira no seio da CEE.

Os problemas que se têm arrastado e os que se levantam nesta fase, não poderão ser vencidos por rasgos de «vontade política». Têm outra fundura, outra extensão, outro nível.

De resto, a opinião pública portuguesa continua a não entender esta corrida para a Europa, que trabalhadores e empresários consideram uma corrida para o desconhecido, para o abismo.

DL

No 1.º aniversário da sua morte

Adriano recordado em Coimbra e Avintes

António Portugal classificou ontem, em Coimbra, Adriano Correia de Oliveira como «o mais corajoso dos cantores da sua geração».

Guitarrista, amigo e companheiro do homenageado, António Portugal acrescentou que, «se José Afonso foi a voz da resistência portuguesa, o Adriano foi a voz da resistência estudantil, usando o canto de Coimbra na sua especialidade peculiar, na luta que a todos unia».

O orador, líder do PS na Assembleia Municipal, recordou: «com Adriano corremos o país, levando na sua voz uma mensagem de luta e de esperança numa pátria melhor, e fraterna, e mais livre».

Lembrou-também, de Adriano Correia de Oliveira «a sua figura esguia de cavaleiro na noite e a sua voz triste a dialogar com o mendigo»,, e identificou-o com «um guerreiro em luta pelo bem e pela justiça, que, tal como na vida real, ele representava cantando».

O presidente da Associação Académica, por seu turno, acentuou ser para si «motivo de orgulho poder dar voz ao sentimento de muitos estudantes de Coimbra, de ontem e de hoje, que sempre viram em Adriano a voz da mudança».

«Se Adriano teve a grande missão de contribuir para que Portugal seja hoje um país livre, nós temos» – adiantou Luís Parreirão – «uma tarefa não inferior: aquela de ser dignos da liberdade tão duramente conquistada e de a encaminharmos no sentido da solidariedade humana e da igualdade entre os homens».

Luís Parreirão notou igualmente que os tempos que se vivem são «difíceis» e de «mutação de valores e de busca de novos horizontes».

«Ontem como hoje, devemos ser nós, jovens, a assumir essa mudança e a ser os seus agentes» – defendeu o presidente da Associação Académica.

Fausto Correia, em representaçõ da Câmara Municipal, encerrou a série de intervenções dizendo que «a homenagem, a todos os títulos justa, constitui um imperativo moral, histórico, político, e cultural».

O painel de azulejos, incrustado na frontaria da república «Rahs-Te-Parta», à Rua das Matemáticas, última residência do cantor em Coimbra, foi descerrado pelo reitor da Universidade, Rui Alarcão.

A cerimónia contou também, entre outras dezenas de pessoas, com a presença de Maria Judite Mendes de Abreu, presidente da Assembleia Municipal.

Manuel Alegre e José Niza, que não puderam participar nesta evocação do primeiro aniversário da morte do «cantor de Coimbra e trovador da liberdade», associaram-se através do envio de mensagens.

Adriano Correia de Oliveira nasceu em Avintes, Vila Nova de Gaia, em 9 de Abril de 1942, tendo ingressado na Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra em 1959.

Integrou-se na luta estudantil na década de 60 e tornou-se um dos dirigentes do movimento associativo.

Amigo de José Afonso, que o influenciou musicalmente, as suas primeiras «baladas» tiveram a colaboração de António Portugal e Rui Pato.

Foi campeão de Voleibol, pela Académica, e fez parte do Círculo de Iniciação Teatral da Academia de Coimbra (CITAC).

Abandonou Coimbra em 1968, com o curso de Direito incompleto por falta de uma cadeira, radicou-se em Lisboa, e veio a falacer, no dia 16 de Outubro de 1982, em Avintes, com 40 anos de idade.

Adriano gravou um total de 94 canções.

O seu trabalho de estreia, em 1960, intitulou-se «Noites de Coimbra».

A RTP transmitiu ontem à noite, um programa evocativo da vida e obra de Adriano Correia de Oliveira.

A homenagem do PCP

Uma romagem ao cemitério de Avintes, freguesia do concelho de Vila Nova de Gaia, arredores do Porto, assinalou ontem o primeiro aniversário da morte de Adriano Correia de Oliveira.

Esta jornada evocativa foi promovida pela comissão da freguesia de Avintes do Partido Comunista Português e nela se incorporaram familiares, amigos e militantes daquele partido.

Adriano Correia de Oliveira era militante do PCP e estava ligado a este partido desde os tempos de estudante.

Autor de numerosos poemas de intervenção, a sua obra está tmbém ligada à música popular portuguesa dos últimos anos.

Os promotores da evocação consideram Adriano Correia de Oliveira «um artista que ligou intimamente a sua vida aos destinos da luta e da resistência antifascista, às vitórias e esperanças nascidas do 25 de Abril».

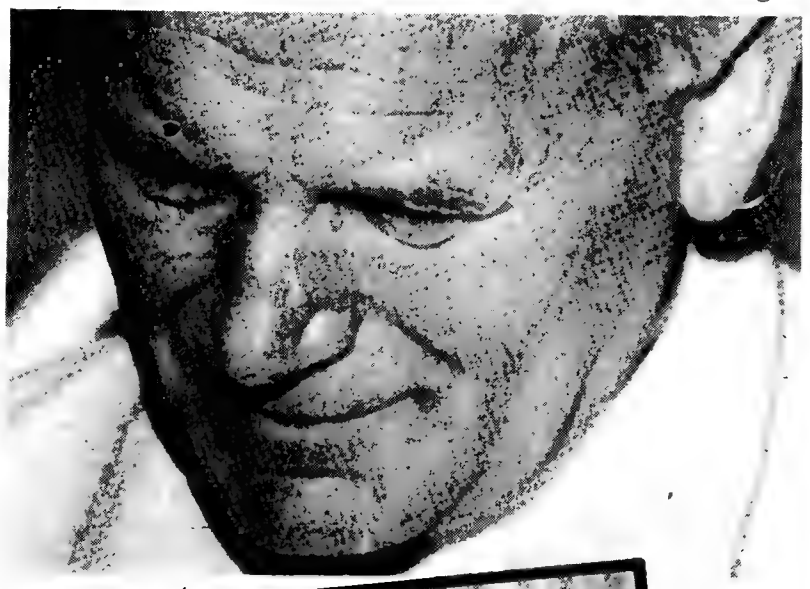
A comissão de Avintes do PCP entende que, com esta iniciativa, «correspondeu ao desejo de todos os amigos e camaradas de Adriano, que dele guardam intacta a imagem do artista empenhado na luta do seu povo, do homem profundamente fraterno e solidário».

Sete Ponto Sete

Cinco anos depois da sua eleição

João Paulo II, único mestre a bordo

Pág. 7



Luís Moita e Joel Hasse Ferreira enquadram Porfírio Silva (que asina um texto sobre a paz na edição de hoje do «DL»: ver pág. 2)

Quando a Juventude Socialista decide falar de Paz

Pág. 3

Responsável de edição, João Mendes.
Correspondência, «Diário de Lisboa»/Sete Ponto Sete, Rua Luz Soriano, 44, 1200 Lisboa

Sete Ponto Sete

Purgatórios

Descrição infiel de "Quatro amigos" de Arthur Penn

Manuel Carvalheiro

SÃO quatro amigos. Danilo, filho de jugoslavos emigrantes, Tom, que irá fazer a guerra do Vietnam, David, filho de um cangalheiro. Além de Georgia, sem pai e praticamente a heroína do filme. O jovem Danilo chega à estação de Gary em Indiana, com a mãe, aos Estados Unidos, ou muito simplesmente América, como dizem os emigrantes. Não via o pai desde que nascera. A mãe alisa-lhe o cabelo, cuspindo para a mão. Reacção da assistência. O rapaz olha para o pai, que tem um espesso bigode à Groucho Marx, mas, ao contrário deste, com uma certa austeridade facial, pois nunca ri: Danilo põe o pente entre o nariz e os lábios a imitar o bigode do pai, num primeiro desafio subconsciente. Segunda reacção da assistência. Corte. Dentro de um Chevrolet preto anos cinquenta, com um malão atado no tejadilho, a família Prozor segue em direcção a Chicago, como indica um letreiro publicitário soletrado por Danilo. A introdução da voz «off» pelo cineasta resume a situação. Já em casa, breves segundos para um plano com a televisão do vizinho passando um filme dos Irmãos Marx, com Groucho falazando. O pai de Danilo, que trabalha numa fábrica de aço, onde o vemos a temperá-lo numa forja, não gosta de televisão. Corte.

Como Isadora

Saltam-se uns anos e vemos Danilo à noite, de saxafone na boca, andando até à via férrea, interrompido porque passa nesse momento um comboio. Primeira surpresa dos espectadores: do lado de lá estão David, gordo, e, Tom, bonitão, respondendo com os respectivos instrumentos de Jazz. A voz «off» da mãe de Georgia, espreitando pela janela, resume a situação, enquanto os três adolescentes tocam aos saltos no meio da rua ladeada de belos «espadas» dos finais dos anos cinquenta, parados junto aos passeios. Por momentos, Danilo e Tom escondem-se de David, primeiro sinal de que David, apesar de boa pessoa, é passivo de ridículo nem que seja pela gordura que tem a mais e pelo pai ser cangalheiro. A assistência ri. Aparece Georgia , cuja fisionomia evoca surpreendentemente a Nathalie Wood de «Esplendor na relva», de Elia Kazan. Os três param subitamente de tocar a melodia jazzificada e acendem, como numa cena de «West Side Story» de inspirada coreografia, os respectivos isqueiros para darem lume a Georgia. Georgia ama o loiro Danilo, com rosto marmóreo de firmeza simpática, um Kirk Douglas na juventude. Ela aponta para um descapotável vermelho parado junto a uma cerca de arame. Gostaria de ser como Isadora Duncan. Na «Rosevelt High School», à orquestra amadora dirigida um pouco como «O Chefe de Orquestra» no filme de Andrzej Wajda, Georgia associa aos sons globais os seus de solo sem permissão, a que adiciona um jogo de corpo que dessincroniza o compasso e escandaliza todos. Transição, para uma cena passada exactamente em frente à casa de Georgia, que víramos filmada de noite e agora é mostrada no inverno, com neve caíndo e o automóvel que o gordo David conduz, oferecido pelo pai a troco da sucessão à frente do comércio de caixões, arrancando em derrapagem controlada com os quatro amigos dentro em aventurosa busca do desconhecido. De sublinhar a sensualidade do derrapar controlado da «station» na neve, como que referência aos jogos lúdicos de infância, mas prolongados na adolescência e reavivados por um Penn de artérias limpas. Mas, nem Georgia será uma famosa bailarina, nem Danilo um poeta célebre.

Kennedy no balão

A realidade imposta pelas «Steel companies» de Chicago cilindra os sonhos da juventude pobre ou remediada dos Estados Unidos. Na «career Day 61», isto é, no dia das carreiras de 1961, conforme letreiro aposto no ginásio do liceu em final de curso, um «speech» dum maioral pago pelo capitalismo é interrompido por Danilo, que na véspera tinha sido avisado pelo pai de que não lhe podia continuar a pagar os estudos, visto que a verdade que queria para o filho era esta: «Estou cansado e ainda vou, agora, de noite, trabalhar para a fábrica». Por outra lado, a frustração sexual de Danilo, ao recusar o convite para o desvirginamento que lhe fizera na noite precedente Georgia, explica em parte o começo da revolta política. Um começo de insubordinação no ginásio, após adesão de Georgia, dançando, e demais «suporters» levantando-se e sincopando um cantado «Ei Man» com palmas ritmadas, a intervenção de um negro («— Aleluia irmão Danilo!») e a contestação reaccionária («— Não liguem, ele é estrangeiro») de um menino bonito, resumem a atmosfera do dealbar dos anos sessenta, pista para a compreensão do que se segue, o movimento «hippie». Transição para a sequência da praia, Georgia cheia de encanto com os seus óculos à Marilyn Monroe, perto da água, por cima esvoaçando um balão com a efígie de Jacquie e John Kennedy. Pequenos toques de evocação histórica, como forma dada por mão de mestre, ao desenvolvimento narrativo desta saga sobre a juventude americana do período de James Dean ao final da guerra do Vietnam, vinte anos condensados com habilidade e sem falso peso dramático, pelo melhor dos cineastas americanos. Ainda na praia uma cena lírica onde Tom desflora Georgia com Danilo escondido, observando-os, a súbita modificaçõ de um ambiente de alegria a que se segue, terminando a sequência com uma alteração entre os estudantes e um colega negro que é apedrechado enquanto se escapa ao linchamento em esboço, tudo acompanhado nesta parte trágica por uma violenta música rock do pior discípulo de Elvis Presley, lembrando o melhor cinema de Arthur Penn em autocitação de «The Chase» («Perseguição impiedosa»). Corte. Danilo parte de casa dos pais, sem poder despedir-se de Georgia, pondo ponto final às suas relações com ela. Vêmo-lo num quarto de estudantes universitários, tendo como colega Louie Carnaham, um aleijado das pernas, que tem por hábito espreitar de noite com o seu óculo para a Lua. Foca, desfoca e lá tem o satélite inspirador do amor e da poesia. Surpresa para os espectadores, que de imediato simpatizam com Louie, por ele ser belo e humano e Penn só lhe mostrar a invalidez depois de «lançar» o personagem. Pouco diálogo, mas o essencial numa planificação de sequência interior, que evidencia como dirigir actores de teatro sem cair na teatralidade e tirando partido da visualidade, dos gestos, das hesitações e dos trejeitos. Para logo a seguir em plano-sequência, em exterior nocturno, Danilo ouvir um monólogo de Louie, em andamento em que no final chama de chato.

O parto

Exterior, dia, à porta da igreja, Danilo, e, Louie de muletas, aguardam a saída dos noivos: Georgia com um espalhafatoso vestido vermelho, tendo à sua direita Tom e, à esquerda, David, o cangalheiro. O patético visual da cena reside no olho equimosado da actriz, coberto por um minúsculo relógio de bolso, como substituição de pala pirata. Riso da assistência. Mas quem pregou a Georgia o olho negro na bonita fisionomia? Fica o detalhe por esclarecer. Teria sido Tom? Ou uma estalada balofa de David? E de novo um volta-face dramático. Georgia não casa com Tom, que a desflorara em desproveito de Danilo na sequência pretérita da praia, mas com o último dos possíveis amigos, o jovem cangalheiro. Outro cordelinho roçando o melodrama de pacotilha, sem nele se deixar prender o cineasta: mas Georgia está grávida de Tom. Este não quis, no entanto, casar com a mulher de armas, porque está em vias de partir para a guerra, como se presume a do Vietnam.

O que é certo é que Danilo que veio especialmente para a cerimónia, humilhado irrita Georgia, que nyma cena digna de um filme Cukor, Minnelli ou Wilder, parte abandonando todos na rua. Danilo regressado à residência universitária, cujo quarto onde habita com Louie, tem um enorme poster de Kennedy na parede, com uma tarjeta colada ao lado com os dizeres «Ned for President», alusão ao cómico que falava com o cavalo no mais popular foletim televisivo da época, o jovem jugoslavo conhece então a irmã do aleijado, por sinal de família muito rica. «Forcing» na narrativa, que de ambiente pequeno-burguês a roçar o miserabilismo, salta, inopinadamente para o território imagético da grande burguesia com pretensões aristocráticas. A pirâmide social americana é pincelada de alto a baixo pela câmera que Penn pôs nas mãos do grande director de fotografia Gislain Cloquet. Num jantar em comprida mesa rectangular e iluminado por velas, com quadros renascentistas nas paredes, o pai da rapariga fascistiza o diálogo com tiradas antifilosóficas, de pragmático nitscheniano que se desconhece, mas que intuitivamente percebe o alcance da recusa proposta pelo futuros partidários do «make love not war». Antipatiza com Danilo. Já que é assim, o jovem Prozor avança com o pedido de casamento da filha. Segue-se uma sequência num estádio, de rugby, de baseball, não se sabe, porque só se vê Danilo com a irmã de Louie fazendo um minuto de silêncio pela morte de Kennedy. Corte abrupto para o parto de Georgia, que grita, insulta e gesticula, fazendo ora caretas ora risadas para a câmara que um médico utiliza na filmagem do nascimento. Riso amargo dos espectadores. Enquanto Danilo vai anunciar o casamento com a Carnaham aos pais, Georgia procura-o na residência universitária, encontrando aí doente dos pulmões o colega de muletas. Extraordinária cena de amor com uma comicidade agreste, Georgia pondo umas barbas de Pai Natal e fazendo dádiva de um apalpar de mamas pelo paralítico, despindo-se para ser penetrada por ele, febrícolas e virgem.

Casamento

A sequência do casamento de Danilo Prozor com a Carnaham é talvez o momento mais alto do filme. Nos jardins dum palacete, com toldos alinhados na relva, música de orquestra sinfónica, automóveis caros e gente chique vestida a rigor, sorriso postiço nos lábios, escadarias imensas com estatuetas em mármore e, no meio da assistência, inclusive composta por amigos de Danilo, como Georgia, que consigo traz a sua «troupe» de «hippies», no meio da assistência um garoto olhando para cima, onde de dentro dominando a situação através da vidraça, o pai Carnaham, rival de Danilo, não só pela discussão filosófica, mas porque planos antes, se via uma rápida alusão à relação incestuosa com a filha, que é surpreendida em combinação por Danilo saindo a correr do quarto do pai, isto um dia antes do casamento. Agora, o pai afasta-se da vidraça com uma cara estranha. O garoto tenta dizer qualquer coisa aos adultos que o cercam, mas debalde. Carnaham, já no jardim, faz um discurso «blasé», de pai revoltado pelo casamento da filha com um pebleu, a que toda a gente corresponde com um riso de cumplicidade. E de súbito com uma violência inaudita, quase surdamente trágica, Carnaham puxa da pistola e mata a filha, atinge o noivo no olho e por último, aponta o cano contra a sua própria boca, suicida-se. Pandemónio, borrifos de sangue por todo o lado, grande plano com a boca de Georgia, como se tivesse vindo directamente do morticínio na escadaria de Odessa em «O Couraçado Potemkine» de S.M. Eisenstein, uma imensa boca aberta fazendo um óh! de esticado horror, trepidação da imagem, encadeados e um esbranquiçar lento deixando aparecer o «écran» vazio. Pausa de segundos. Recomeça o filme, em Nova Iorque certamente, num quarto de hospital, som de respiração por tubo de oxigénio, parede branca com os pais de Danilo de frente, como se fossem a posar para fotografia de trinta anos de casados.

Jodi Thelen em «Quatro Amigos»

Chevrolet roubado

Dias depois, quase recuperado, Danilo saí de gaze na cabeça para a rua, no momento em que um mestiço marginal bate com as mãos nas traseiras de um táxi amarelo, qual bateria de «jazz» selvagem. Danilo visita a única sobrevivente da família Carnaham, a sogra. Um uivo de dor desta, faz estremecer o sistema nervoso de quem está sentado na cadeira da sala de cinema em que passar «Quatro Amigos» de Arthur Penn, Corte. Danilo é chofer de táxi em Nova Iorque. Pausa para tomar café num vão de escada, provavelmente em East Side. Poisa o copo de papel ao lado. Sem que repare, uma mão tira-lhe o copo. Olha o sítio vazio e vê que um marginal lhe bebe o conteúdo, na calma. O marginal de «blue jeans», barrete na cabeça e óculos de intelectual. Ergue-se e caminha descalço, ante o olhar atónito de Danilo. Numa cena típica de Nova Iorque no Verão, em que as bocas de incêndio são abertas e esguicham, a muitos metros de altura, água para o alcatrão escaldante, crianças, negras e marginais aproveitam para se banharem. No meio, Georgia. Reencontro com Danilo. Este vai a casa dela, mas ela não quer nova ligação com ele, porque entretanto se alienou em companhia de uma lésbica com quem percorre nocturnamente os antros de perdição musical, quer de travestis como de «punks». Danilo sai a correr para a rua, a tempo só de ver que alguém lhe roubara o Chevrolet Impala azul. Mas insiste na correria e atira-se ao rabo de peixe, que constitui o formato da traseira do automóvel. O ladrão trava, quando Danilo já está no tejadilho. Este cai para a frente do automóvel, mas por sorte aquele é obrigado a travar, visto que a rua está barrada pelo trânsito. Então, assiste-se a uma memorável discussão entre o ladrão e o prorietário, em que aquele critica este de apego à propriedade, o que constitui o momento mais corrosivamente irónico do filme.

A bandeira americana

Segue-se uma magnífica e bem filmada marcha da paz pelo Vietnam, em que os insubmissos de Chicago em 1968 queimam publicamente as licenças militares. Numa cena nocturna, uma enorme bandeira americana com fogo pela ponta é agitada por uma mulher que a faz passar por cima do Chevrolet de Danilo, em câmara lenta e com uma, poeticamente subversiva, sobre-impressão dando tensão cinedramática ao acontecimento. Danilo, então, regressa às origens; à sua condição de filho de classe operária, empregando-se na «Pennsylvania Iron Foundries». De capacete na cabeça, deixa crescer a barba, em contraste com a pera da fase de ascenção social, em direcção à grande burguesia. Liga-se a uma vizinha, enfermeira jugoslava. Assiste, na companhia desta, a uma festa nacional com ranchos folclóricos, evocando Penn a mestria (de qualquer dos filmes ao ar livre) de Miklos Yancso. Mas Georgia, descontente com o degenerar do movimento «hyppie» em clãs suicidas «punks», e é de recordar a barbárie dada pela cena estilo «cabaret» da «Laranja Mecânica» de Kubrick, com os «punks» de cabeça rapada a fazerem de estátuas homossexuais, a que se segue o suicídio da lésbica com quem partilhava quarto, que se atira de automóvel em marcha-atrás do alto de um «building», espatifando-se a carripana uma dezena de andares abaixo, em incêndio aterrador, mas Georgia, dizia, procura agora de novo Danilo. Este recebe-a com um copo de sumo de laranja, anula a ida ao emprego e tem com ela a primeira troca sexual da sua vida. Georgia apercebe-se da ligação com a jugoslava, quando vemos esta a afastar-se pelo passeio defronte, triste, enquanto Georgia, de mangueira na mão com adaptador na ponta para multi-esguichos, se senta, um pouco provocadoramente e, distraidamente, rega sem sentido, olhando para a rival que se afasta. É evidente o símbolo fálico na sua mão, conquista aliás difícil.

Pancadaria

Segue-se uma cena de discussão, na rua, com Danilo, que sem querer lhe rasga a saia, quando Georgia com brusquidão se quer soltar e de cuecas salta para dentro de um descapotável, que arranca abafando uma série de palavrões condizentes com a cena (mais atrás) do casamento com o cangalheiro. Tom, entretanto, regressa do Vietnam, com uma vietnamita, de que tem duas filhas. É com estas que Danilo vê televisão na casa deste último, uma sofisticada cena duplamente irónica e mesmo mordaz com a transmissão directa da chegada dos americanos à Lua. Um pouco ingenuamente, Danilo Prozor envereda pelo sentir patriótico, com um diálogo voluntariamente idiota por parte de Arthur Penn: «Conseguiram. (Pausa) Conseguiram». Há ainda uma sequência de pancadaria num bar, com Danilo, David e Tom, motivada por um ex-colega do grupo, agora polícia, que insulta Georgia na ausência desta, alegando que é uma cabra que vai com todos para a cama, além de chamar pejorativamente de judeu o cangalheiro David, a quem o provocador arranca o chinó. Danilo levanta-se e, em nome do grupo, um pouco como Bogart defendendo a honra de Bacall sob a direcção de Hawks, simula ir fazer um discurso e sem que o polícia espere enfia-lhe um pontapé nos testículos. Murro puxa cacetada, cacetada puxa cadeirada e tudo acaba com uma inesperada acção escatológica, com Danilo vomitando abundantemente, algo como grão de bico salpicado de muco de estômago em digestão interrompida, para cima da farda azulinha de chui com acne e pouca sorte. E tudo acaba bem quando começa bem.» — Que tempo levam as coisas a serem feitas», diz Georgia em reatamento com Danilo, mais o filho que tivera de Tom e a quem dera o nome de Isador, aceite agora pelo jugoslavo, eles os três na praia, com David e uma nova mulher grávida (o David cangalheiro que reconhecera a paternidade de Isador quando Tom fora para o Vietnam) e, também, ao lado, Tom, a mulher vietnamita e as filhas, todo o grupo na praia, na mesma praia em que a meio do filme houvera a perseguição ao negro. Quatro amigos de adolescência, reunidos e finalmente adultos. ■

Quando a Juventude Socialista decide falar de Paz

Actos dos apóstolos ocidentais

A JS explicou durante o fim-de-semana os seus pontos de vista sobre a paz e o desarmamento, mas a reunião não desembocou em propostas concretas de intervenção. Melo Antunes e João Cravinho acabaram por não participar na conferência, mas a maioria das organizações convidadas não faltou ao encontro. E agora?

Clara Viana

TRES sessões plenárias e um grupo de trabalho preencheram, durante o passado fim-de-semana, a Conferência sobre a Paz e o Desarmamento, organizada pela Juventude Socialista, que teve lugar no Hotel Roma, em Lisboa. Subordinadas aos temas «Arqueologia da violência e perspectivas de transformação para a paz», «O papel dos movimentos pacifistas» e «Desarmamento e blocos político-militares», as sessões plenárias constaram de duas partes: uma primeira na qual intervieram oradores convidados e uma outra de debate. Quanto aos oradores convidados participaram, respectivamente, Teresa Ambrósio, Maria Benedicta e Eurico Figueiredo; Maria Carrilho, Ferro Rodrigues, António Eloy e Nuno Caiado; Luís Moita e Joel Hasse Ferreira. Melo Antunes, João Cravinho e Brás Teixeira, cuja presença tinha sido anunciada para a sessão sobre «Desarmamento e blocos político-militares», não compareceram.

Para a conferência foram ainda convidadas as organizações de juventude membros do Conselho Nacional de Juventude, organizações políticas juvenis nacionais e a União Internacional das Juventudes Socialistas (IUSY) que se fez representar pela Juventude Socialista Belga e Espanhola. Entre as primeiras saliente-se a presença da Juventude Comunista Portuguesa, da Juventude Social-Democrata, do Movimento Católico Estudantil, dos Amigos da Terra e da Associação Livre dos Objectores de Consciência.

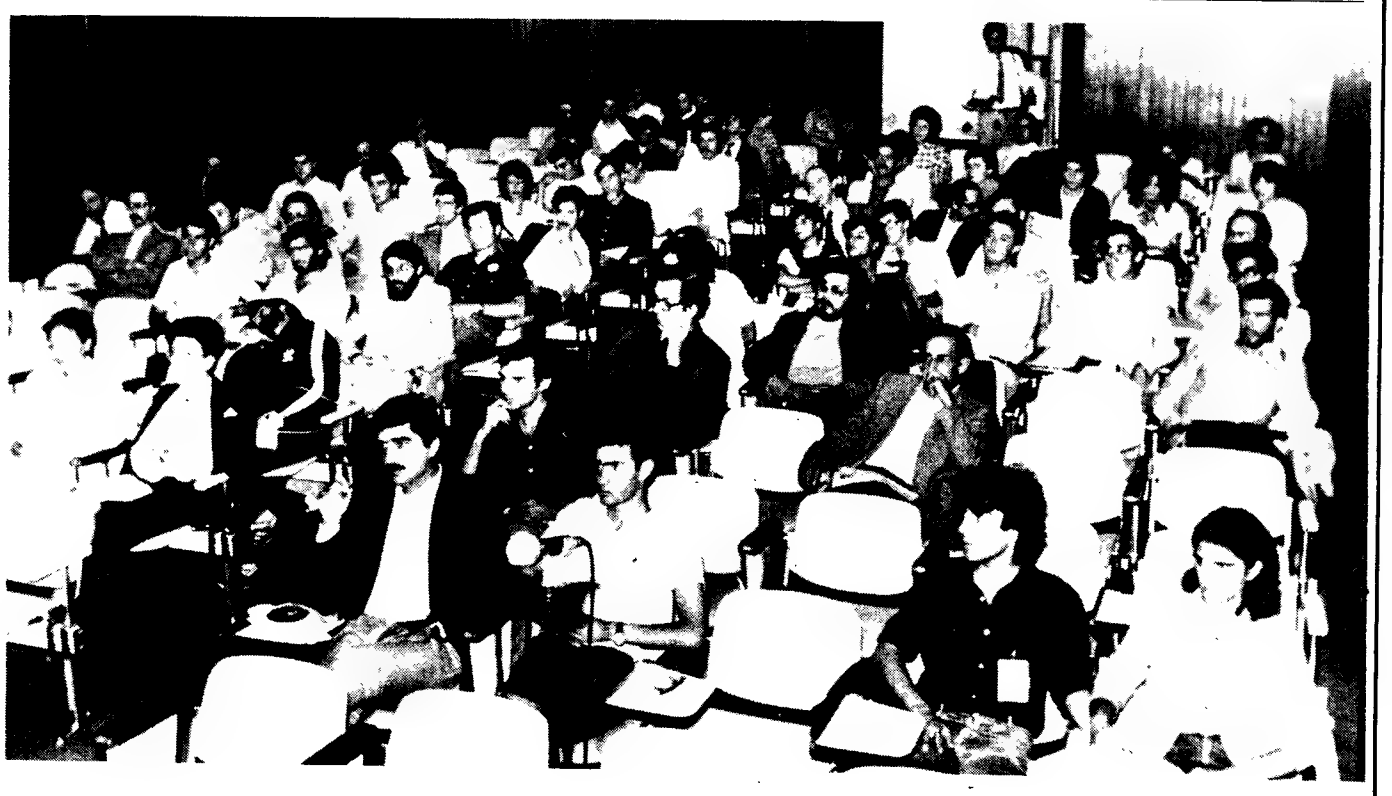
Sobre a conferência há que dizer, em primeiro lugar, que ela surge como a resposta da Direcção da JS ao Festival «Dêem uma Oportunidade à Paz» que, na última semana de Julho, teve lugar na praia do Carvalhal, em Tróia.

Com efeito, recusando-se a participar naquele festival por considerar que ele servia a estratégia do Pacto de Varsóvia, a Direcção da JS anunciou, na altura, a realização de uma sua iniciativa, alternativa ao Dêem uma oportunidade à Paz. De facto, ela realizou-se, restando apenas saber se foi alternativa a alguma coisa, pois da conferência há que dizer, em segundo lugar, que ela foi, predominantemente, a defesa estafada dos «bons valores do Ocidente».

«Se eu sou crítico em relação à União Soviética e aos outros países do bloco socialista, isso não me dá, no entanto, a mínima complacência em relação ao regime de exploração vivido nas sociedades ocidentais», afirmava, ontem, em forma de despedida, Luís Moita, do CIDAC. Estava-se a chegar ao fim da sessão sobre «Desarmamento e blocos político-militares» e Luís Moita marcava o contraponto à cruzada em prol da «democracia ocidental e seus valores» na qual, à semalhança do que se tinha passado na véspera, número considerável de participantes na conferência se tinha empenhado. Praticamente sem resposta ficavam as questões lançadas por Luís Moita e Joel Hasse Ferreira e que, no fundamental, diziam respeito ao papel de Portugal e da Europa face à política de blocos, ao desarmamento e desenvolvimento, ao papel dos conflitos regionais no eclodir de um conflito generalizado, e a uma eventual autonomia da defesa dos Direitos Humanos face às estratégias geopolíticas.

Considerando que o «desarmamento se transformou numa ficção, de tal maneira ele é desmentido pelos factos», Luís Moita diria que as tentativas para «limitar» a corrida aos armamentos significaram apenas «a procura de um controlo bipolar destinado a manter o monopólio a dois do armamento nuclear». No entanto, para este representante do CIDAC, a questão fundamental na Europa é hoje a luta simultânea contra a instalação dos euromísseis e o desmantelamento dos SS-20. Opinião partilhada por Joel Hasse Ferreira, que frisaria especialmente os custos económicos da corrida aos armamentos.

Mas se para os oradores convidados esta era uma questão fundamental, o mesmo não se passava com diversos outros intervenientes. Incapazes de assumirem um discurso não-alinhado, o seu ataque à política de blocos ficou-se pela estafada enumeração das «maldades» dos «regimes totalitários» de Leste. «Maldades» que, para alguns tornavam necessário o rearmamento do Ocidente.



Um aspecto geral dos trabalhos, numa das salas do Hotel Roma, durante o dia de ontem

Aliás, estas teses estiveram também em força na sessão sobre o «Papel dos movimentos pacifistas», onde, à excepção das intervenções de Maria Carrilho e de Ferro Rodrigues Ooradores convidados) e de alguns (poucos) elementos da assistência, o tema foi praticamente esquecido.

A clivagem entre os oradores convidados e grande parte da assistência foi aliás uma das características da Conferência da JS sobre a Paz e o Desarmamento. Clivagem essa que se torna ainda mais notória se o ponto de referência for a resolução da União Internacional das Juventudes Socialistas sobre o mesmo tema, ou até as reivindicações da JS apresentadas pela sua presidente, Margarida Marques, na sessão de encerramento.

Com efeito, Margarida Marques diria que a JS luta pela redução substancial e imediata dos SS-20 e pela consequente não instalação dos mísseis americanos Pershing II e Cruise na Europa; pelo incremento do apoio dos países desenvolvidos ao Terceiro Mundo; pela proclamação da península Ibérica, do Mediterrâneo e dos Balcãs como zonas desnuclearizadas; pela implementação, em Portugal, de um programa educativo para a paz; pela redução do tempo de prestação do serviço militar e pela regulamentação imediata da objecção de consciência. Estas são, segundo a presidente da JS, as reivindicações da organização. No entanto, nós diríamos que elas não saíram, decerto, do debate travado no fim-de-semana, onde foram praticamente esquecidas pela assistência.

E quando dizemos praticamente esquecidas, não queremos com isso dizer que não estiveram presentes. Houve os que defenderam o fim do serviço militar obrigatório e a redução do seu tempo de prestação. Houve os que se pronunciaram pela luta contra a instalação dos mísseis americanos na Europa e pelo desmantelamento ou redução dos SS-20 e aqueles que consideram que tal não basta e que é necessário ir às causas mais profundas que alimentam a estratégia armamentista. Mas foram intervenções solitárias, pontuais. Se a conferência da JS teve, de positivo, o facto de ter sido um local de debate sobre a «paz e o desarmamento» num País onde esse debate é ainda incipiente, ela teve, no entanto, de negativo, o facto de ter gerado uma discussão que se poderia ter realizado, praticamente nos mesmos termos, há 10 anos atrás.

Enfim, uma conferência onde apesar da enumeração dos movimentos pacifistas e dos seus objectivos e lutas feita por Maria Carrilho, dos exemplos de unidade trazidos pelo representante da Juventude Socialista Belga, não saiu qualquer proposta de acção. Podem faltar menos de dois meses para a instalação dos novos mísseis americanos na Europa; na RFA está em curso o «Outono quente»; mas, em Portugal, o debate sobre a paz esgota-se, dir-se-ia, no termo desta iniciativa da JS, na apologia do Ocidente. ■

Excertos da Resolução sobre a Paz e Desarmamento da União Internacional das Juventudes Socialistas (IUSY) da qual a JS é membro:

«São reivindicações da IUSY:

«— a não instalação de novas armas nucleares de alcance intermédio «Pershing-2» e «Cruise Missiles» e a cessação imediata de todos os esforços dirigidos para esse fim;

«— que a URSS reduza os seus mísseis de médio alcance e as cabeças dos mísseis pelo menos ao nível do número que possuem os britânicos e franceses;

«— que os EUA mudem de atitude e mostrem vontade de negociar, tendo em conta as propostas positivas apresentadas pela URSS;

«— a ratificação imediata dos SALT II e a intensificação das converseções de Viena;

«— o imediato congelamento de todas as armas nucleares. Isto deve incluir investigações, testes, produção e instalação de qualquer tipo de armas nucleares. Esse congelamento será a melhor base para as negociações sobre redução de forças nucleares a Leste e a Oeste;

«— a participação de todos os países europeus nas negociações sobre redução de armas nucleares estratégicas ou tácticas na Europa, as quais, até agora, têm lugar apenas entre os EUA e a URSS;

«— o desenvolvimento de conceitos alternativos de defea de acordo com os interesses e a situação europeia;

«— finalmente, as duas potências hegemónicas, EUA e URSS, devem declarar que não colocarão armas em nenhum país europeu, que não controle, processe ou produza essas armas, e que ambos não usarão essas armas em confrontação com outro país. Um primeiro passo será a declaração de não ser o primeiro a usar as armas nucleares.»

NO CENTRO DE ALHANDRA

PRONTO A HABITAR
COM PARQUEAMENTO

ESQUINA COM A
RUA S. JOAO DE DEUS
e AFONSO
DE ALBUQUERQUE

4 e 5 ASSOALHADAS

FINANCIADO

INFORMAÇÕES NO LOCAL INCLUINDO SABADOS E DOMINGOS.
OU NA

PREDITUR

MEDIADORA DE PROPRIEDADES URBANAS E TURÍSTICAS, LDA.
(AUTORIZADA OFICIALMENTE DESDE 1972)
AV. ELIAS GARCIA 147-5 Dt — 1000 LISBOA
☎ 734350, 734353,734022

fp SINDICATO DOS TRABALHADORES
DA FUNÇÃO PÚBLICA
DO SUL E AÇORES
sul e acores

CONVOCATÓRIA

Ao abrigo do art.º 6, n.º 2 do Regulamento das Delegações de Área Geográfica e de acordo com o Regulamento Eleitoral, anexo aos Estatutos do Sindicato, convocam-se os sócios, no pleno gozo dos seus direitos sindicais, dos Concelhos do âmbito do Sindicato para **Assembleias Eleitorais** a realizar no dia **23 de Novembro de 1983,** simultâneas com as dos Corpos Gerentes, com o seguinte objecto:

ELEIÇÃO DOS SECRETARIADOS DE ÁREA GEOGRÁFICA

Os processos de candidatura deverão ser presentes à Direcção do Sindicato até às 18 horas do dia 4 de Novembro de 1983.

A eleição só se realizará nos Concelhos onde surjam listas candidatas até esta data.

A Direcção informará os sócios do respectivo âmbito, da existência das candidaturas.

Lisboa, 17 de Outubro de 1983.

A DIRECÇÃO

HOSPITAIS CIVIS DE LISBOA

SERVIÇO DE AQUISIÇÕES

CONCURSO N.º 3-0015/84

Aquisição de hemodializadores para o Depósito de Consumo dos Hospitais Civis de Lisboa.

Recebem-se propostas até às 9.30 horas do dia 11 de Novembro próximo, para o mencionado concurso.

Os concorrentes poderão pedir no Serviço de Aquisições (Campo dos Mártires da Pátria, 91), todos os dias úteis das 9 às 11.30 horas e das 14 às 16, as respectivas condições.

Serviço de Aquisições dos Hospitais Civis de Lisboa, em 10 de Outubro de 1983.

O Chefe do Serviço
a) Ilídio Luís de Sousa

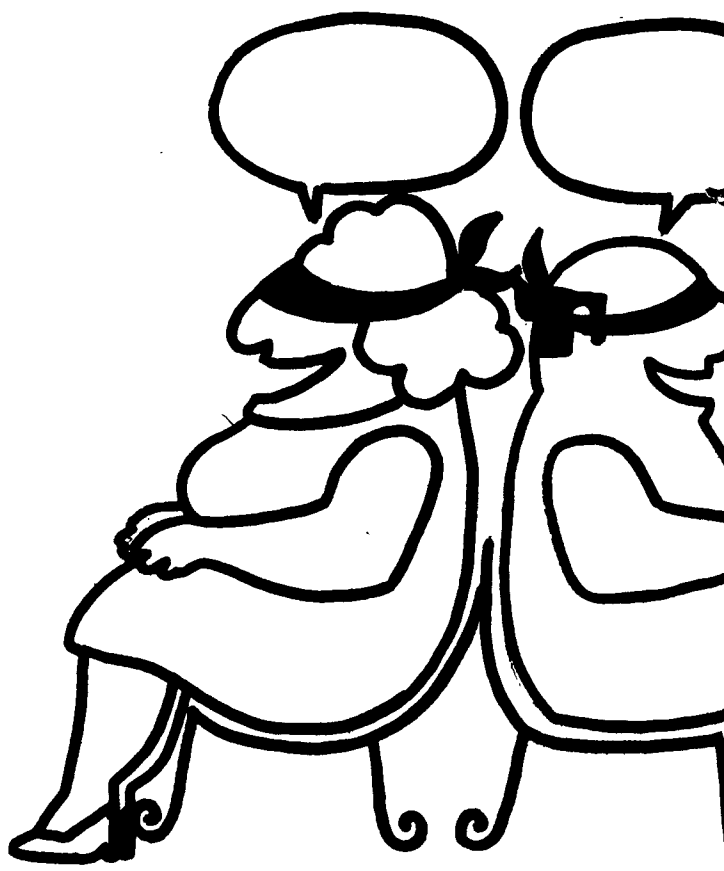
Desmontagens do quotidiano

A nova situação da mulher

Não são novos os conflitos homem/mulher, antes ganham hoje, novas roupagens, um novo sentido, que só pode ser entendido à luz das modificações estruturais operadas a partir das sociedades industrializadas, na sua fusão com as peculiaridades culturais.

Duma qualquer conversa entre dois homens rondando os 30 anos, por detrás dumas cervejas, numa esplanada de Verão, partimos para a desmontagem do problema da conflituabilidade dos sexos no nosso quotidiano.

Ana Fernandes, Luís Baptista



«... se a gente não se põe ao alto qualquer dia fazem o que querem de nós... é só reivindicar!... Mas eu cá nessa não vou... Até acho bem que trabalhem, que as mulheres são iguais aos homens...»

Com a abertura ao mundo do trabalho abrem-se também os horizontes da mulher. A sua independência económica começa a pesar decisivamente no modo de relacionação com o homem. O próprio casamento é abalado na sua estrutura tradicional e o trabalho de casa deixa de poder ser perspectivado como do exclusivo domínio da mulher. As preocupações profissionais assaltam esta mulher que se torna reivindicativa e interessada em também decidir, abandonando aos poucos a imagem de submissão servil. As novas condições sociais desenvolvidas a partir do século XX, e a que alguns mesmo chamaram de «Revolução Social», trouxeram de facto inúmeros argumentos para uma posição diferenciada da mulher face à sociedade «dominada» pelos homens. O acelerado desenvolvimento económico de algumas sociedades contemporâneas sustentou muitas das modificações introduzidas nos valores, na moral, tudo justificável em função do máximo lucro. No entanto, a questão não se tem desenvolvido linearmente e deste modo quando chegamos ao nosso país deparamo-nos com obstáculos estruturais ainda dificilmente ultrapassáveis. As ideias da «Revolução Sexual» e dos movimentos de «Libertação da Mulher», discutidas já, em muitos lugares, como ultrapassadas e necessitadas de reformulação, têm ainda na maioria dos casos, um sabor de novidade perante o qual ainda há choques e posições de total desconhecimento. A posição de autoritarismo expressa em «pôr-se ao alto» parece não se poder desligar da inculcação duma ideologia conservadora a que a ideia de igualdade dos sexos surge como remate de modernidade. A visão é a da moral cristã em que o estatuto da mulher está bem definido: boa mãe e esposa fiel e dedicada, ao mesmo tempo que a necessidade de acompanhamento do novo tipo de relações, dos novos valores de modernidade invade a vivência colectiva dos portugueses. Nas questões de tradicionalismo não podemos deixar de atender o lugar ocupado por Portugal numa perspectiva de cultura mediterrânica em que o código de honra, ligado à integridade física, toma particularidades bastante condicionadoras às inovações do mundo industrializado. O complexo cultural constituído por este tipo de culturas (mediterrânicas) tem hoje uma expressão bem viva que encontramos, por exemplo, na mitificação da mulher nórdica, deformação erótico-carnal.

«... Pois, até acho bem que trabalhem. Vestem bem, fazem lá a sua vida.»

O diálogo continua e as ideias precipitam-se, da posição da mulher face ao homem intenta-se agora pela questão da liberdade de acção da mulher. Ela que é solteira e desejada deve assegurar, garantir a sua autonomia de molde a mostrar o que é capaz de ser, limitando essa capacidade quase só em torno dum embonecamento, da construção da sua imagem estética. O vestir e fazer a sua vida, embora não se justaponham, apresentam-se ligados sem mais alternativas. Ter uma situação profissional definida torna-se um elemento positivo de avaliação feminina, especialmente quando esta, solteira, pode ter acesso directo «às suas coisinhas» de que é típica a expressão: «é pró- enxoval». Tudo se passa aí na iminência de qualquer coisa, de qualquer momento que está para acontecer. É aqui que a produção cultural da sociedade contemporânea actua, divulgada maçicamente em romances dos mais simples aos mais dificultados, e em que para todos há lugar. No entanto, é sobretudo em volta do futuro enlace que se desenrolam as histórias, as quais ainda canalizam os mais díspares sonhos prématrimoniais.

No quotidiano, pode-se ainda constatar que essa possibilidade de profissionalização não é normalmente utilizada pela mulher no sentido de procurar uma outra opção de vida, isto é, assegurando a sua independência aos mais diversos níveis mas antes a de uma melhor forma de se adequar áquilo que lhe foi determinado: casar, ser esposa!

Relações de casamento

«Casa-se um homem para isto!... Qualquer dia ainda vou ter que ser eu a fazer o comer... ainda se fosse uma coisa que gostasse!...»

As modificações operadas na nossa sociedade nos últimos tempos trouxeram consigo novos problemas que, quantas vezes, confundem mesmo os aparentemente mais esclarecidos acerca de tipo de relação a estabelecer familiarmente. Expressões do tipo «a gente sabe lá onde é que isto vai parar» parecem significativas duma grande confusão que se manifesta especialmente na divisão dos papéis familiares. «Fazer o comer», cuidar das crianças, a limpeza da casa não são coisas de mulheres?... E como reagem as mulheres à nova situação? Conciliar uma actividade profissional com todo o trabalho de casa (que ocupava as nossas avós doze horas por dia) torna-se, as mais das vezes, insustentável.

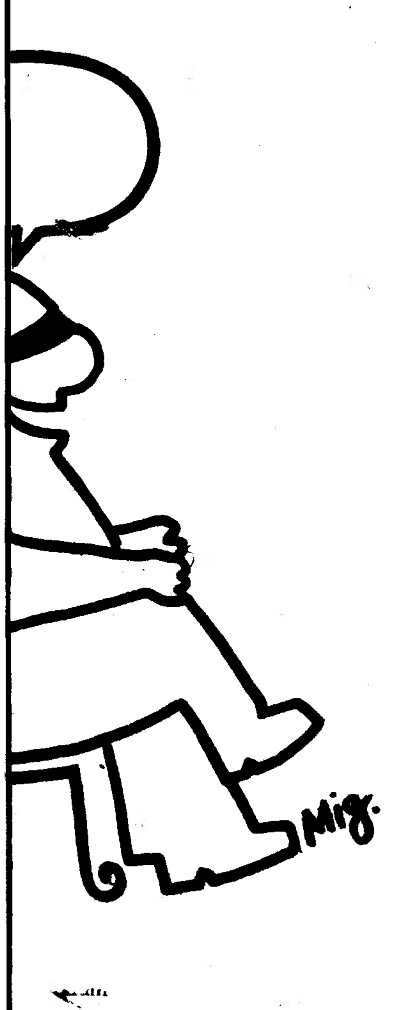
Mas o que implica esta mudança? Alterações parciais no estatuto da mulher trazem consigo contradições que a própria dificilmente consegue ultrapassar e que se acentuam nas relações matrimoniais. As formas e as maneiras de pensar, os valores, são produto de uma socialização que só o tempo poderá alterar. O recurso aos valores tradicionais, tais como a honra, a virilidade, perigosamente postos em causa pela mulher que sai de casa para trabalhar, é uma constante, apesar das formas subtis que por vezes toma nos estratos superiores.

«As mulheres... hoje em dia é muito diferente! Um tipo casa-se mas elas andam lá por fora, sabe-se lá a fazer o quê...»

É visível a dificuldade de adaptação aos novos condicionamentos, dificuldade que se acentua nos meios rurais, mais apegados aos valores tradicionais. Há como que uma imposição em relação ao homem, facto que o faz reagir, por vezes de forma violenta, e que nos faz pensar a mulher, simplesmente, como a vítima da situação. Os valores tradicionais não se adaptam à nova relação homem/mulher.

Se materialmente as inovações são fáceis de introduzir, e rapidamente a mulher saiu de casa e entrou no mundo do trabalho só gradualmente se virão modificar os modos e as maneiras de pensar, numa constante relação dialéctica no sentido da mudança. Mas que mudança? Será que está posta em causa a sobrevivência do casamento? Não será que apesar de tudo, este continua a ser a opção dos jovens no sentido de manter relações duradouras?

Sai de uma só vez em



Mulher/Ócio/Trabalho

Tradicionalmente invejada pela sua situação de ociosidade, a mulher das classes superiores, tanto como das outras, tem vindo a ser sujeita a um contínuo processo de modificações que têem alterado a perspectivação do trabalho feminino pelos diversos grupos sociais. A mulher ociosa, que não trabalha, apresenta-se hoje em dia desdobrada em duas personalidades: a mulher que não faz nada, desleixada, preguiçosa, que já nem sequer se sente objecto de atração — «... Eu! não preciso de agradar a ninguém, já lá vai o tempo disso...»; — dona de casa por desinteresse de qualquer outra actividade ou a da mulher de «society», sem emprego, mas adaptada ao ritmo da actualidade, perfumada e socialmente preocupada, frequentadora de saunas, ginásios, grupos de distinção. Assim, que aparentemente é o mesmo lazer distinguido apenas pela «fineza» das pessoas, não é mais do que uma subtil distinção marcada pela própria condição social da mulher.

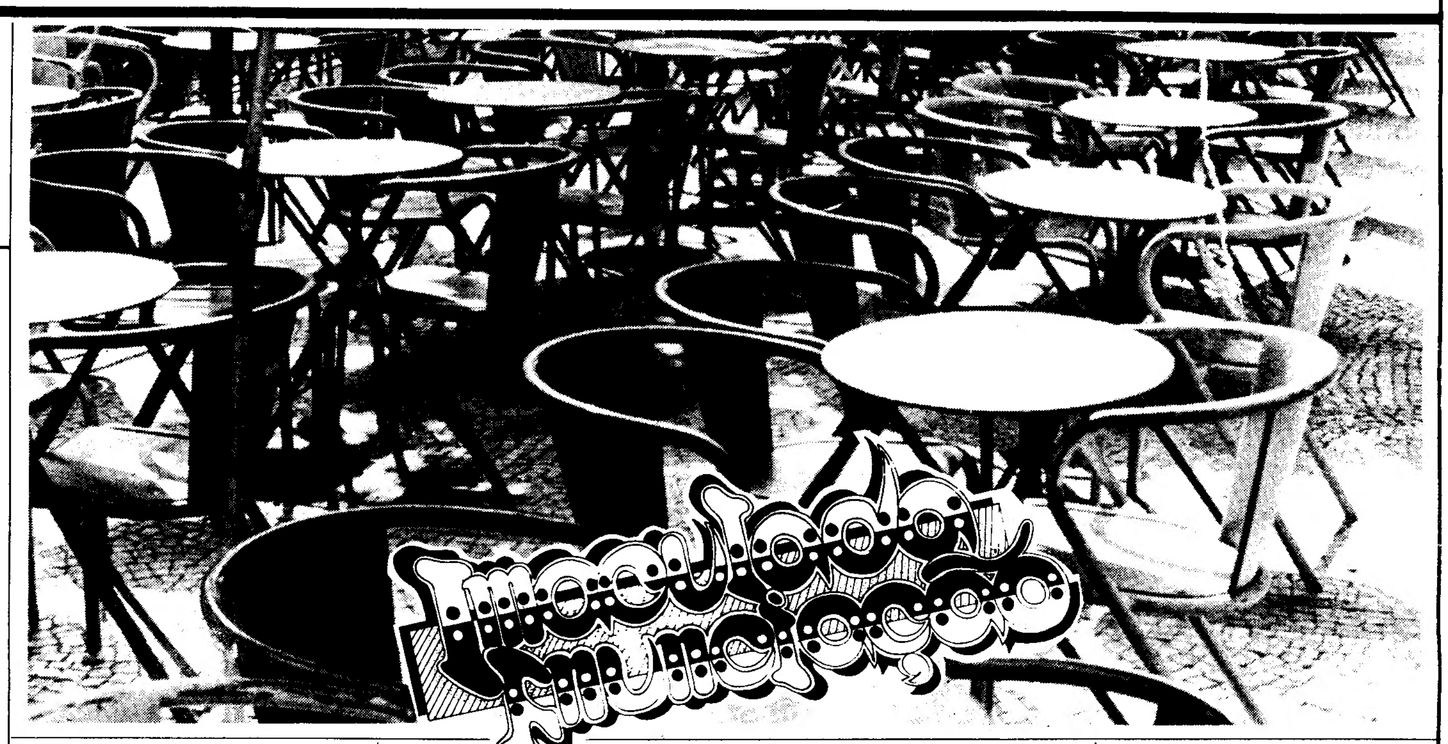
Nas classes populares, não trabalhar é um sintoma de bem-estar material, o que portanto não obriga a ter uma actividade regular fora de casa e que, dadas as limitações inerentes à condição social levam a sonhar uma imaginária disponibilidade semelhante à que os anúncios televisivos (destinados aos grupos médios e superiores) apresentam. O sorriso das «mulheres activas», bem penteadas, anestesia a impossibilidade de ascensão social, só possível a quem domina certos códigos.

Entre as classes médias, a situação é bem diferente. Inferida duma enorme vontade de ascender em todas as hierarquias, motivada para preocupações sociais muito mais amplas e desinibidoras, a mulher das classes médias é mal vista se desocupada. É necessário ocupar uma posição que permita a aquisição de determinados bens de consumo, tornados indispensáveis. Note-se que esta posição se vai alargando e mesmo nas camadas inferiores, a necessidade de consumo e ascensão se acentua, só que é agora o tipo de consumo que os vais distinguir na origem e no destino que levam.

Como sinteticamente já referimos a mulher das classes superiores tem, normalmente um passado de ócio e de convívio caridoso perante os menos possuidores, só que, aqui, a actividade se torna fundamental num sentido diferente do anterior. A tomada de consciência da necessidade de realização profissional leva a que a ocupação se articule com a possibilidade de disfrutar de tempo para outras actividades próximas de preocupações sociais e culturais. O tempo é assegurado assim como uma conquista vinda de trás a que as classes médias não chegam por necessitarem de maior aplicação na sua ascenção, e que as classes populares, por limitações diversas não estão em condições de usufruir. Assim a ideia de «vida activa» preenchida de ocupações, é diferentemente vivida e concebida, em cada um dos grupos sociais.

Por fim deve-se notar que toda esta problemática da mulher perante o ócio e o trabalho é indesligável da relação com o seu meio, sem que aí necessariamente a distinção homem/mulher se ponha como o centro das questões mas antes como consequência das relações de grupo/classe estabelecidas. Posto isto deve-se apontar que a diversidade das vivências nas diferentes classes em jogo é a tal ponto importante que facilmente encontramos as mais imprevisíveis opiniões que vagueiam entre a posição de tradição imposta nos mais insignificantes condicionalismos e cedências, e a crítica das sociedades contemporâneas e das castradoras relações ainda hoje mantidas entre homens e mulheres.

Mais uma vez, também neste caso, o recurso à explicação tradicional facilita e dá força ao que racionalmente não se consegue explicar e ela ressurge sempre que a inovação que se pretende defender não é suficientemente segura. ■



Luís Andrade de Sá

Quando esteve em Lisboa, em 1949, William Saroyan sentiu-se confundido de, sendo estrangeiro, não ter sido explorado pelo povo indígena:

«Obrigado — repetiu o viajante — o que quereria dizer? Em Roma, se tivesse oferecido a um motorista de táxi o que dei a este, ter-me-ia pedido três vezes mais. Eu concordaria. Depois, reclamava uma gorjeta referindo-se aos seus encargos de família e a um capitão de quem fora motorista durante dois anos».

Tal estranheza, manifestada em «O Assírio», ed. Organizações, 1956, livro situado na Lisboa do pós-guerra, uma cidadezinha exótica para um americano tranquilo com dólares na algibeira, tinha a sua razão de ser, sobretudo para quem desconhecia o aparente fraco grau de xenofobia do lusitano. Ao contrário das cidades flageladas da Europa, recém descobertas pelo turista americano, entendido como a segunda visita do U.S. Army ao Velho Continente e a quem se pedia, não já cigarros, chicletes e perfilhamento dos filhos que iam deixando, mas desprendimento no pagar, chorudas gorgetas e suficiente credulidade para comprar um pedaço de cano como se fora a pistola de Garibaldi, ao contrário das hordas que perseguiam o viajante, tentando-o enganar de todas as maneiras possíveis, em Lisboa apenas havia motoristas de táxi honrados, empregados de hotel solícitos e funcionários atenciosos, instituindo um comportamento que mais tarde viria a ser designado de «pobres mas honrados, tristes mas hospitaleiros».

Monumental equívoco ou serena realidade, o certo é que se encontram numerosas referências a este tipo de comportamento que, como veremos adiante, se foi diluindo na proporção do desaparecimento das divisas estrangeiras e, ainda hoje, há muito leitor que escreve ao seu jornal clamando contra o lixo nas praias ou o atraso nos comboios, não pelo que isso implica para todos nós, mas pelo que os estrangeiros poderão pensar.

Este estereotipo do miseravelmente honestos, que, no fundo, era xenofobia, pois a raiva, não se concentrando na pessoa forasteira em si crescia contra o resto do mundo, preservando o jardim à beira-mar, era quase cinematográfico: *«vejo-o com as feições de um português. Está numa sala sombria e olha para uma praça salpicada de sol. Entre a praça e a sala, a persiana. Olha através dela. Agora, o quarto torna-se completamente escuro, como se a sombra se concentrasse num tinteiro»* (E. Jünger).

Eternamente saudosos, faces sofridas, mulheres de negro, crianças vendendo jornais, canções dolentes, enfim, a comunhão do luto com o Sol, mediatizada pela persiana, não impedia, contudo, que o estrangeiro se sentisse em casa (melhor que em casa) confiante e confiado que não seria enganado nos trocos ou na tarifa do táxi.

Deste estado de coisas, deste tinteiro, bebeu a propaganda do regime (também ele um «regime honesto e transparente»), sacrificando o exaltar de uma certa dinâmica de captura do passado marítimo à publicidade dos novos valores que faziam do português um português suave.

Passámos a ser os bonzinhos da história e simultaneamente estava criado um novo valor: a honradez. Para Salazar, os portugueses honestos não se metiam na política e a oposição, no caso do PCP, defendia a «unidade de todos os portugueses honrados» para acabar com o fascismo. O índice de honra media-se pelo estar e não estar lá, na luta, o que revela o carácter singular da noção, avessa a outros conceitos da época, mais radicais, juvenis mesmo, como os do general franquista Queipo de Llano que afirmava que a Guerra Civil espanhola, mais que uma luta entre Deus e o Diabo, era uma guerra entre valentes ou os de Moustapha Ziegfried que dizia que a honra estava em morrer no campo da batalha, independentemente do lado de que se estivesse.

Esta tranquilidade, o mito da grande família que (nunca) fomos, harmoniosa e sensata, pela oposição com a intranquilidade actual, parece que nunca existiu e quem quiser procurar os seus símbolos terá que buscar naqueles que nos visitavam os vestígios, as referências da dita bonomia. A tal ponto que o grupo «Heróis do Mar», intransigentemente chauvinista, não achou nada melhor que uma estampa germanófila para servir de capa a um disco saudoso de quietudes passadas, naquela que será, porventura, a pior capa da discografia portuguesa.

Como se ia dizendo, hoje já não apenas se pratica a saudável e sempre patriótica arte de explorar o camone, tentando fazer o que a Economia não consegue, desvalorizar-lhe as divisas numa proporção justa, fazendo-o pagar por duas imperiais numa esplanada o que o português paga pelo quilo da carne de vaca, como também, como se nunca o tivessemos feito, nós andamos a subtrair uns aos outros.

Não se trata do roubar clássico, resolvido à bala, mas da outra actividade conhecida como o *esquema*, aliás, a corrupção pirosa, a qual, diga-se, deverá chegar e sobejar, em volume de queixas, para que a Alta Individualidade nomeada pelo Governo para os casos de corrupção nunca se venha a ocupar da grande corrupção. A genealogia do esquema é o tempo, a falta de tempo, razão bem forte uma vez que, se no País nada funciona a tempo e horas, não se pode pedir a um fornecedor de serviços que cumpra pontualmente com a sua obrigação.

A culpa será, então, de quem requisita o serviço, porque o não pediu a tempo, porque não contou com o atraso disto ou daquilo, porque há um grande volume de pedidos, porque. Nessa situação, confrontado com fortes razões que o impedem de adquirir o desejado conforme gostaria, o requerente adivinha o não-dito, prevê que, face à intransigência, terá que desembolsar uma outra quantia para além do preço oficial. Frequentemente, a dificuldade reside em não se saber quanto valerá o «jeito» que alguém faz pois não se trata de dar 20$00 ao homem do gaz ou 90 contos a quem livra o mancebo da tropa. Há que moralizar o esquema de forma a que ambas as partes fiquem contentes:

Serviços simples relacionados com comunicações, electricidade, água, gaz, esgotos, lixos, etc., entre 2000$00 e 3000$00 e, excepcionalmente, 5000$00, podendo a quantia ser repartida até ao máximo de quatro pessoas.

Serviços complexos relacionados com o anterior, que requeiram aprovações, conhecimentos técnicos, integração em planos gerais, modificações importantes, etc., entre 15 000$00 e 25 contos.

Recuperação de viaturas roubadas em curto espaço de tempo, de 2500$00 a 12 000$00, dependendo da marca e do sítio de onde foi retirada.

Marcação de consultas em cima da hora para clínicos superlotados, 500$00. Rasgar do talão da multa por infracção ao código da estrada, 500$00 a mil escudos. Rápida aquisição do último modelo, esgotado, de uma marca automóvel, de 10 a 12 contos. Marcações em voos domésticos lotados, 750$00, idem para voos internacionais, de 1000$00 a 1500$00.

E por hoje basta, advertindo-se, no entanto, que por razões de discreção é sempre preferível agradecer o «jeito» em papel moeda (ticket restaurante incluído) do que convertê-lo em garrafas de *whisky* ou acessórios para automóveis e que este pacto telepático, não escrito, não dito, adivinhado, obriga as partes a cumprirem com as suas obrigações. ■

Limbos

Gourmets ou não gourmets, a todos aproveita saber

A cozinha (francesa) de amanhã começou em 1604

QUE se passa com a cozinha, em França? A pergunta, periodicamente feita, exigiria uma longa análise. E, antes de mais, que cozinha? A de toda a gente e do quotidiano? A das festas e do restaurante? Na verdade não é a mesma, e se outrora a estalagem, a mesa de hospede, eram o que estava ao alcance da cozinha dos particulares, hoje, essa cozinha é o reflexo da dos restaurantes à moda. A cozinha tornou-se uma moda!

No entanto, não o esqueçamos, a cozinha é, antes de mais, o material cozinhado, o reflexo do produto. Conheço «o meu» mercado há quase meio século. Ia lá em criança. Nesse tempo mais de 80% dos vendedores de frutas e legumes eram camponeses produtores vindos dos arredores. Os produtos eram vendidos na estação própria e eram uma garantia de frescura dos produtos, talvez menos belos do que os de hoje mas muito mais saborosos. Contam-se agora pelos dedos da mão os filhos desses vendedores, e as lojas de frutos e legumes apresentam todo o ano produtos temporões. É a tentação!

E a dona-de-casa compra e cozinha cerejas em Janeiro, feijões verdes todo o ano, etc. A carteira ressente-se. A cozinha ainda mais. E a saúde.

A cozinha é o reflexo de uma sociedade. Ela era economia doméstica, habilidade e procura das melhores e mais proveitosas preparações, meditação do anjo do lar sobre a felicidade de todos. Ela é hoje cansaço, mais procura daquilo que se faz depressa e do que é bonito, do que é bom. Imitação em vez de tradição. Mas, visto que essa cozinha do lar se inspira na dos restaurantes (por causa dos medias — e os cronistas talvez tenham contribuído para isso, assim como aos velhos livros de cozinha caseira se sucederam as obras coloridas dos chefes, quando um clássico de Ginette Mathiot, por exemplo, como **la Cuisine de Tante Marie**, vale mais do que as transcrições desses grandes chefes!), — já que os restaurantes são, através dos magazines, os mestres de comer da dona de casa, tentemos ver, através dessa mesma dona-de-casa, em que situação se encontra a nossa cozinha.

Vitalidade de um povo

Restaurantes de Paris ou da província? A falar verdade já não há grandediferença. Toda a província seguiu as pegadas da capital. Encontra-se nas listas de Cannes, de Biarritz, de Lille e de Brive-la-Gaillarde os mesmos «legumes» que são como que o brazão da nova mesa. É preciso auscultar a terra com grande cuidado para encontrar os vestígios desse regionalismo que mostrava, através das suas especialidades autênticas, a vitalidade de um povo: o peixe do rio, os legumes acabados de colher, o vinho da região... Os pessegueiros próximos estão carregados de frutos que não se vendem, mas o sorvete é com kiwis; a herdade vizinha tem criação, mas os escalopes de peru chegam embalados; há no tanque peixes gostosos mas propõem-nos pequenos escalopes de barbo, que se mostra, de resto, sentido por uma longa viagem...

Quanto aos «grandes» da província (e longe de mim a ideia de lhes minimizar o talento) a sua ementa não ficaria mal entre a Étoile e o Panthéon. Com algumas excepções (um Daughin em Auch, um Vanel em Toulouse, um Brun em Marselha) e também com os desconhecidos nas pequenas cidades perdidas fora do circuito gregário das férias. A vida desses provincianos não é fácil. Eles devem fazer muitas vezes o seu ano em alguns meses turísticos, com grandes encargos e uma clientela menor, com um pessoal cada vez menos qualificado. Isto explica que muitos vão para Paris, como Le Divellec que abandonou La Rochelle, que o abandonara a ele, como Charvet, que deixou Nîmes.

Falemos então dos restaurantes parisienses. Eles vivem, como todo o comércio, um período de crise. Muitas casas desaparecem ou são passadas: «**Metade dos restaurantes parisienses estão à venda**», assegurava-nos. Mas, em contrapartida — e como explicar isto? — todos os dias abrem novos restaurantes.

Estas dificuldades explicam os preços proibitivos dos restaurantes? Em parte. Mas ainda era necessário que esses altos preços correspondessem a um serviço excepcional, fizesse da refeição uma festa... E que houvesse, no prato, algo para comer. Refeições de negócios, refeições de festa... Já não as há na província mas em Paris vão-se mantendo. O cliente prefere uma refeição em duas a uma meia refeição, mostram-no as contas dos bons restaurantes. Os bons vinhos vendem-se, mesmo que no dia seguinte as pessoas se contentem comendo pouco. É o que faz o êxito dos **bouchons**, esses bistrots onde as pessoas se contentam com duas sandwiches de pão caseiro e dois copos de um vinho decente.

Mas eis que a voga desses **bouchons** faz aparecer bons e maus, e o snobismo faz com que sejam vendidos a copo vinhos excelentes a preços aterrorizadores. Um copo de bordeus no bar de vinhos do Intercontinental é vendido a 21 francos. Se for acompanhado por um «cheiro» de caviar e salmão, que substituem a linguiça de Vire e o queijo a soma será a de uma refeição completa no bom restaurante vizinho! Extravagante!

Outro meio de matar o apetite a preço baixo é as batatas fritas, o pão, a massa, o arroz. Daí a multiplicação dos **fast-food**, dos sino-vietnamitas, e, há alguns meses, dos italianos. Mesmo a nova cozinha, sem dúvida para compensar as mini-porções de matéria-prima cara, acrescenta-lhe as suas massas (frescas, é certo, ou, pelo menos, anunciadas como tal). Mas elas não são compensatórias. Enchem muito, e isso esconde um lamentável desequilíbrio dietético. Comer acima dos próprios meios ou alimentar-se à custa da saúde futura?

Uma deliquiscência do paladar

Assistimos a uma deliquiscência do paladar. O consumidor não sabe reconhecer o pasteleiro que aumenta a proporção de açúcar nos seus bolos, para diminuir a de manteiga. Ele não descobre a diferença entre o doce de fábrica e o artesanal. Seja! Mas que ao menos os restaurantes não sirvam como frescas **saint-Jacques** em saquinho, como **scampi** lagostins que não vêm do Adriático, etc.

Gostaria de convidar os **gourmets** a militar por uma abertura na cozinha. Dentro de algumas décadas saber-se-á o mal que «a nova cozinha» fez à cozinha. Depois de a ter apregoado e aceitado, é de bom tom troçar dela (no seu último livro **la Tempête** o caro Barjavel serve aos seus heróis uma lagosta com beringelas meio cruas recheadas de grãos de cassis meio cozidos, uma lagosta **new cuisine**). Mas uma análise mais profunda mostraria a sua responsabilidade numa desestabilisação da cozinha e os prejuizos que causou no espírito incerto de muitos cozinheiros parvos, arrivistas, pretensiosos, ou tudo isto ao mesmo tempo. O que é preciso, para salvar a cozinha, é um regresso às origens que também seja uma «abertura». E, justamente, acaba de ser publicada a primeira edição de uma obra de 1604 intitulada **Ouverture de cuisine.**

O livro, impresso em Liege, é da autoria de Lancelot du Casteau, cozinheiro dos príncipes-bispos da cidade desde 1557. Apresentado e traduzido por Léo Moulin, grande erudito e **gourmet** com comentários pertinentes do meu confrade Jacques Kother, director do **Guide des connaisseurs de Bruxelles**, acaba de ser reeditado pela primeira vez (De Schutter — Anvers — Bruxelas).

A obra é apaixonante e essa cozinha que vem a seguir à maravilhosa Idade Média, cheia de ensinamentos. Nela se vê que o uso das batatas é aqui mais antigo do que em França, e que no banquete de 1557 em honra do príncipe-bispo Robert de Berghe se serviu caviar. Mas, sobretudo, Lancelot de Casteau mostra que no século dezasseis, em Liege, as pessoas se regalavam com ervas (hoje esquecidas pelos nossos chefes), tais como a borragem, acelgas, a buglossa, a betónica, a eruga e a pimpinela, isto sem contar com a valeriana, a salva, a erva cidreira, a tasna, a mangerona, o hissopo, o serpão. Lancelot de Costeau dá-nos receitas de pasta de ostras, de esturjão, de chocos, de caracóis. Põe pouco sal mas às vezes põe açucar (mel, claro está) no esturjão, por exemplo guisado, esturjão esse que também nos propõe assado, enrolado, em salsicha, em mortadela. Assim como atum.

Divagações

E aposto que esta ementa não destoaria das nossas mesas de festa e que os **gourmets** mais difíceis se alegrariam se ele fosse proposto por um Chapel ou por um Guérard:

— Sopa de ostras
— **Tartelettes** de cogumelos
— Porco com molho de pimenta
— **Espinafres com manteiga**
— **Beignets** de maçã

É pois de uma nova **Ouverture de cuisine** que nós precisamos, e não de divagações, de procura de produtos raros por vezes adulterados, de concessões ao mau gosto ou ao gosto deformado do consumidor que, em poucas décadas, devido à acção conjugada do progresso, dos medias, do mercantilismo, desaprendeu o gosto das coisas «verdadeiras».

Um regresso ao empirismo, uma procura, não do que dá mais lucros, mas da melhor qualidade intrínseca do produto, um respeito, enfim pelo consumidor, por parte do cozinheiro, considerado como um artesão não só da nossa alimentação, mas também da nossa saúde e do nosso apetite, isso, sim, seria novo. E bom. Uma abertura de cozinha... ■

Cinco anos depois da sua eleição

João Paulo II, único mestre a bordo

Alain Woodrow

TRÊS notícias recentes, provenientes do Vaticano, impressionaram muito os católicos. No dia 5 de Setembro, João Paulo II condenava vigorosamente o divórcio, a sexualidade pré-conjugal, a homossexualidade, o controlo artificial dos nascimentos, o aborto, a eutanásia e a ordenação das mulheres. A 8 de Setembro era a congregação romana para a doutrina da fé que publicava uma carta a lembrar que só os bispos e os padres podem dizer missa. Finalmente, a 17 de Setembro, o Papa pronunciava o mais severo dos requisitórios do seu pontificado, contra os meios «artificiais» de contracepção.

Que significa este endurecimento — na forma e na intensidade, se não no conteúdo — da doutrina pontifical? Cinco anos depois da sua eleição, João Paulo II pretende acelerar e completar aquilo que se esboça ao longo dos seus escritos, das suas tomadas de posição e sobre tudo das suas viagens através do mundo, para «confirmar» as Igrejas locais? As línguas dificilmente se soltam para lá das espessas paredes do Vaticano. Toda a gente reconhece que João Paulo II é «um verdadeiro patrão» e o «único senhor a bordo», mas as análises divergem no balanço dos seus cinco anos.

No entanto, duas piadas ouvidas na Cidade eterna resumem algumas das censuras que lhe são feitas. **«O Papa devia acrescentar no pesado calendário das suas viagens uma pequena paragem no Vaticano»**, dizem os que acham que o governo central da Igreja sofre com as ausências repetidas do seu chefe. **«Polaco a tempo completo mas Papa a tempo parcial»**, acrescentam os que se sentem aborrecidos, não com o interesse, no fundo legítimo, de João Paulo II pela sua pátria, mas com os numerosos conselheiros polacos de passagem pelo Vaticano ou de visita ao Papa.

Um estilo muito pessoal

Mas, para além dos ciúmes compreensíveis provocados pela presença em Roma, nos últimos quatro séculos e meio, do primeiro Papa não italiano, é o estilo do governo muito pessoal de João Paulo II que explica as atitudes mais reservadas. Não faltam os exemplos de decisões unilateralmente tomadas pelo Papa — é certo que depois de uma larga consulta — que parecem contradizer a doutrina de colegialidade tantas vezes apregoada pelo próprio João Paulo II.

Não é, por exemplo, segredo para ninguém que o cardeal Agostino Casaroli, o secretário de Estado (de certo modo o «primeiro-ministro») não concorda com todas as análises de João Paulo II — quer se trate da Ostpolitik (relações da Santa Sé com os países de Leste) inaugurada por Paulo VI, do escândalo do Banco Ambrosiano e do papel que nele teve Monsenhor Marcinkus (1) ou da presença política da Igreja na América Latina. Ora o cardeal Casaroli tem vindo a ser progressivamente afastado do poder, estando o seu papel praticamente reduzido ao papel de executante. Uma anedota diz muito sodre as relações do Papa com a segunda personalidade da Igreja. As audiências gerais de João Paulo II na Praça de São Pedro todas as quartas-feiras comportam uma longa homilia de teor teológico que muitos fiéis não acompanham. Um cardeal da curia que perguntava se ninguém podia sugerir ao Papa que simplificasse o seu estilo, ouviu a seguinte resposta: **«Só o cardeal Casaroli podia fazê-lo, e o Papa não o ouve!»**

Também no plano nacional os episcopados se sentem por vezes desaprovados pela autoridade suprema. Os bispos espanhóis tinham-se oposto, em maioria, à transformação do estatuto da Opus Dei do Instituto Secular, mas o Papa não deu atenção às suas objecções. Em Itália, apoiou publicamente o movimento Comunhão e Libertação depois de o episcopado ter exprimido as suas reservas perante este. E em França foi necessária toda a habilidade do arcebispo de Paris, assim como a amizade que o Papa tem por ele, para que o desacordo romano perante os novos métodos de catequese não fosse considerado como uma bofetada infligida aos bispos.

Finalmente o sinodo dos bispos, instância colegial por excelência, está longe de cumprir o seu papel, mesmo consultivo. Durante a última sessão, em 1980, consagrada à família, não só os bispos renunciaram a elaborar um documento final, como as propostas que eles entregaram ao Papa eram em grande parte irreconhecíveis na «exortação apostólica» que este publicou um ano mais tarde, sob o título **Familiaris consortio.**

O cantor, não a canção

O pontificado de João Paulo II é por vezes qualificado, em Roma, como **«monarquia absoluta»**. Quando o Papa se exprimiu sobre um assunto — o celibato dos padres (há três mil pedidos de laicização actualmente «bloqueados»), o uso do traje religioso ou o não-empenhamento político dos padres — ele espera uma obediência total. Alguns, que não escondem a sua

As qualidades que ele procura desenvolver, como a obediência, a disciplina, a piedade mariana, as instituições eclesiásticas fortes e visíveis na cidade secular, são evidentemente as que ele conheceu na Igreja de origem. E a questão essencial, para um dos nossos interlocutores é saber se o modelo polaco é o último modelo da Igreja de ontem, em vias de desaparecimento, ou o da Igreja de amanhã, como o pretendem os mais zelosos admiradores do Papa, tais como a Opus Dei ou Comunhão e Libertação. Para o Papa a Igreja é uma realidade social e ele não compreende a razão por que em Itália por exemplo, os quarenta milhões de católicos não mostram a sua força para defender a doutrina da Igreja sobre o divórcio ou o aborto.

Ora nos melhores sistemas há falhas. Graças aos valores redescobertos pelo Concílio Vaticano II (os da primazia da consciência, a liberdade religiosa, a pobreza dos meios, a verdade detida pelas Igrejas não católicas e as religiões não cristãs), a cidadela católica edificada depois do Concílio de Trento foi fortemente demolida. Para muitos católicos, sobre tudo os mais jovens, nascidos depois do Concílio, é impensável voltar atrás. Isto explica em grande parte a razão porque a linguagem de João Paulo II é tão mal aceite por alguns. Se as multidões acorrem para o ver durante as suas viagens internacionais, é principalmente para aplaudir e admirar uma figura carismática, um homem corajoso (aureolado pelo martírio desde o atentado falhado), simpático. O seu discurso é relegado para segundo plano, segundo o ditado inglês **«The singer, not he song»** (o cantor, não a canção).

Por outro lado a descentralização posta em causa pelo concílio com uma maior autonomia dada às conferências episcopais, torna muito difícil ao Papa falar sempre da mesma maneira. Ele deve contar com as culturas e os costumes locais, e, quando viaja, o Tom das suas homilias é muitas vezes dado pelos bispos que o recebem. Roma já não pode dizer a última palavra em todas as controvérsias que agitam a cristandade, porque o mundo é muito complexo e muito diverso. Foi assim que o episcopado americano pôde fazer uma declaração sobre o desarmamento nuclear, que vai mais longe do que a posição prudente da Santa Sé; e que, no dia em que João Paulo II, em Roma, punha em guarda os padres contra o empenhamento político, o cardeal Basil Hume, arcebispo de Westminster, intervinha, em Birmingham, na conferência nacional dos padres ingleses e galeses para os encorajar a **«ter um papel mais activo nas instituições nacionais: os sindicatos, o governo local, o Parlamento.»**

«A cavalaria ligeira»

São finalmente as ordens religiosas, mais penetradas pelo espírito conciliário que muitas vezes se mostram refractárias a qualquer nova tentativa de uniformização. A transformação da Companhia de Jesus, foi tal, principalmente durante os vinte anos que se seguiram ao concílio, que o Papa, aborrecido, acabou por pedir à «cavalaria ligeira da Igreja», para citar a frase do padre Pittau, delegado adjunto da Companhia, **«que descesse do cavalo e se convencesse de que agora é preciso caminhar todos juntos»**.

A ordem dominicana, cujos teólogos muito contribuíram para o concílio, acaba de dar novos exemplos da sua liberdade de espírito: primeiro elegendo como mestre geral um jovem sul-africano empenhado na luta anti-racial, depois aceitando, uma hora mais tarde, a sua demissão, em favor de outro candidato. O novo mestre da Ordem, o irmão Damian Byrne, prestou, de resto, homenagem, no seu primeiro discurso, **«aos nossos eminentes teólogos Marie Dominique Chenu, Yves Congar e Edouard Schillebeeckx.»**

A alusão a este último podia surpreender se se soubesse que o documento publicado pelo ex-Santo-Ofício sobre Ministérios e Eucaristia visava implicitamente os escritos do teólogo flamengo. O irmão Byrne confiou-nos que se sentira muito impressionado pelo padre Schillebeeckx: **«O primeiro dever do teólogo,** disse o novo mestre geral, **é o amor da verdade; o segundo a fidelidade ao magistério.»**

Preocupado por uma autonomia que considera excessiva em certas ordens religiosas, João Paulo II prepara-se para intervir. Nos Estados Unidos onde as religiosas são particularmente livres — algumas até militam pela ordenação das mulheres — o Papa acaba de nomear uma comissão composta de três bispos (2), que deve **«examinar a vida religiosa nos Estados Unidos»**. Diz-se, por outro lado, em Roma, que está iminente um documento pontifício sobre o assunto.

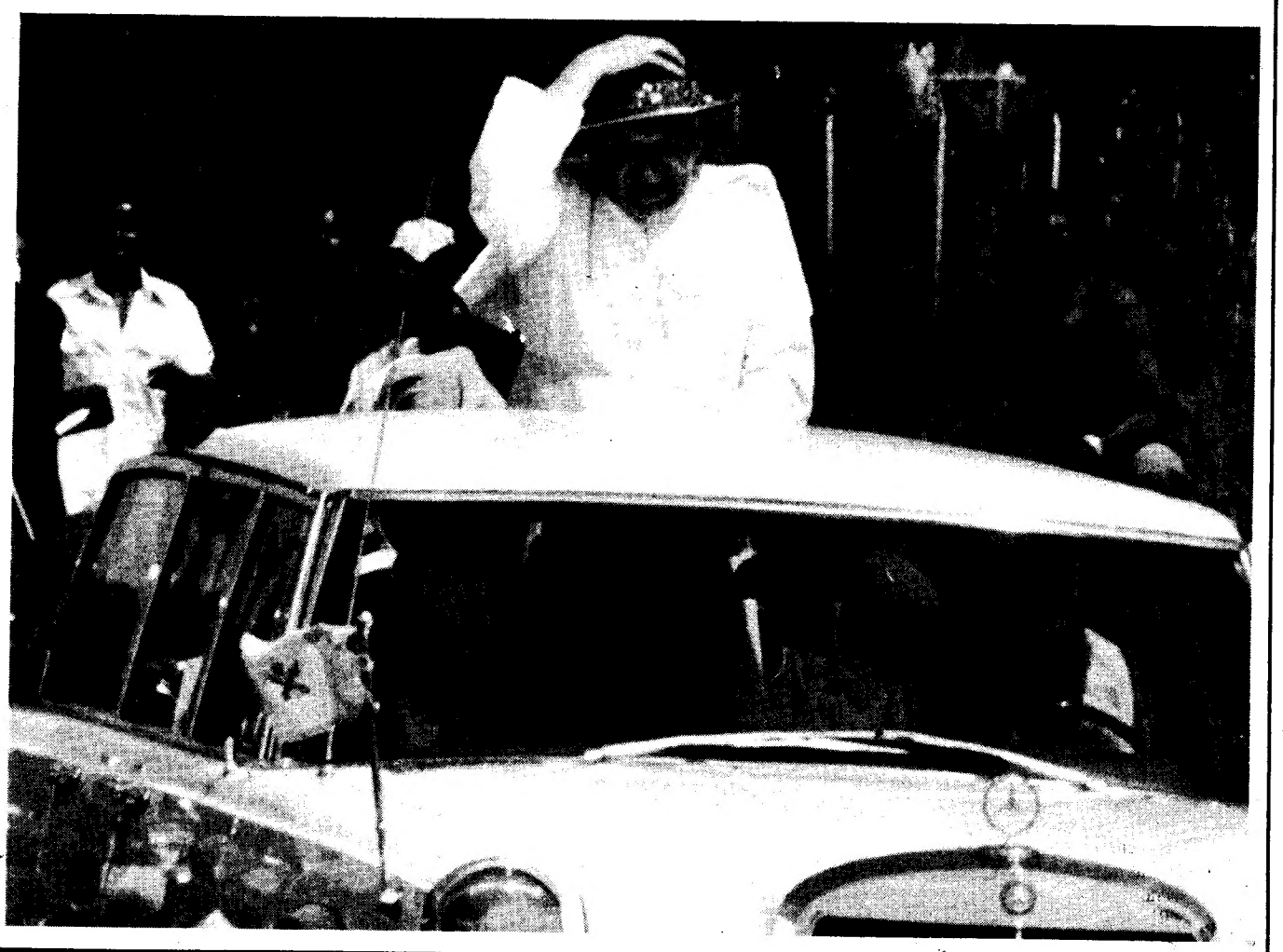
Assim, a política de João Paulo II é, por alto, a de uma restauração cristã. Ora, apesar da sua grande energia e da sua vitalidade, ele não podia fazê-la sozinho, e os assaltos de uma secularização inelutável pareciam demasiado fortes para não atingir os enclaves, até agora protegidos, como a Polónia ou a Irlanda.

Segundo um reputado teólogo romano **«o que restará deste pontificado não será a sensibilidade polaca deste Papa notável, mas as suas tentativas para ajudar as Igrejas locais a crescer e sobre tudo a sua acção política em favor do desanuviamento na cena internacional»**.

Notas

(1) O melhor livro sobre o «caso Ambrosiano» que acaba de ser publicado em inglês é o do correspondente romano do **Financial Times: God's Banker, an account of the life and death of Roberto Calvi,** by Rubert Cornwell, London, Victor Gollancz. 1983.

(2) Trata-se de monsenhor John Quinn, arcebispo de San-Francisco, monsenhor Thomas Kelly, bispo de Louisville (Kentucky) e monsenhor Raymond Lessard, bispo de Savannah (Georgia). ■



Sete Ponto Sete

doces crónicas

Diz ter assassinado mais de 150 mulheres

HENRY Lucas, o homem que diz ter assassinado 150 mulheres, poderá ter perpetrado 97 assassínios, em 13 estados diferentes, segundo os investigadores.

cerca de 90 elementos que investigam o caso tentam controlar desde há vários dias, as afirmações do preso, examinando os «dossiers» dos crimes não-esclarecidos. Reunidos em Monroe, na Luisiana, a pedido dos seus colegas, os polícias, procedentes de vinte estados, tentam verificar se as datas das mortes de que Henry Lucas é acusado correspondem a assassínios não-esclarecidos, ou se o detido está a mentir.

O detido afirma que cometeu o seu primeiro assassinato quando contava 13 anos de idade. Nessa altura, teria morto uma professora primária que se recusara a aceder às suas propostas. Henry Lucas teria explicado aos investigadores que perpetrara os outros asssassínios de que se diz culpado porque é necrófilo.

Henry Lucas está prestes a pulverizar o recorde de assassínios perpetrados por apenas um homem. John Wayne Gagy, um palhaço amador, foi responsabilizado pela morte de 33 adolescentes da região de Chicago, sendo a pessoa que perpetrou sozinha, o maior número de assassinatos.

Considerado «o maior assassino da história dos Estados Unidos», John Cagy foi condenado à morte, mas continua à espera da execução da sentença na prisão.

Clip

● Esta semana vai ser dominada, quinta, sexta e sábado, pelos espectáculos de **Ney Matogrosso** no Coliseu de Lisboa. É a primeira vez que os amadores de música brasileira (e não só) vão poder vê-lo e ouvi-lo ao vivo — sobretudo os que não têm filhos em idade escolar, porque para estes, Outubro é o mês da «rentrée», e os preços de entrada no Coliseu são uma notória «extravaganza» Ney Matogrosso apresenta especialmente o seu último álbum, «Pois é», acompanhado por 13 (treze!) músicos. Daí, sem dúvida, o alto valor das entradas... Se puder, não o perca. Não ficará arrependido.

● De entre as solicitações para os cinéfilos (e são várias, esta semana, nas salas comerciais, nas sessões da meia-noite e na própria RTP), destaque, no Clip, para o esplendoroso **A leste do Paraíso,** de Elia Kazan, com James Dean. Anote na sua agenda: sexta-feira, 21, no Quarteto, às 23 e 30 horas. Lá nos encontraremos.

● Também na sexta-feira, às 21 e 15, estreia-se na RTP a série «**MASH**», lançada nos EUA na sequência do êxito obtido pelo filme, com o mesmo tema, de Robert Altman. Cenário: a guerra da Coreia, mais precisamente uma tenda-hospital na guerra da Coreia. Clip aguarda com alguma expectativa.

● **Edith Piaf** nos anos sessenta: este segundo álbum evocativo da grande artista francesa surge quando Piaf ressurge em força, nos 20 anos da sua morte. Se foi seu «fan» ou aprecia a sua voz única, não o deixe fugir: ele poderia esgotar-se sem regresso, antes de se decidir a comprá-lo...

● Especialmente para os amadores de banda desenhada: a Meribérica publicou «A rapariga no tombadilho», o primeiro álbum de «Os passageiros do vento», de **François Bourgeon.** Bourgeon conquistou os amadores francófonos, alguns dos quais o consideram tão importante como Bilal. Para bom entendedor...